



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) - CAMPUS I
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JOSUÉ DE PAULO NEVES

**EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE ESTUDANTE NEGRO,
COTISTA E QUILOMBOLA DA ILHA DE MARÉ ATÉ O FIM DA GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**

Salvador

2024

JOSUÉ DE PAULO NEVES

**EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE ESTUDANTE NEGRO,
COTISTA E QUILOMBOLA DA ILHA DE MARÉ ATÉ O FIM DA GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte integrante da avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso III (TCC III) do 9º semestre de Bacharelado em Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Orientador: Prof. Me José Bonifácio do Amparo Sobrinho.

Salvador

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus por ter me sustentado nessa caminhada árdua e não ter me deixado desistir.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus pais, José de Carvalho Neves (*in memoriam*) e Roquelina de Paula Neves, por seu apoio incondicional ao longo de minha jornada. Reconheço o sacrifício e dedicação deles em garantir que eu tivesse oportunidades de educação e crescimento. Seu apoio moral e financeiro foram fundamentais para meu sucesso acadêmico, e sei que sem eles não estaria onde estou hoje. Sou imensamente grato por todo o amor, cuidado e apoio que me proporcionaram.

Expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, Prof. Me José Bonifácio do Amparo Sobrinho, por seu constante apoio e crença em meu potencial. Agradeço pela paciência, dedicação e orientação cuidadosa ao longo deste trabalho, reconhecendo sua contribuição significativa para o meu desenvolvimento acadêmico e para a conclusão bem-sucedida deste projeto. Suas orientações foram fundamentais para meu crescimento e aprendizado ao longo deste processo.

Gratidão à minha esposa Caroline e ao meu amado filho Joshua Calebe por seu apoio constante, motivação e inspiração ao longo da minha jornada acadêmica. Seu amor incondicional e encorajamento foram fundamentais para me manter focado e determinado mesmo diante dos desafios. O apoio deles foi uma fonte de força e inspiração, impulsionando-me a perseverar e a alcançar meus objetivos. Sou imensamente grato por tê-los ao meu lado, compartilhando cada passo desse caminho comigo.

Por fim, gostaria de expressar minha sincera gratidão aos meus amigos, com destaque especial para Misael Lopes, por sua constante disposição em oferecer ajuda nos momentos em que mais precisei. Suas valiosas contribuições ao longo da minha jornada acadêmica foram fundamentais para o meu desenvolvimento. Agradeço pelo apoio, pela amizade verdadeira e pelo incentivo contínuo que recebi, pois cada gesto e palavra foram essenciais para superar desafios e alcançar meus objetivos.

RESUMO

Este Trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar as experiências autobiográfica de estudante quilombola, negro, cotista da UNEB desde sua educação primária até a graduação. Durante a trajetória de investigação, os objetivos específicos categorizaram, mapearam e analisaram a experiência de vida do estudante, proporcionando uma compreensão mais profunda de sua jornada educacional e suas implicações acadêmicas, identitárias e socioemocionais. O método utilizado foi com base na abordagem qualitativa, onde se utilizou a teoria da análise de conteúdos para investigar a experiência autobiográfica de um estudante quilombola, negro e cotista na sua trajetória educacional até a conclusão da graduação. Os resultados apresentaram 7 eixos temáticos, a saber: eu, pessoa, minha família, trajetória escolar, condições na trajetória educacional, desafios na trajetória educacional, experiências de violência na trajetória educacional e diáspora educativa, bem como subcategorias que falam sobre as dificuldades enfrentadas na trajetória educacional, destacando a importância do poder público para as minorias, para a implementação de escolas nas comunidades quilombolas, permitindo aos estudantes concluírem o ensino médio em seus territórios. O trabalho buscou favorecer um olhar mais consciente por parte dos governantes a respeito das dificuldades enfrentadas por estudantes quilombolas, os quais precisam enfrentar adversidades para concluir sua jornada educacional.

Palavras-chaves: Trajetória educacional. Estudante quilombola. Cotista. Comunidades quilombolas. Universidade.

ABSTRACT

This graduation thesis aims to investigate the autobiographical experiences of a quilombola student, black, and a quota student at UNEB from primary education to graduation. Throughout the investigative journey, the specific objectives categorized, mapped, and analyzed the student's life experience, providing a deeper understanding of their educational journey and its academic, identity, and socio-emotional implications. The method used was based on a qualitative approach, using content analysis theory to investigate the autobiographical experience of a quilombola, black, and quota student in their educational trajectory up to graduation. The results presented seven thematic axes, namely: self, person, family, school trajectory, conditions in the educational trajectory, challenges in the educational trajectory, experiences of violence in the educational trajectory, and educational diaspora, as well as subcategories that discuss the difficulties faced in the educational trajectory, highlighting the importance of public power for minorities, for the implementation of schools in quilombola communities, allowing students to complete high school in their territories. The work sought to promote a more conscious perspective by the government regarding the difficulties faced by quilombola students, who need to overcome adversities to complete their educational journey.

Keywords: Educational trajectory. Quilombola student. Quota student. Quilombola communities. University.

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Definições associadas aos eixos temáticos identificados a partir da análise de autorrelato	48
Quadro 2 - Definições associadas ao eixo “Eu, Pessoa”	49
Quadro 3 – Definições do eixo associadas a “Minha Família”	54
Quadro 4 – Definições do eixo associadas a “Trajetória Escolar”	62
Quadro 5 - Definições do eixo associadas a “Condições na Trajetória Educacional”	72
Quadro 6 – Definições associadas às “Desafios na Trajetória Escolar”	83
Quadro 7 - Definições associadas às “Experiências de Vivência na Trajetória Educacional”.....	95
Quadro 8 - Definições associadas a “Diáspora Educativa”	102

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
3	MINHA HISTÓRIA	30
3.1	Minha Família	30
3.2	(Minha primeira) experiência escolar	30
3.3	Experiência escolar: a travessia	32
3.4	Meus pais: os incentivadores	33
3.5	Projeto universidade para todos: a oportunidade	34
3.6	Experiência universitária: medo e humilhação	35
3.7	Experiência universitária: a perda	36
3.8	Minha comunidade	36
3.9	Meu casamento	37
3.10	Experiência universitária: meu primeiro estágio	37
3.11	Família: minha saudade, meu incentivo	37
3.12	Universidade e saúde mental	38
3.13	Moradia universitária: extensão do quilombo?	42
3.14	Conclusão	45
4	METODOLOGIA	46
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
5.1	Eu, Pessoa	49
5.1.1	<i>"Reações Subjetivas às violências na trajetória escolar" (n=20)</i>	49
5.1.2	<i>Posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico (n= 9)</i>	51

5.1.3 Crenças sobre mim, pelo corte interseccional (n=7)	52
5.1.4 Josué (n=5)	53
5.1.5 Autoapresentação atual (n=1)	54
5.2 Categoria - Minha Família	54
5.2.1 Suporte socioeconômico e afetivo (n=16)	55
5.2.2 Pai (n=12)	56
5.2.3 Minha família (n=12)	57
5.2.4 Mãe (n=6)	58
5.2.5 Família vida pessoal (n=4)	59
5.2.6 Frases Marcantes (n=2)	60
5.2.7 Valores Familiares (n=2)	60
5.2.8 Estrutura Familiar (n=2)	61
5.3 Categoria - Trajetória Escolar	61
5.3.1 Trajetória escolar (n=19)	63
5.3.2 Universidade (n=11)	65
5.3.3 Vestibular (n=6)	66
3.3.4 Colégio Estadual Marcílio Dias (n=4)	67
5.3.5 Escola Nossa Senhora das Candeias (n=1)	69
5.3.6 Colégio Estadual João Caribé (n=2)	69
5.3.7 Estágio (n=2)	69
5.3.8 Sofrimento diáspora (n=2)	69
5.3.9 Escola Municipal Claudemira Santos Lima (n=1)	71
5.3.10 Soluções para diáspora (n=1)	71

5.4 - Categoria - Condições na Trajetória Educacional	72
5.4.1 Condições materiais (n=21)	73
5.4.2 Condições econômicas (n=13)	77
5.4.3 Condição institucional (n=10)	79
5.4.4 Condições para embarque (n=7)	80
5.4.5 Condição psicológica (n=2)	81
5.4.6 Condições sociais (n=2)	81
5.4.7 Mediador econômico - emprego (n=2)	82
5.5 Categoria - Desafios na trajetória escolar	83
5.5.1 Desafio Institucional (n=26)	84
5.5.2 Desafio material (n=22)	86
5.5.3 Desafio Psicológico(n=13)	87
5.5.4 Desafio Econômico (n=10)	90
5.5.5 Situações de perigo(n=8)	91
5.5.6 Soluções institucionais(n=5)	92
5.5.7 Enfrentamento(n=4)	93
5.5.8 Desinformação(n=2)	94
5.5.9 Desafio Social (n=1)	94
5.6 Categoria - Experiências de Violências na Trajetória Educacional	95
5.6.1 Violência institucional(n=6)	96
5.6.2 Exclusão - religiosidade(n=4)	98
5.6.3 Exclusão - atividades acadêmicas (n=3)	98
5.6.4 Intolerância religiosa(n=3)	99

5.6.5 Violência psicológica(n=3)	100
5.6.6 Violência moral/econômica(n=1)	100
5.6.7 Violência física(n=1)	101
5.6.8 Violência racial (1)	101
5.7 Categoria - Diáspora Educativa	102
5.7.1 Preço da Diáspora(n=5)	102
5.7.2 Sofrimento da Diáspora(n=2)	103
5.7.3 Solução para Diáspora(n=1)	104
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar as experiências autobiográficas vivenciadas por um estudante quilombola, negro e cotista da UNEB na trajetória educacional até a graduação. O tema proposto ergue-se a partir da minha vivência como um estudante negro, quilombola, que experimentou experiências, condições e desafios de diversas ordens da educação básica até minha formação, como psicólogo, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Os quilombolas são povos remanescentes de quilombos, formados em sua maioria por pessoas afrodescendentes, predominantemente negras. Conforme abordado por Sucupira, Pedroza e Alves (2014):

Nas inúmeras e diferentes regiões brasileiras, esses ex-escravos criavam estratégias para adaptarem-se e formarem suas comunidades, predominantemente constituídas por negros (Sucupira, Pedroza, Alves, 2014, p. 109).

Suas histórias são profundamente enraizadas na luta e na resistência contra a escravidão e a opressão. Marques, Soares (2013 *apud* Santos, 2015) destacam que as comunidades quilombolas fazem parte de uma das grandes questões emergenciais da sociedade brasileira. Estas foram formadas ao longo de séculos pela população negra de grupos remanescentes de escravos africanos no Brasil, geralmente organizada em comunidades rurais. A definição proposta por Santos e Chaves (2007) captura de maneira abrangente e profunda o significado de ser quilombola. Quando ele traz relatos dos próprios quilombolas.

Ser quilombola é pertencer a uma comunidade negra, assumir sua cor, sentir orgulho (50%), lutar contra o racismo, pela liberdade, pelos ideais, pelos objetivos (20%). “Ser quilombola é ter orgulho de sua comunidade e de seu povo” (participante nº.12). Ser quilombola é ter a “consciência limpa” (10%), isto é, sem preconceito. “Ser quilombola é pertencer a uma comunidade negra” (participante nº.16) (Santos; Chaves, 2007, p.359).

Como é tratado acima, ser quilombola em sua essência, vai além de um simples sentimento de pertencimento e de uma identidade étnica, trata-se de uma experiência enraizada na história dessa população, na cultura e na luta por justiça social, no orgulho de saber que seus antepassados são responsáveis pela criação do país.

Pertencer a uma comunidade quilombola implica mais do que simplesmente compartilhar uma ascendência africana comum, é sobre fazer parte de uma teia de relações comunitárias, onde os laços de solidariedade e colaboração são

fundamentais para a sobrevivência e o desenvolvimento coletivo, é sobre saber dividir o pouco e juntos permanecer firme e forte na luta.

A construção da identidade brasileira, só foi possível devido a forma como se deu a distribuição dos escravos que eram trazidos sequestrados de sua terra da África para o país. Dito isto, é importante ressaltar que essa forma de distribuição corroborou para o desenvolvimento do Brasil como conhecemos, com suas culturas diversas.

Furtado, Pedroza e Alves (2014) ressaltam a relevância da escravidão para a formação do país. Elas dizem que a distribuição dos escravos em todo território brasileiro possibilitou a construção da identidade brasileira, ou seja, foi a partir da presença dos negros em todo o país que houve possibilidade da existência de uma identidade cultural quilombola.

A existência dos quilombos evidencia a ideia de que a escravidão ocorreu a partir de relações violentas e hostis. Além disso, a distribuição dos escravizados e o tráfico se deram em grandes proporções em nosso território, o que ressalta a relevância da escravidão para a constituição e formação histórico-cultural da identidade brasileira (Furtado; Pedroza; Alves, 2014. p. 109).

Com a Constituição de 1988, os quilombos brasileiros ganharam reconhecimento de comunidades remanescentes quilombolas. Comunidades formadas a partir das fugas dos negros que foram escravizados e não aceitavam viver da maneira desumana que eram tratados (Santos, 2020).

Pessoas negras e quilombolas enfrentam várias dificuldades e desafios na sociedade. Existem fatores condicionantes para que esse povo viva de forma marginalizada. Esses condicionamentos se deram a partir da desqualificação europeia da cultura e religião, já existente na população negra (Santos, 2020). Isso está enraizado na sociedade e produziu consequências na formação da cultura dos negros, que vivem excluídos, com poucas oportunidades de emprego. Bem como a exclusão que o povo negro é condicionado a viver nos bairros popularmente negros sem infraestrutura adequada. Isso causa impacto diretamente na educação, nas relações sociais, profissionais e ambientais. Mesmo após o fim da escravidão, vemos o reflexo na cultura sócio econômica cultural no Brasil (Furtado; Pedroza; Alves, 2014. p. 108), país negro que é dominado pelos brancos, onde a escravidão está disfarçada e o povo negro continua vivendo à margem da sociedade, sem ter condições dignas de sobrevivência.

Braun, Oliveira e Silva (2024), através de uma pesquisa realizada com estudantes quilombolas, sobre a dificuldade de adaptação encontrada na vida acadêmica, constatou que os que a maioria afirmou sentir dificuldade com a adaptação, chegando a 63,6%. Partindo dessa pesquisa, podemos afirmar que a adaptação na vida acadêmica universitária para pessoas quilombolas, gera fatores que contribuem para que essa adaptação aconteça com mais dificuldade.

No que tange a entrada, sabe-se que o ingresso na Universidade leva o estudante a passar por processos de adaptações e mudanças significativas. Durante esse período, o universitário passa por momentos angustiantes e isso pode levá-lo ao adoecimento mental, físico, isolamento social, sentimento de menos valia etc, decorrentes de questões ligadas à mudança de cidade/comunidade, exigências dos componentes curriculares, condições sócio econômicas, bem como as condições de moradia. A saída de sua respectiva comunidade para estudar após anos de convívio com apenas a cultura do local, bem como ter sua identidade e sentimento de pertencimento já existente em si, pode ser um dos fatores determinantes na dificuldade de adaptação, visto que, a entrada em uma nova realidade cultural pode ser algo bastante complexo, devido ao processo de adaptação ao qual esse estudante terá que passar em um ambiente que até então era estranho.

A leitura de Braun, Oliveira e Silva (2024), permite identificar que a dificuldade de adaptação seja consequência do processo formativo que esses indivíduos passaram desde a educação básica. Ademais, o déficit que foi deixado no processo formativo produz implicações que ao chegarem na universidade, os estudantes quilombolas venham enfrentar dificuldades no currículo acadêmico, bem como no desempenho ortográfico, leitura, interpretação textual, e nas falas de segregação no meio acadêmico.

Outro agravo considerável, é a questão da faixa etária de ingresso na Universidade, onde alguns estudantes já ingressam recém- saídos do ensino médio, outros já adultos devido a questões sociais e estruturais.

Partindo para os estudantes quilombolas, fica bastante claro que fatores como os já citados acima tornam mais difícil esse mundo novo, e é imprescindível observar que existem diferenças entre os demais estudantes que ingressam em uma

Universidade, pois ações como costumes, rituais, práticas e culturas, se diferenciam, e isso acaba, de certa forma, causando impactos na vida acadêmica e pessoal.

É necessário um tempo para que esse estudante possa assimilar todo processo de mudança para assim sentir-se pertencente. Caso esse tempo não ocorra, o estudante carregará um sentimento de não pertencimento e inadequação até o fim da graduação... caso ele consiga chegar até aí.

Este trabalho, fundamenta-se em minha experiência autobiográfica, que produziu alguns questionamentos referentes à vivência de estudantes quilombolas, os desafios que tive que enfrentar para estar nesse espaço e os efeitos da base educacional deficitária no enfrentamento da vida acadêmica. Essas questões me levaram a refletir e buscar analisar as condições educacionais ao qual os estudantes quilombolas são submetidos, isso resultou na pergunta central da pesquisa, a saber: Quais são as experiências vividas por estudantes negros, quilombolas, cotistas em sua trajetória escolar?

Neste sentido, o trabalho favorece reflexões acerca das condições educacionais entre pessoas das comunidades quilombolas e a "cidade grande". Pois, devido a fatores de logística entre as comunidades e a cidade, alguns estudantes acabam tendo seu desempenho prejudicado, tanto nas escolas quanto nas universidades. Outro ponto preponderante, associado aos desafios e condições experimentados por estudantes quilombolas diz respeito às diretrizes curriculares de educação básica que assegurariam a equidade na educação do país, não constituir com efetividade como deveria. O racismo e a discriminação sofrida pela população afrodescendente, também pode corroborar para que esses estudantes venham fracassar no processo educacional, e muitas vezes lendo-os a abandonar.

Conforme Santos (2020, p.282-283):

Estudos realizados no campo das relações raciais e educação explicitam em suas séries históricas que a população afrodescendente está entre aquelas que mais enfrentam cotidianamente as diferentes facetas do racismo que marcam a sociedade brasileira. Há evidências de que processos discriminatórios operam nos sistemas de ensino, penalizando crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, levando-os à evasão e ao fracasso, resultando no reduzido número de negros e negras que chegam ao ensino superior, cerca de 10% da população universitária do país. (SANTOS, 2020, pp. 282-283).

Por este motivo, é necessário que o combate a esse tipo de discriminação, seja feito veementemente, para que os estudantes negros que entrem em uma escola ou universidade baseadas em epistemologias predominantemente eurocêntricas, sintam-se confortáveis sabendo que não serão discriminados e nem sofrerão racismo, sendo acolhidos e sentindo-se pertencentes àqueles espaços. A respeito disso, Santos (2020) destaca que os processos discriminatórios vividos por adolescentes, jovens e adultos negros levam à evasão escolar, influenciando na baixa adesão deste público às vagas nos espaços universitários, visto que esse percentual é apenas de 10%.

Há uma ligação entre a identificação étnico-racial de um indivíduo e seu desempenho acadêmico. Essa conexão implica que a percepção de pertencimento a um grupo étnico pode influenciar no sucesso escolar.

Conforme afirma Santos (2020, p.283):

Sabe-se hoje que há correlação entre pertencimento étnicoracial e sucesso escolar, indicando, portanto que é necessária firme determinação para que a diversidade cultural brasileira passe a integrar o ideário educacional, não como um problema, mas como rico acervo de valores, posturas e práticas que devem conduzir ao melhor acolhimento e maior valorização dessa diversidade no ambiente escolar.

Braun, Oliveira e Silva (2024), aprofundam a discussão sobre a compreensão do processo adaptativo de estudantes negros e quilombolas, por uma perspectiva que possa gerar benefícios identificatórios para recuperar e organizar informações relevantes sobre a evolução adaptativa desses estudantes, e assim poder compreender as demandas para que possa haver um planejamento em todas as instituições de ensino do Brasil.

Então, é notório que o sucesso escolar perpassa e se relaciona a questões raciais e culturais. Dito isto, os quilombolas, bem como os negros, têm mais dificuldade para obter um sucesso escolar, visto que esse povo sempre foi colocado à margem da sociedade.

Destarte, o presente trabalho pretende investigar as experiências vivenciadas por um estudante quilombola, negro e cotista da UNEB na trajetória escolar até a finalização da graduação, seu objetivo geral. Neste percurso, categorizar-se-ão, mapear-se-ão e analisar-se-ão as experiências vivenciadas por esta pessoa (objetivos específicos desta pesquisa). Por considerar-me um representante deste público, optei

por realizar esta pesquisa a partir de um relato autobiográfico, utilizando a narrativa do meu caso para identificar as eventuais facetas que podem desvelar as experiências de estudantes quilombolas em sua trajetória educacional até a formação superior.

A pesquisa apresentada aqui é justificável e se faz necessária, pois contribuirá com aspectos relevantes por, certamente, colaborar com que jovens e adolescentes que se identifiquem com minha história e sintam-se representados ao enxergar horizontes e eventuais soluções para os desafios vividos e para que, mesmo diante das dificuldades, tenham uma referência que os ajude a reconhecer suas capacidades de ir mais além em uma sociedade que os expulsa e limita em suas capacidades..

Após a conclusão, com todas as evidências que forem coletadas, essa pesquisa poderá ser publicada em artigos e possivelmente apresentada em congressos para fins de obter melhoria em relação à trajetória dos estudantes quilombolas na rede educacional. O estudo sobre essas questões possibilitará a percepção de jovens e adolescentes quilombolas que pensam em ingressar em uma universidade e percebem o processo de adaptação como um dos principais desafios para sua permanência na universidade.

Este trabalho está dividido em seis partes: introdução, experiências quilombolas na contemporaneidade, minha história, resultados e discussões e as considerações finais. O primeiro capítulo debaterá assuntos como o ser quilombola, as dificuldades vivenciadas por este público, o impacto negativo devido a questões adaptativas, bem como a discriminação e racismo sofrido. O segundo capítulo apresentará as experiências quilombolas na contemporaneidade. São discutidas questões vivenciadas pelos quilombolas nos tempos atuais, trazendo um arcabouço do tempo colonial. Essas discussões são baseadas em alguns autores que falam sobre o assunto. Posteriormente, será apresentada a minha narrativa autobiográfica, na qual encontra-se a minha história de vida, e os desafios que tive de enfrentar, para que eu pudesse permanecer estudando no ensino fundamental, no médio e, agora, no superior. A explanação do método utilizado para analisá-la está embasada na vertente de metodologia qualitativa, com uso de análise de conteúdo como estratégia de análise de dados. Os resultados da análise foram obtidos através do software de análise de dados Atlas.ti, onde foram identificadas as categorias relevantes da minha história de vida. A discussão foi embasada nos resultados que apareceram em cada

categoria. Por fim, nas considerações finais, destaco minha opção pelo uso do autorrelato e como isso pode beneficiar os jovens da minha comunidade. Também compartilho minha experiência ao explorar a história de luta dos quilombos e sua relevância atual. Esses aspectos ressaltam a importância da reflexão pessoal e da conexão com a história local para inspirar e capacitar os jovens em suas próprias jornadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No que se refere à experiência quilombola nos tempos modernos, são experiências que representam uma rica história de resistência, cultura e luta por equidade econômica, social, políticas e justiça social. Os quilombos, em sua maioria, são comunidades historicamente formadas por negros que fugiram para áreas remotas do país no período escravocrata. É importante saber de que forma os quilombos surgiram; é necessário falar sobre essa questão! O silenciamento sobre a formação do quilombo, de acordo com Nascimento (2020, p.96 *apud* Gomes *et al.* 2022, p. 46) "é uma das mais gritantes manifestações de apropriação da tradição pelo conformismo das classes dominantes".

Segundo Souza (2023), o surgimento dos quilombos foi de suma importância para desequilibrar o poder que os senhores de engenho detinham sobre negros e escravizados. E isso só foi possível graças a luta e a resistência dos negros contra as formas opressoras que lhes foram submetidas pelos escravocratas. Os quilombos existiram desde os tempos coloniais, e existem em todo território brasileiro. No entanto, é importante destacar que a formação dessas comunidades remanescentes no Brasil não se deu apenas com as fugas dos negros escravizados.

Conforme Carril (2006 *apud* Santos, 2012, p.18):

[...] a formação dos quilombos no contexto brasileiro não se restringe exclusivamente aos territórios surgidos a partir das fugas dos escravos. Embora o quilombo de Palmares tenha essa origem, outros quilombos resultaram da compra das terras por negros libertos, da posse pacífica por ex-escravos de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica, da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravos.

No entanto, os quilombos não obtiveram seu reconhecimento, após a promulgação da Lei que se desenvolve e estabelece o propósito da FCP. Para que isso acontecesse, foi necessário haver intimidação por parte de alguns movimentos negros.

Conforme afirma Fonseca (2021, p.53):

Só após cem anos de promulgação da Lei que pôs fim ao sistema escravista foi que o estado brasileiro, sob muita pressão dos movimentos sociais negros, reconheceu a existência dos vários quilombos, formados durante e pós escravidão no Brasil, bem como as condições indignas as quais os negros foram submetidos. Assim sendo, só com a Constituição Federal de 1988 é que o Estado brasileiro reconhece a existência de comunidades

“remanescentes de quilombos” no Brasil. Um momento importante que demarca mais uma vez, a atuação do movimento negro, com a “Marcha Zumbi dos Palmares”, realizada no ano de 1995, um marco histórico para a busca pela criação e implantação de Políticas Públicas voltadas para população negra brasileira. No ano de 1996, ocorreu no Maranhão, o I Encontro Nacional de Quilombos e em maio do mesmo ano, no município baiano de Bom Jesus da Lapa, foi criada a “Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas” – CONAQ.

É importante destacar que a maior parte dessas comunidades quilombolas encontra-se localizada na região nordeste do país. Faria (2020) afirma que a região brasileira, que concentra maior quantidade de comunidades remanescentes quilombolas, é a região nordeste. Se levarmos em consideração que a região nordeste é a que abriga a maior parte da população negra do país, torna-se evidente a presença da maior parte das comunidades remanescentes de quilombos do país.

Faria (2020) ainda relata que existem cerca de 2138 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares.

O Nordeste é a região que abriga a maior parte das comunidades remanescentes quilombolas do Brasil, comunidades oriundas da resistência dos negros escravizados durante a colonização, são cerca de 2138 comunidades remanescentes quilombolas certificados pela Fundação Palmares. Sendo o 43 estado do Maranhão e o da Bahia com 816 e 811 comunidades quilombolas respectivamente. Nos estados de Piauí são certificadas 88 comunidades, no Ceará 50 comunidades, no Rio Grande do Norte são 30 CRQ's, na Paraíba um total de 42 comunidades certificadas, Sergipe com 37 comunidades, Pernambuco com 195 certificações e Alagoas são reconhecidas 69 comunidades remanescentes quilombolas (Faria, 2020, p.42-43).

De acordo com Santos (2012), houve adaptação no sentido da palavra quilombo, onde sua origem se deu a partir da língua bantu ou banto sendo entendida de várias formas, essa relação demonstra uma historicidade e contextos específicos em diferentes regiões africanas.

Existem alguns conceitos relatos por Santos (2012, p.18):

A palavra aportuguesada quilombo tem sua origem na estrutura da língua bantu ou banto (kilombo) e pode ser entendido ainda, como acampamento guerreiro na floresta; o nome de uma região administrativa em Angola; habitação na região central do antigo reino do Congo; lugar para estar com Deus na região central da Bacia do Rio Congo; e significa ainda, na região centro-norte de Angola —filho de preto que não é preto.

Através dos conceitos apresentados, podemos perceber a riqueza histórica e cultural que a palavra quilombo carrega. Pois o quilombo demonstra uma história de luta, resiliência e conquistas de um povo que viveu diversas experiências.

Os quilombolas têm sua identidade social construída através da coletividade, onde os saberes ancestrais são passados dentro do grupo. No entanto, a construção da identidade social, não se dá apenas em grupo, ela pode ser construída tanto em grupo como individual e pode ser influenciada por alguns fatores.

Conforme Santos (2020, p.98-99):

Identidade social é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade. Pode ser construída de forma individual ou coletiva. 99 Existem vários fatores que influenciam a identidade social, porque afetam as suas interações em um sistema social, como por exemplo: a idade, gênero, classe social, nacionalidade, cor, religião etc.

Embora existam quilombos em outros países, as comunidades quilombolas brasileiras foram desenvolvidas como forma de luta e resistência contra a opressão dos escravocratas e senhores de engenho no tempo colonial.

Conforme destacado por Mohr (2023, p.36):

Na África, entre outras funções sociais, o quilombo era um acampamento militar de guerreiros, e aqui no Brasil tornou-se um tipo de comunidade organizada, com o objetivo de resistir à sociedade colonial e ao seu sistema escravista.

Até os dias atuais percebe-se a resiliência e força demonstrada pelas comunidades quilombolas que buscam através de movimentos sociais e suas cooperativas de associações fortalecer sua voz, valorizar a cultura, bem como a valorização dos produtos culturais para gerar renda em sua própria comunidade.

Contudo, não basta apenas ter força de vontade para driblar as questões da desigualdade social, política, econômica e educacional que existem no país. Pois, é perceptível a disparidade que ocorre no sistema educacional brasileiro que desde os primórdios, favorece a classe dominante. O negacionismo em torno dessa questão, acaba culminando em impactos negativos na base educacional da população em vulnerabilidade social. Por este motivo, é que as comunidades quilombolas brasileiras tiveram que percorrer um longo e dolorido caminho, enfrentando dificuldades e negações de direitos.

Conforme é abordado por Mohr (2023, p.39):

O caminho percorrido pelas comunidades quilombolas no Brasil está alicerçado por uma sequência de negações no âmbito da subjetividade, dos direitos humanos e sociais e do poder público, enquanto promotor de políticas

públicas que visam a cidadania. Percebo que, a partir dessas negações, o direito ao conhecimento de sua própria história e origem, bem como a educação que atenda às demandas dessa população, também é afetado.

As comunidades quilombolas sempre foram desamparadas pelos poderes públicos. Minimizar questões de acesso à saúde, infraestrutura básica, direito ao território e a educação, só perpetua o ciclo de injustiça e desigualdade que ocorrem desde que a sociedade brasileira existe. Isso acaba dificultando ainda mais a integração plena das comunidades remanescentes na sociedade, que luta para ter seus direitos respeitados. Essa prática, só contribui para que as injustiças e disparidades historicamente existentes se perpetuem, de forma que continuem afetando negativamente as comunidades.

Assim como no passado, as comunidades quilombolas atuais enfrentam uma série de desafios, como a luta pela titulação de suas terras ancestrais, preservação da cultura, e ter seus direitos cumpridos, como por exemplo, o direito à educação de qualidade voltada para especificidades das crianças das comunidades.

Conforme assinala Silva (2022, p.55):

A preocupação em garantir às crianças educação de qualidade acontece a muito tempo, no entanto, mesmo com todo o empenho em criar políticas públicas abarcadoras dessas necessidades, as crianças quilombolas têm esse direito cada vez mais distante. Quando tem escolas localizadas na mesma comunidade onde moram, essas escolas não atendem todas as séries iniciais obrigando que os estudantes se dirijam para outras localizadas afastadas da residência, mesmo com as diretrizes curriculares exigindo que sejam criados planos garantidores dos direitos das crianças quilombolas, ainda é um público com grandes índices exclusões.

No que tange à demarcação, titulação e direito das terras quilombolas, mostra-se ser um processo complexo e em sua maioria muito lento, marcado por disputas territoriais com grandes empresas agropecuárias e projetos de infraestrutura. Esses fatores contribuem muitas vezes para que o andamento da titulação dos quilombos se arraste de forma lenta.

Como está exposto por Santos (2012, p.78),

Apesar de a Constituição de 1988 ter reconhecido a legitimidade da demanda histórica dos atuais habitantes das comunidades quilombolas, o direito aos territórios não está assegurado como revelam as disputas políticas e jurídicas pelo reconhecimento do direito garantido constitucionalmente.

Como exposto por Santos (2012), quando ele relata sobre os discursos de acusação daqueles que são contra os direitos que por lei são dos remanescentes de

quilombos, esses discursos são deflagrados na busca de obter vantagens para seus próprios interesses.

Dentre os discursos opositores aos direitos dos quilombolas, há diversos interesses em jogo. Assim, os sujeitos diretamente envolvidos nos processos de titulação (pequenos produtores rurais, grandes empresas extrativistas, empresários do agronegócio etc.) têm adotado um discurso acusatório quanto aos parâmetros de definição do que seja uma comunidade remanescente de quilombo, no que diz respeito aos critérios adotados para a demarcação das áreas e às indenizações a serem pagas pelo INCRA.(Santos, 2012, p.160).

Embora haja por parte da constituição a garantia ao território, as comunidades continuam tendo que enfrentar obstáculos em prol da efetivação dos direitos na prática. Dito isto, esse contexto evidencia uma disparidade entre o reconhecimento legal da finalidade das comunidades quilombolas e a legítima garantia de seus direitos territoriais. Com isso torna-se evidente que ainda há um longo caminho a percorrer para assegurar plenamente esses direitos na prática.

A respeito disso, Furtado; Pedroza e Alves (2014), observam que algumas comunidades remanescentes de quilombo, mesmo possuindo registros que comprovam a legitimidade de suas terras, enfrentam situações de expropriação por parte de vizinhos interessados nas áreas em questão. Esse cenário evidencia a vulnerabilidade dessas comunidades, que, mesmo com respaldo legal, são alvo de conflitos territoriais que ameaçam a posse e permanência em seus próprios territórios.

Faria (2020), enfatiza a importância dos direitos das comunidades remanescentes quilombolas, que estão intimamente ligados à posse da terra e à preservação de sua identidade cultural, onde, mesmo que essas comunidades não possuam documentos formais de titulação da terra que ocupam, historicamente, o poder público ainda tem responsabilidade legal para com ela.

Outro aspecto importante é a forma como a medida foi interpretada, para que os remanescentes de quilombos pudessem ter direito ao seu território. Conforme Faria (2020, p.34-35):

A medida constitucional foi interpretada como uma reparação histórica de injustiça herdada da sociedade escravocrata brasileira e o reconhecimento dos direitos aos remanescentes quilombolas no Brasil. Os artigos 215 e 216 da Constituição Brasileira garantem a preservação cultural dessas comunidades.

Em outras palavras, isso garante formalmente, o título de propriedade das comunidades quilombolas para os remanescentes, e lhes garante também o direito à proteção de suas terras ancestrais, sua cultura e tradições.

O estado, tem obrigação de fazer cumprir esses direitos que se fundamentam nos princípios de justiça social, reconhecimento da diversidade cultural e bem como os direitos humanos. Ressalto ainda, a necessidade de garantir proteção para os líderes quilombolas que muitas vezes são alvos daqueles que querem de forma autoritária e violenta se apropriar de seu território.

Considerando que, a falta de segurança jurídica e a violência contra líderes comunitários, são obstáculos frequentes nessa jornada árdua e sangrenta, acaba se tornando espinhoso um posicionamento por parte dos quilombolas referente ao direito à terra. Embora os direitos tenham sido assegurados pela constituição de 1988, um exemplo bem recente a respeito da insegurança nos quilombos, é da líder quilombola Mãe Bernadete foi assassinada a tiros dentro da própria casa no quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, no ano de 2023. Dito isso, se faz necessário, a promoção de políticas públicas e medidas legais que reconheçam e protejam os direitos territoriais, as culturas das comunidades remanescentes quilombolas, e seus líderes, mesmo diante de desafios de falta de documentação formal da propriedade, cuja situação é enfrentada por inúmeras comunidades quilombolas brasileiras.

Segundo Faria (2020), apenas 7% das comunidades quilombolas do país têm o título de certificação, aproximadamente 154, enquanto muitas outras encontram-se em processo ou aguardando emitir o certificado. Outros dados que comprovam a questão da insegurança nos quilombos, são de um estudo realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) junto com a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), que demonstrou que 98,2% das terras quilombolas estão ameaçadas por setores de infraestrutura, requerimento minerários, como também por especulação imobiliária etc. A pesquisa realizada pelo observador do Instituto Socioambiental Antonio Oviedo (2024), também revelou que todos os territórios quilombolas brasileiros, sofrem impactos devido a algum transmissor de pressão, que culminou indicando violação dos direitos que os quilombolas detém de suas terras.

Segundo o Censo do IBGE 2022, existem no país 1,3 milhões de quilombolas em 1,7 mil municípios. É importante ressaltar que, é a primeira vez desde quando o

censo começou a coletar dados sobre a população do país, que os quilombolas são inseridos nessa contagem. O censo ainda destacou que os quilombolas são mais jovens que a população nacional.

A inclusão dos dados sobre quilombolas no Censo do IBGE de 2022 representa um marco significativo, visto que é a representação mais completa e precisa da diversidade da população brasileira. Até então, não havia por parte do IBGE, a contabilização dessas comunidades historicamente marginalizadas, o que resultava num vazio que impossibilitava o entendimento da realidade socioeconômica e demográfica dessa população.

O reconhecimento por parte do Censo (2022), sobre a importância dos quilombos, possibilita que tenham dados extensivos para que haja geração de políticas públicas direcionadas para essas comunidades. Isso possibilitará o entendimento sobre de que forma essas comunidades estão distribuídas para implementação de ações mais eficazes de acordo com as necessidades específicas. Outro aspecto importante da pesquisa, foi a inclusão de dados que comprovam que os quilombolas são mais jovens que a média nacional. Com isso, mostra-se a necessidade haver ações que possibilitem para essa população jovem, acesso a uma educação igualitária, assim como oportunidades no mercado de trabalho e desenvolvimento de suas capacidades. Essa população mais jovem, pode contribuir para sociedade com inovação, mas para isso, é necessário haver equidade para que os quilombolas possam ocupar áreas que são predominantemente ocupadas pelos brancos.

No que diz respeito ao sistema educacional brasileiro, percebe-se que é um sistema que desde suas origens, reflete uma estrutura historicamente marcada pela desigualdade e pela exclusão. Originalmente configurado para atender às reivindicações e interesses da classe dominante, a educação no Brasil foi, por muito tempo, um instrumento de manutenção da condição, reforçando as hierarquias sociais e econômicas existentes. Neste sentido, é importante haver uma reformulação no modelo educacional do país, para a valorização da diversidade cultural. É preciso descolonizar a educação e haver um reconhecimento da interculturalidade na busca de obter uma intercomunicação cultural. Conforme Silva (2020, p.12):

Os modelos educacionais, em sua grande maioria, permanecem com modelo não valorizadores de modo efetivo a diversidade cultural e as possibilidades práticas. A interculturalidade surge com o objetivo de descolonizar a educação, com reconhecimento das diferenças culturais e o diálogo mútuo entre as culturas.

Em outras palavras, está claro que a comunicação intercultural significa olhar para os sistemas educativos tradicionais que reconhecem e respeitam as diferenças culturais. Esta atividade salienta o diálogo e a comunicação entre culturas distintas como forma de promover a igualdade e a compreensão mútua. Silva (2020), aponta que essa forma de pensar se deu primeiramente com os indígenas, e no Equador o multiculturalismo é tido como a solução principal na concepção indígena.

A construção da interculturalidade como movimento político, ideológico e epistêmico teve seu início interpelado pelo movimento indígena dos povos andinos. Observadas com maior amplitude no Equador do que em outras nações latino-americanas, a interculturalidade é considerada como chave principal do projeto indígena, por ser uma prática emancipatória epistêmica consolidada. Deseja reconstruir o espaço epistemológico com a união de conhecimentos diferentes, e através da inter-epistemologia provocar no campo científico a discussão sobre a racialização sofrida por diversos grupos, principalmente dos negros e indígenas (SILVA, 2020. p.12).

Silva (2020), vê a interculturalidade como uma forma de resposta à falta de valorização e aprovação das diversas culturas nos sistemas educacionais convencionais, buscando promover uma educação mais inclusiva e equitativa. Contudo, a realidade educacional do país, continua transparecer que a camada mais vulnerável da sociedade brasileira, como os pobres, pretos e quilombolas, continuam sofrendo com a disparidade que ocorre no sistema educacional, mesmo após a efetivação das políticas que tem como objetivo dar acesso universal à educação. Ressalta sobre a importância de haver no currículo educacional questões voltadas para o respeito às diferenças, e como as escolas têm dificuldades de perceber que os estudantes quilombolas tiveram suas vidas marcadas pela segregação social. Para ela, é importante que as questões do respeito às distinções culturais quilombolas não sejam tratadas apenas em tarefas pontuais nas escolas e sim no decorrer de todo o ano letivo.

Para Oliveira e Ferreira (2011), a educação brasileira sofre influência desde os primórdios, a desigualdade que perpassa pela desde quando a sociedade estava se organizando. Segundo elas, no que tange a educação especificamente dos negros, percebe-se ainda mais a disparidade, pelo fato dos mesmo terem ficado de fora da realização da construção, pela classe elitista. Por este motivo, os negros não tiveram

outra opção a não ser viver de forma marginalizada, tanto territoriais como também culturais. Para elas isso é, essa forma de viver que os negros tiveram que se submeter, é herança ancestral dos quilombolas.

Percebe-se que os negros e quilombolas vem lutando persistentemente contra a desigualdade e todo um sistema de dominação, como forma de resistência na busca de garantir uma educação mais inclusiva e que possibilite de alguma forma a equidade. Outro aspecto relevante, é observar que em algumas comunidades quilombolas não existem escolas que atendem todas as séries do currículo educacional, para que esses estudantes possam permanecer em suas comunidades. Devido a esse déficit nessas comunidades remanescentes, os estudantes têm que se deslocar para outros bairros, em centros urbanos para poder completar a fase escolar.

Em relação a isso, Oliveira e Ferreira (2011, p.4) destacam que:

Mesmo havendo políticas públicas elaboradas no sentido de favorecer o ensino diferenciado nesses territórios, algumas das comunidades remanescentes de quilombos possuem apenas centros educacionais em seu interior que atendem às séries iniciais. Em outras, de forma mais grave, os moradores têm difícil acesso à educação em todos os níveis. Em ambas as situações, precisam se deslocar para instituições dos centros das cidades, que, na maioria dos casos, não abordam aspectos de sua cultura. Porém, o que se espera de uma educação especialmente voltada para a temática quilombola é que a mesma favoreça a permanência desses indivíduos em seus territórios, durante os diversos níveis de ensino, a fim de que estes possam se sentir representados e valorizados nos livros, nos conteúdos trabalhados em sala de aula, nos projetos político-pedagógicos, enfim, no âmbito escolar como um todo.

É importante salientar que o ponto de vista das autoras não está focado apenas na inclusão de elementos da cultura quilombola e nos currículos educacionais, mas compreende a importância de uma reestruturação no ambiente escolar que possa garantir aos alunos uma sensação de pertencimento e garantia de respeito em todos os aspectos no processo de educação. Com isso, as autoras se colocam a favor sobre a necessidade de haver uma educação que reconheça, bem como valorize a identidade e os valores e a cultura dos remanescentes em suas comunidades, para a promoção de ação ativa para que os estudantes possam permanecer nos quilombos e concluem seus processos educacionais.

Em relação ao modo educacional referente às comunidades quilombolas, Arruti (2011 *apud* Leal *et al.*, 2021, p.64-35), afirma existir alguns registros que dão sustentabilidade para a educação quilombola.

Se pensarmos em termos jurídicos, a educação para quilombolas se sustenta em alguns documentos, fruto da luta do movimento negro e quilombola. A começar pela Lei Federal n.º 10.639/2003 e suas Diretrizes Curriculares de 2004. A Convenção 169 da OIT (Organização 65 Internacional do Trabalho), promulgada pelo decreto 5.051, de 2004, que garante o direito de uma educação apropriada às diferenças das populações étnicas. O Plano Nacional de Desenvolvimento de Populações Tradicionais (decreto 6.040, de 2007), que aponta para a necessidade de se produzir modalidades de educação adequadas aos modos de vida das populações tradicionais. E a Resolução n.º 7, de 2010, do CNE (Conselho Nacional de Educação), que avança na garantia de uma educação diferenciada, ao mencionar a necessidade de respeito por parte das escolas que atendem às populações do campo, comunidades indígenas e quilombolas, para com suas peculiaridades de modos de vida; uma resolução que recomenda a utilização de pedagogias condizentes com as suas formas próprias de produzir conhecimento" (Arruti, 2011, *apud* Leal *et al.*, 2021, p.64-65).

É importante ressaltar a importância das lutas para que se consiga alcançar o objetivo de conseguir no país uma base de educação que vise a igualdade. Outro aspecto importante é o saber desse povo a respeito de plantas medicinais que são usadas nos quilombos para combate de algumas doenças.

Segundo Santos (2015), existiram algumas tentativas nos debates contemporâneos de buscar obter um desenvolvimento sustentável, na perspectiva de combinar diferentes princípios, no entanto, o que surge é uma desconexão totalmente diferente, pois acabam emergindo grandes divergências a respeito das implementações dessas ideias.

Conforme explícito em:

Nos debates contemporâneos também podemos perceber alguns esforços de transfluência, quando analisamos as tentativas de conjugação entre diferentes princípios e/ou perspectivas no interior de alguns processos produtivos tais como: desenvolvimento sustentável, produção orgânica, agroecológica, agroflorestal, permacultura, etnodesenvolvimento, etc. Trata-se de uma tentativa de aproximação de pensamentos, conceitos e valores. Porém, quando partimos para a execução propriamente dita desses pensamentos, conceitos e valores, nos deparamos novamente com os grandes confrontos (Santos, 2015, p.51).

Santos (2012), carrega consigo uma visão de que há uma disposição por parte dos remanescentes sobre a questão do desenvolvimento sustentável. Eles buscam promover em suas próprias comunidades um desenvolvimento onde os remanescentes possam viver de forma sustentável.

[...] cabe destacar que há uma tendência entre os quilombolas e as agências estatais na adoção de discursos que enfatizam as noções de desenvolvimento local e sustentável. O que parece distingui-los são os entendimentos sobre a forma para que isso se concretize. Os agentes estatais parecem acreditar que os projetos de desenvolvimento combaterão

as desigualdades econômicas e sociais, enquanto as comunidades de quilombos buscam compatibilizá-los aos seus contextos, não apenas no respeito à sua cultura, mas também ao meio ambiente (Santos, 2012, p.154).

Para alcançar esse objetivo, é essencial desenvolver programas educacionais e iniciativas culturais que permitam às pessoas reconhecer e se conectar com sua herança cultural. Além disso, é fundamental promover recursos para estimular o acesso a, bibliotecas, museus e arquivos, que contenham informações relevantes sobre as origens e a história das comunidades. Dessa forma, as pessoas poderão fortalecer sua identidade cultural e compreender melhor sua posição dentro de um contexto histórico mais amplo. Neste sentido, Oliveira e Ferreira (2011) descrevem o modo como a transferência e construção do conhecimento ocorrem nessas comunidades quilombolas, destacando a importância das práticas de matriz africana, referentes aos antepassados na construção da oralidade nesse processo. Elas compreendem que o processo de aprendizagem quilombola, sobre suas culturas e costumes, ocorre baseado principalmente na transmissão oral. Essas tradições incluem elementos culturais, religiosos, artísticos e formas específicas de organização social que são preservadas e transmitidas ao longo das gerações. Contudo, quando elas falam sobre a aprendizagem, são questões onde os remanescentes aprendem suas histórias ancestrais enraizadas através de contos e histórias de vida e isso mostra que os ensinamentos e saberes são passados de geração em geração, com base nas vivências dos antepassados.

Pensando por este ponto, percebe-se que a oralidade carrega consigo uma responsabilidade na preservação dos costumes culturais, bem como na passagem do patrimônio cultural das comunidades remanescentes quilombolas de uma geração para as seguintes. Ou seja, para isso, é preciso haver nas escolas e nas comunidades contações de histórias sobre os conhecimentos ancestrais, costumes e como é feita.

Diante disso, é importante que, dentro das comunidades quilombolas, a conservação e produção cultural ocorram através de um processo de transmissão e construção do conhecimento que respeita e incorpora suas tradições ancestrais, e a oralidade como pilares fundamentais na construção dos saberes.

No que diz respeito a valorização das práticas do discurso oral dos povos quilombolas, bem como suas formas de apresentação cultural na construção identitária, Santos (2020, p.217), diz que:

Buscar valorizar as narrativas orais dos moradores, suas festas, sua cultura, pois, essa é uma base para dialogar sobre construção de uma identidade quilombola positiva, e ter um pertencimento quilombola positivo.

A inserção desses conhecimentos é de grande valia no combate ao racismo no ambiente escolar, bem como para a propagação de saberes que ajudarão na construção social dos indivíduos.

Conforme é destacado por Silva (2022, p.15):

Ao inserir os conhecimentos e saberes locais nas práticas educativas, constitui-se em um passo importante para que a interculturalidade comece a ser redesenhada no âmbito escolar, e desmistifique a ideia do conhecimento científico sendo o único a ser empregado como disseminou o racismo epistêmico. Aceitar a existência de saberes locais construídos coletivamente permite ao estudante a construção social interligada com o universo real ao qual ele está imerso, ao considerar o meio social, cultural e o científico vivenciado possibilita ao indivíduo realizar comparações entre o experienciado na sua localidade e as culturas externas.

Oliveira e Ferreira (2011), evidenciam a continuidade na resistência e na concepção de cultura que historicamente caracterizou as comunidades quilombolas, tanto no período escravista, quanto nos tempos atuais, mediante ao ato de propor os quilombos educacionais. Para elas, essas instituições se baseiam em convicções próprias para a criação de um âmbito onde possa ser construído o saber que transcende as barreiras educacionais.

Fazendo isso, essas instituições quilombolas estão buscando expandir os conhecimentos acadêmicos, como também acabam valorizando suas tradições culturais e os conhecimentos ancestrais e as maneiras que as comunidades quilombolas têm de se opor frente ao currículo pedagógico. Essas instituições buscam criar um espaço educacional, onde seja inclusivo, culturalmente relevante e preparado para receber e manter os alunos. Outro aspecto importante é que os ambientes acadêmicos não seja apenas promotor de atividades acadêmicas, mas que fortaleça a identidade cultural e possa se estabelecer como uma delegação de poder.

É importante ressaltar que, a compreensão das experiências contemporâneas dos remanescentes de quilombo, é preciso considerar as lutas que essas comunidades enfrentam atualmente, mas especialmente a forma como esses quilombos foram formados desde os primórdios. Reconhecer as comunidades quilombolas, não é somente uma contestação de justiça histórica, é também uma rica

oportunidade de obter conhecimentos referente às experiências para então construir um país igualitário, sustentável e equitativo.

A luta contra a discriminação racial na sociedade é uma realidade constante para os quilombolas. A resistência a essas formas de discriminação não é apenas uma resposta a injustiças individuais, mas também uma afirmação coletiva da dignidade e dos direitos do povo quilombola como um todo. Por este motivo, é preciso haver formação de professores que busque combater práticas excludentes, racistas e discriminatórias dentro da sala de aula, é importante promover o crescimento pessoal de cada indivíduo e efetivar práticas pedagógicas que combatam esas ações e atendam as demandas das comunidades para promover uma educação antirracista e de qualidade.

Conforme citado por Santos (2020, p.111):

Por isso a formação, deve ter como objetivo procurar o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos professores, deve ter em conta o atributo "qualidade" que caracteriza a construção de uma escola democrática, contrapondo-se à escola tradicional. Onde as práticas pedagógicas possam combater as práticas de discriminação racial dentro das salas de aulas. Que possam também atender às necessidades gerais das populações das comunidades de quilombos.

É importante ressaltar que essa população enfrenta obstáculos e preconceitos em diversos aspectos da vida, desde a dificuldade de acesso a serviços básicos como saúde e educação, até oportunidades de trabalho e participação política.

3 MINHA HISTÓRIA

Neste ponto, é imprescindível contar minha história, não para que sintam pena de mim, mas sim, para que conheçam a realidade desafiadora de estudantes quilombolas da Ilha de Maré, os quais saem do convívio parental, com a finalidade de realizarem seus sonhos pessoais e profissionais de cursar uma universidade pública.

3.1 Minha Família

Em primeiro lugar, quero me apresentar: meu nome é Josué de Paulo Neves, sou um homem negro, morador do quilombo que fica localizado na comunidade de Ilha de Maré - Praia Grande; sou filho de Roquelina de Paula Neves e José de Carvalho Neves. Minha mãe é uma mulher negra, guerreira, que sempre buscou dar o melhor a mim e aos meus seis irmãos, por meio de sua profissão: marisqueira; meu pai (in memoriam), homem negro, foi um pedreiro de excelência. Serviu-me de exemplo e de inspiração. Dele, ouvi a sentença que mudou a minha vida: “Você vai estudar até o terceiro grau!”. Não sei se ele fazia ideia do que dizia ser “terceiro grau”, mas isso impactou-me, inspirou-me e motivou-me a realizar seu desejo. Ele me fez estar onde estou hoje.

Meus pais eram casados e, desse casamento, nasceram sete filhos: cinco homens e duas mulheres. Desses sete filhos, sou o sexto e o primeiro e o único a ingressar numa universidade pública.

Minha família nunca foi de muita expressão, mas nunca faltou amor, carinho e dedicação dos meus pais. Eles supriam todas as nossas necessidades. Meu pai saía às 6h da manhã para trabalhar, e só voltava às 18h. Isso para dar a mim e a meus irmãos uma vida digna, para que nada nos faltasse.

3.2 (Minha primeira) experiência escolar

Meu primeiro contato com a escola foi em minha comunidade, onde havia apenas a pré-escola: 1ª, 2ª e 3ª séries. A partir da antiga 4ª série, tive de me deslocar para outra comunidade da Ilha, a fim de poder estudar. Foi na comunidade de Santana em Ilha de Maré que eu iniciei a 4ª série.

Na 5ª série, fui obrigado a ter de atravessar o mar para estudar no Colégio Estadual Marcílio Dias, o qual, na época, era um colégio de ensino supletivo. Ou seja,

em vez de cursar somente a 5ª série, cursei também a 6ª, a 7ª, e a 8ª série. Porém, o colégio não possuía Ensino Médio e por isso, no ano seguinte, fui matriculado no Colégio Estadual João Caribé, onde fiquei por dois anos. Nesse ínterim, o antigo colégio passou por uma reformulação, que o fez adotar o Ensino Médio. Então, pude voltar ao Colégio Estadual Marcílio Dias, para concluir a educação básica.

Durante os anos nos quais tive de atravessar a “macedônia” para estudar, vivi muitos momentos angustiantes, sendo rebaixado por pessoas que se achavam superiores por viverem no Continente, ou por serem de pele clara, ou por terem uma condição financeira mais estável que a minha, ou por se acharem mais inteligentes. Por ter vindo de uma realidade diferente, acabava aceitando essas coisas, sentindo-me impotente, incapaz, por medo – pois eu era constantemente ameaçado – e, às vezes, por sentir que a base educacional não era capaz de me levar ao destaque.

Recordo-me de um fato de quando estudava no Colégio Estadual Marcílio Dias: um colega de pele branca vivia pegando no meu pé, sem me deixar prestar atenção nas aulas. Questionei o professor. Ele, por sua vez, em vez de repreender meu colega, pediu para que eu fosse à diretoria. Ao chegar, relatei o ocorrido ao diretor. Depois da conversa, ele pediu-me que retornasse à sala e chamasse o importunador, o qual ficou suspenso por um dia.

Outro episódio ocorreu-me quando estudava no Colégio Estadual João Caribé. Esse se deu fora dos portões escolares. Um dia, estava eu e mais dois conterrâneos saindo da escola. Havia um rapaz do lado de fora. Ele começou a me ofender com palavras injuriosas. Sem entender nada, continuei andando. Abruptamente, ele acertou-me uma pedra. Amedrontado, segui meu caminho. O rapaz continuou nos perseguindo. Depois de alguns minutos, desistiu da empreitada. Noutro dia, fui estudar com muito medo de reencontrá-lo e ser agredido novamente.

Em minha trajetória escolar, sempre preferi cortar meu cabelo baixinho. Quando crescia, ele ficava bem enroladinho. Alguns colegas alcunhavam-me de “cabelo cocô de maroto”. Isso me deixava extremamente constrangido, pois eu introjetei a ideia de que o cabelo crespo era um problema. Hoje em dia, tenho meu cabelo Black, e sinto muito orgulho dele, a despeito de escutar comentários preconceituosos e perceber olhares maldosos.

3.3 Experiência escolar: a travessia

Sobre a travessia, havia a necessidade de acordar às 5h da manhã, para poder pegar o barco e ir ao colégio, pois a embarcação saía às 6h. O embarque era a parte mais complexa da travessia: tinha-se de embarcar descalço, porque era na praia. E isso, por vezes, causava sérios problemas: alguns alunos se molhavam. Houve episódios em que o caiaque –embarcação menor que servia para levar os estudantes à lancha escolar – acabava virando. Em dois desses acidentes, eu estava no caiaque. Todo o material escolar acabou danificado pela água. Esses casos me fizeram voltar para casa.

Veza e outra, embora molhado, era necessário ir à escola. Caso contrário, perderia as atividades avaliativas e as provas bimestrais, cuja data de realização havia sido estabelecida pelos professores, sem possibilidade de uma realização. Era insensibilidade dos professores que não conheciam a realidade dos alunos da Ilha.

Por inúmeras vezes, devido ao não pagamento aos donos das embarcações pela prefeitura de Salvador, meus pais eram obrigados a pagar todos os dias para que eu pudesse continuar estudando. Ou seja, eles tiravam do sustento da casa para que eu pudesse ter um maior conhecimento. Muitas vezes fazia falta dentro de casa, mesmo assim eles investiam. Ressalto que na época, era eu mais dois irmãos estudando, com isso, aumentava o custo. Pois eles tinham que pagar seis passagens por dia para que eu e meus irmãos continuássemos nossos estudos. Porém havia dias em que não dava para ir devido à falta de dinheiro, então meu pai fez um acordo com o dono da embarcação (pagar por mês), o que facilitou um pouco para irmos estudar e não perder o dia de aula.

Na época, o dono da embarcação, conhecendo a realidade da comunidade, permitiu que cada estudante pagasse metade da passagem, dando oportunidade a quem não tinha condições. Além do dinheiro da embarcação, tinha-se que arrumar o dinheiro do lanche, pois o que era oferecido, no colégio, não sustentava até a volta para casa.

Durante a travessia, enfrentei mar revolto e um quase naufrágio. Momentos de terror! Diversos estudantes passaram mal. Apesar do tempo de chuva e de vento forte,

tínhamos que estudar; não tínhamos escolha. Nesses períodos, era comum sermos liberados mais cedo do Colégio.

Com o “tempo ruim” (como chamamos), os pais ficavam aflitos, porque era difícil atracar na localidade de Praia Grande; não havia atracadouro; os tripulantes eram obrigados a deslocar o barco para outra comunidade, onde havia um lugar ideal para o desembarque. Os pais iam acompanhando a embarcação por terra até o local.

Lembro-me bem dos momentos em que a tempestade fazia-nos perder a esperança de chegar em casa. Num desses momentos, o mar estava muito agitado e, no porão do barco, havia um clima de medo e desespero. Eu estava de cabeça baixa; mas me recordo da onda enorme que se abateu sobre o barco, encobrindo-o. Todos os alunos gritaram desesperadamente, temendo o naufrágio.

Estávamos todos sem coletes salva-vidas, embora houvesse muitos, mas nunca usávamos. Creio que a mão de Deus nos livrou da tragédia que, se tivesse ocorrido, teria marcado a história de Praia Grande de uma forma dolorosa.

3.4 Meus pais: os incentivadores

Meus pais sempre me incentivaram a estar na escola. Desde a minha infância, eles não me permitiam faltar aula, uma vez que viam a educação como o meio de ascensão social. Por isso, tive apoio para buscar novos caminhos, novos desafios e a evolução. Não queriam que eu ficasse na pesca, no artesanato, e no plantio, apesar de o “pão nosso de cada dia” ser fruto dessas atividades. Eles diziam que não queriam que eu passasse o mesmo que eles passaram: dificuldade financeira, ter de escolher a hora comer, etc.

O peixe e o que era colhido da plantação eram utilizados, na maioria das vezes, no comércio, para que fosse custeado o estudo. Meus pais apostavam na educação; faziam de tudo para que eu e meus irmãos estudássemos; para que não largássemos a escola; para que tivéssemos boas notas. “A educação há de levá-los para longe deste lugar”, imaginavam eles. E foi graças a uma fala do meu pai – como já mencionei anteriormente – que em mim brotou o desejo de ir a uma universidade. Porém, apesar do desejo, não havia quem me impulsionasse a buscar fazer um vestibular, porque eu não estava cercado de oportunidades ou de pessoas que servissem como modelo para evolução, e crescimento nos estudos que trouxessem conhecimentos à

comunidade. Embora tenha concluído o ensino médio em 2007, somente em 2017, com a chegada do projeto Universidade Para Todos da Universidade, do Estado da Bahia, tive a oportunidade de correr atrás de um sonho, o qual estava estagnado por falta de oportunidade.

3.5 Projeto universidade para todos: a oportunidade

Lembro-me de que antes desse projeto ter chegado à Comunidade, por duas vezes, tentei ingressar numa universidade através do ENEM. Contudo, eu não sabia quais passos dar depois da divulgação das notas. Por isso, perdi as oportunidades de ingresso.

Além do Enem, participei do vestibular da UNEB em duas oportunidades. A primeira, pelas cotas raciais. Havia um código para colocar na folha de resposta, e eu acabei esquecendo, eliminando minhas chances de conseguir uma vaga. No ano anterior, em 2018, fui para minha segunda tentativa, mas desta vez já havia a implementação de cotas para quilombolas, e devido a minha experiência anterior, me políciei para não cometer o mesmo erro. Depois da realização do vestibular, aguardei ansiosamente pela lista de chamada. Na primeira lista, fui contemplado para o curso de Ciências Sociais. Colocara-o como segunda opção; na lista seguinte, meu nome constava para o curso de Psicologia. Esse foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Eu, um jovem negro, quilombola, que não teve uma base de estudo ideal (devido a inúmeros fatores já elencados). Não me sentia pronto para ingressar numa universidade pública. Devo muito ao gestor do projeto Universidade para Todos do polo de Praia Grande/Ilha de Maré, que foi de grande ajuda para que eu e outros não desistíssemos; também a Renato Neves de Paulo e Haiala Carvalho do Espírito Santo, estudantes da Instituição desde 2018, as quais me deram suporte em relação aos documentos de matrículas necessários, exigidos pela Instituição de ensino.

Devidamente matriculado no 1º semestre de 2019, pude morar no continente, deixando meus pais e irmãos na Ilha. Sem ter assistência financeira do governo e da Instituição, fiquei quase dois semestres sendo mantido pelos meus pais, que já estavam aposentados. Durante o 2º semestre, consegui entrar no Programa Mais Futuro do Governo do Estado da Bahia, que amenizou um pouco a situação financeira. Mas continuei recebendo auxílio dos meus pais, pois o que recebia do Governo não

dava para me manter, porque eram grandes as despesas com passagens, comidas, produtos higiênicos etc.

Em relação à moradia, não tive problema, graças ao projeto de reparação da prefeitura juntamente com a SEMUR, que havia inaugurado uma residência quilombola voltada para os estudantes universitários de Ilha de Maré.

3.6 Experiência universitária: medo e humilhação

Minha primeira experiência na Universidade foi humilhante. Alguns professores parecem desconhecer a realidade em que vivem alguns alunos ou, se a conhecem, preferem ignorá-la. Em minha primeira apresentação de um seminário, sem saber como proceder, com medo, tímido, sentindo-me nervoso e incapaz, um professor de filosofia, nas suas interferências em relação à apresentação do grupo, deixou-me extremamente inseguro ao humilhar a apresentação. Uma de minhas colegas teve uma crise de ansiedade, saiu em direção ao banheiro, onde chorou muito, sentindo-se mal pelas palavras do professor.

Em uma outra apresentação, outro professor (de sociologia) também criticou de forma rude a apresentação, deixando-nos com um sentimento de incapacidade. Senti-me “burro”; pensei em desistir, pois passei a acreditar que ali não era o meu lugar.

Foi muito difícil superar essas críticas, porque era meu primeiro contato com a vida acadêmica; eu não tinha experiência com apresentação de seminário. Na educação básica, as apresentações eram feitas com cartazes, e eu apenas lia o que havia escrito.

As críticas acabaram desencadeando em mim uma fobia de apresentação. Até hoje, quando sei que tenho um seminário para apresentar, surge em mim um medo e uma ansiedade tão grandes, que acabam atrapalhando meu desenvolvimento na apresentação.

Outra coisa que gera adoecimento são exigências, de conteúdos, em excesso, os quais em certos momentos chegam a ser exorbitantes, desgastantes. Isso acaba gerando nos estudantes vários quadros de ansiedade, abalando a nossa saúde mental.

3.7 Experiência universitária: a perda

Na metade do segundo semestre, recebi a notícia de que meu pai havia falecido. Perdi o chão! Foi um dos piores momentos da minha vida; foi como um gatilho para que eu pudesse abandonar a universidade, mas minha mãe não me permitiu; apoiou-me para que eu continuasse e pudesse honrar a memória de meu pai.

A perda do meu pai para mim foi um processo bastante doloroso, porque eu queria tê-lo comigo para dividir minha alegria quando eu finalmente conseguisse realizar meu sonho. Infelizmente não será mais possível realizar com ele em vida, mas lutarei incessantemente para que eu possa me formar e assim honrar a memória dele.

Após a perda do meu pai, eu pensei em trancar a matrícula, e desistir da universidade, porque não tinha mais motivação para continuar. Contudo, continuei pensando em honrar a memória dele através da minha conquista e, com a ajuda de minha mãe, continuei.

Ao retornar para a universidade, fui recebido, com amor e carinho, por uma ótima professora. Ela me mostrou que na UNEB também existem professores acolhedores que entendem nossa dor. Sou muito grato a ela; nunca esquecerei desse momento.

Isso me deu força para chegar até aqui.

3.8 Minha comunidade

Ilha de Maré está localizada na baía de Todos os Santos, e pertence ao município de Salvador, embora nunca tenha tido o devido reconhecimento do Estado. Por muito tempo, foi um pária: sem assistências básicas; sem escolas de nível médio; sem saúde básica. Ainda nos dias atuais, pode-se perceber o efeito da negligência praticada pelo Governo. Pois, mesmo com a implementação da Unidade Básica de Saúde no território, ainda há uma carência muito importante que é a implementação de uma escola de Ensino Médio na localidade. Com isso, os estudantes não precisariam sair de sua comunidade para estudar.

Praia Grande, uma das onze comunidades pertencentes à Ilha de Maré, por muito tempo teve como principal forma de renda a prática da pesca artesanal, o artesanato de palha, o marisco e a plantação. Porém o cenário atual é muito

preocupante, pois as instalações de fábricas ao redor da Ilha têm prejudicado a flora e a fauna da região. A reprodução não é como antes. A matéria prima utilizada para produzir o artesanato tem estado escassa.

3.9 Meu casamento

Em meio a pandemia do Covid-19, casei-me e tive um filho. Pensei em trancar o curso, para procurar arcar com as despesas da criança. No entanto, minha esposa e minha mãe encorajaram-me a prosseguir. Acreditaram que eu faria melhor conquistando uma profissão que me ajudaria a ter renda e estabilidade financeira.

Isso me motivou ainda mais a seguir firme.

3.10 Experiência universitária: meu primeiro estágio

No 1º semestre de 2023, consegui um estágio remunerado que possibilitou ajudar nas despesas do meu filho, embora eu não ganhasse muito. Depois disso, surgiu a oportunidade de trabalhar meio período de carteira assinada. Era algo de que precisava, para me manter na universidade, custear passagens, suprir necessidades básicas e dar a minha esposa e meu filho algo melhor.

3.11 Família: minha saudade, meu incentivo

Passo a maior parte do tempo sem ver aqueles que amo. Meu filho está crescendo, e eu participo pouco desse processo. A vontade de largar tudo e ficar com minha família é recorrente, mas sei da responsabilidade que tenho de me formar, de ser orgulho para mim, para meu pai, para minha mãe e para minha esposa, que tem sido uma ótima mãe e conselheira, incentivando-me sempre a não abandonar a faculdade.

Gostaria muito de estar junto da família, mas nós, quilombolas, marginalizados, temos de abrir mão de algumas coisas para conquistar outras, e mostrar que somos tão capazes quanto os da elite. Tudo o que passamos serve para provar que somos capazes, fortes e resilientes.

Ver as pessoas que eu amo apenas aos finais de semana é algo doloroso. A saudade apertada no peito e muitas vezes o único recurso para matar um pouco é através da tecnologia. Mesmo assim, não é o suficiente, pois o que eu queria era

abraçar, beijar, estar perto. E muitas vezes eu tenho que enfrentar isso e disfarçar para que ninguém perceba o quanto estou sofrendo por estar longe. É uma rotina árdua e sofredora que, às vezes, desestabiliza-nos a ponto de querer parar.

O pior momento é quando tenho de sair às 3h, toda segunda-feira. Dou um beijo na minha esposa e no meu filho (ambos ainda dormindo) para poder vir ao continente trabalhar pela manhã e estudar pela tarde. Ao acordar cedo, ter de trabalhar e depois ir à aula, sempre me deixa sonolento, cansado, sem conseguir prestar atenção no que está sendo explicado na aula. Mas toda essa canseira do dia a dia não me impede de ir à universidade, porque preciso continuar; preciso concluir a graduação; preciso realizar meu sonho. Não posso parar, embora essa rotina esteja afetando minha saúde física, mental e emocional.

3.12 Universidade e saúde mental

Em 2019, fui ao serviço de Psicologia com uma colega procurar ajuda. Queria fazer terapia. Fui adicionado a uma lista de espera... Estamos já em 2023, e ainda não fui chamado para fazer a anamnese, nem a terapia.

É preciso que a universidade amplie o serviço para que possa atender as demandas dos estudantes que muitas vezes procuram o serviço para ser acolhido, por não ter condições financeiras para uma psicoterapia particular, mas a realidade é que para um estudante ser atendido no serviço, ele precisa estar passando por um nível extremo de sofrimento psíquico onde esteja a ponto do surto ou até de um possível suicídio. E esse atendimento é feito a partir do programa dois altos que atende os estudantes que chegam a esse nível de adoecimento mental.

Falando um pouco sobre exclusão, por várias vezes eu me senti excluído por muitos colegas nos momentos de formação de grupos de trabalho. Lembro que em uma formação, fizeram um esquema de divisão no grupo de WhatsApp da sala: cada um foi colocando seu nome em um tema e os demais iam adicionando também. Eu coloquei meu nome em um certo tema e ninguém mais colocou. Isso só provou o meu sentimento de ser excluído, não por todos, mas pela maioria. Sentimento esse que eu tenho até os dias de hoje. Então, minhas colegas Mariana e a saudosa e sempre gentil Jade chegaram até mim e disseram que iriam fazer o trabalho comigo para que eu não o fizesse sozinho. Eu estava decidido a apresentá-lo sozinho, sempre dizendo

para mim mesmo: “Você é capaz, VOCÊ VAI CONSEGUIR!” Mas aceitei que minhas colegas o apresentassem junto comigo. Essa apresentação estava marcada justamente no dia do meu aniversário, 18 de novembro. Mas, por conta de algum imprevisto, ela teve de ser remanejada para uma outra data. Dito isto, confesso que o medo era grande, todavia estava disposto a enfrentá-lo, pois eu precisava encarar esse desafio em busca da conquista do meu sonho.

Os momentos de apresentação de seminários, eram muito tensos para mim, eu sofria muito com ansiedade, a boca ficava seca, começava a transpirar pelas axilas, a voz embargava e o coração parecia que sairia pela minha boca. Pois sempre que eu ia apresentar um seminário, eu acabava me lembrando do que passei no primeiro semestre. Entretanto, mesmo sentindo isso tudo eu tinha que apresentar, pois caso eu não apresentasse eu ficaria sem nota e poderia acabar perdendo na matéria.

Muito se fala em empatia no curso de psicologia, mas o que eu percebo é muita falta dela por parte de colegas e até de alguns professores, que não procuram entender o que o aluno está passando, qual a realidade que ele vive, qual esforço ele tem que fazer para estar e permanecer na universidade. Um curso que tem em sua maioria professores formados em Psicologia, e deveriam buscar entender a realidade do aluno, ser empático e não o contrário.

Outro relato muito importante sobre exclusão e falta de empatia é a questão da religião. Desde o primeiro semestre, todos os meus colegas sabem que mesmo eu vindo de quilombo, não faço parte da religião de matriz africana, e sim evangélica (mas respeito a todos sendo evangélicos, de matriz africana, ateu, budista, entre outras, pois entendo que todos são livres para fazer suas escolhas e ver o que é melhor para si próprio). Muito se falava sobre a “perseguição” dos evangélicos a religião de matriz africana. Contudo, o que mais se viu em algumas aulas por parte de alguns colegas e até professores, foram discursos de ódio direcionados aos evangélicos. Eu não falava nada, me incomodava é claro, mas não cabia a mim debater sobre questões religiosas ainda que estivessem falando mal sobre aquilo que eu acredito. Me senti desrespeitado, não só por alguns colegas, mas principalmente por alguns professores que sabem, tem ciência que a universidade é laica e mesmo assim produzem discurso de ódio sobre a religião de outra pessoa.

Lembro que um dia após a aula, eu e mais duas colegas viemos conversando no ônibus a respeito da hipocrisia a respeito de alguns discursos feitos por professores e colegas na aula, pois pedem por respeito acerca de sua religião e escolha sexual, mas desrespeitam e criticam a religião do outro. Em toda a minha trajetória acadêmica eu nunca faltei com respeito com ninguém. Se você quer ser respeitado, deve respeitar os outros primeiro. Entretanto, eu fui por diversas vezes desrespeitado de forma indireta e talvez até direta por eu ser o único evangélico da turma, porém continuei com minha essência.

Em uma das aulas, lembro de um colega dizer que odiava os evangélicos com todas as forças. Aí me perguntei: o que eu fiz para ele me odiar tanto assim? Sei que há alguns “evangélicos” intolerantes, mas quando eu dei motivo para ele me odiar? É porque eu leio a Bíblia e prego o que nela está escrito? Bom, assim como eu prego o que acredito sendo evangélico, as outras pessoas pregam aquilo que sua religião ensina, cabe a mim e a qualquer outra pessoa querer aceitar ou não, ninguém é obrigado. Nesse momento, eu também me perguntei e cheguei a comentar com minhas duas colegas o seguinte: Se fosse eu que dissesse para sala toda ouvir que odeio a religião A ou B, será que todos aceitariam de bom agrado como aceitaram a fala do nosso colega? Então elas disseram: Você seria cancelado na hora, assim como já fizeram com uma outra colega nossa.

Ressalto que por diversas vezes durante as aulas eu tive que me manter calado ouvindo muitos colegas e professores falando mal sobre a religião que sou adepto. Me obrigavam a ficar calado? Não. Eu preferia, pois sabia que se eu falasse qualquer coisa eu seria hostilizado pela maioria na sala.

Muitas vezes eu evitei, e evito de perguntar algumas coisas para alguns docentes por medo de ser destrutado e não compreendido, pois muitos gostam de dar respostas ríspidas, muitas vezes sem nem responder ao que lhe foi perguntado pelo estudante. Ou até respondem, mas dizem que eu preciso ler tal coisa. Sim, eu sei que preciso ler, mas eu só queria no momento tirar uma dúvida com quem está ali para isso e muitas vezes o que acontece é eu ficar mais em dúvida ainda, devido a resposta recebida. No entanto, também há aqueles docentes que te incentivam a ir mais longe, a não desistirmos. Esses são aqueles que se propõem a entender a realidade de quem vive marginalizado e excluído pela sociedade, daqueles que não tiveram privilégios

em nenhuma área da vida, que não tiveram um ensino base consistente e de qualidade. Ressalto a importância de alguns professores negros, em especial o professor Valdélino, que sempre me deram palavras de incentivo para que eu continuasse minha trajetória me dizendo que eu chegaria longe, que eu conquistaria não só a graduação, mas também doutorado, que me impulsiona a querer sempre mais.

Partindo para o início do 8º semestre, houve no grupo da sala uma divisão para saber quem ficaria com as vagas da SESAB entre outras. Eu me candidatei para a vaga na maternidade Albert Sabin que estava ofertando 4 quatro vagas. Ao iniciarmos, descobrimos que a maternidade não poderia dar suporte aos quatro estagiários no horário da tarde e alguém deveria ir para o turno da manhã, porém todos não poderiam, pois alguns estagiavam e eu havia começado o emprego como Acompanhante Terapêutico há pouco tempo e não poderia, pois é a fonte de renda com a qual me mantenho na universidade. Como eu fui o último a me candidatar para a vaga, eu resolvi tentar a outra maternidade (Maria de Jesus da Conceição) que fica localizada no subúrbio. Fui orientado a falar com a responsável e assim eu fiz. Com o passar do tempo e não tendo respostas eu novamente contatei-a para saber se havia alguma resposta. Só que eu já estava perdendo muito tempo, pois meus colegas já estavam estagiando. Ela trouxe a resposta constatando que não havia possibilidade de eu ir para lá. Então pedi a ela para tentar outra maternidade, pois eram três que estavam ofertando vagas. A questão do meu horário não bateu com a do Albert Sabin, porque segundo eles eram apenas 2 vagas e mandaram 4 estagiários, e não teria como eu ficar com os horários que sobraram porque para eu me manter na universidade eu tenho que trabalhar.

Então eu passei a procurar contatos de alguém que pudesse me supervisionar no Serviço de Psicologia da UNEB, e consegui o de um professor. Ao falar com ele, ele demonstrou interesse, porém me orientou a procurar a supervisora dos estágios. E ao entrar em contato novamente com ela para informar que o professor havia demonstrado interesse em me supervisionar, ela disse: “O professor vai pegar uma aluna que é aproveitamento de estágio em ABA e não tem mais professor desta área disponível, você ficará com outra professora no Serviço, com Orientação Profissional. Vou passar seu contato para ela.”

Ressalto que essa professora é formada em Psicologia, profissão que acolhe, mas neste momento eu me senti desamparado. Senti que ela foi um pouco rude e não demonstrou muita empatia com a minha situação. Eu estava desesperado pois eu corri o risco de ficar sem o primeiro estágio curricular obrigatório.

Devido a tudo isso, eu comecei meu estágio obrigatório, em uma área alheia àquela do meu interesse, já no meio do semestre. Isso prejudicou bastante meu desempenho na matéria. Em uma supervisão, a professora criticou duramente meu desempenho e de outra colega. Minha reação foi tentar justificar esse meu “mal” desempenho de forma que ela viesse a entender que a culpa não era exclusivamente minha. Trouxe questões como: a dificuldade de expressão do meu analisando que sempre respondia o que lhe era perguntado com poucas palavras, sem conseguir desenvolver de forma coerente o que lhe era questionado; meu começo tardio no serviço devido ao que já foi explicado acima. No entanto, isso foi em vão, pois a docente chegou a me sugerir que fossemos conversar com o coordenador do curso de Psicologia, para uma possível possibilidade de eu refazer esse estágio em uma outra oportunidade, chegando a dizer que não teria como me avaliar. Eu não aceitei, pois mesmo não tendo os conteúdos que ela achava necessários para me avaliar, eu estava fazendo as sessões de acordo com o que ela estava me orientando nas supervisões e não seria justo eu ter perdido meu tempo e não ser avaliado com aquilo que tinha, pois eu acredito que havia, sim, material para uma possível avaliação, ainda que não fosse para uma nota máxima.

Em meio a tudo isso, eu estava lutando para permanecer na universidade e dar o melhor para o meu filho através desse emprego, visto que eu não poderia priorizar o estágio, pois se assim o fizesse, estaria negligenciando assistência ao meu filho, e não teria como continuar a frequentar as aulas na universidade e muito menos ir para o estágio, pois é através do meu emprego que consigo ter passagem no cartão para ir à universidade. Dito isto, era nítido que se eu priorizasse o estágio ficaria sem renda para ambas as coisas e acabaria tendo que trancar a matrícula e perderia o semestre, pois até o dinheiro da bolsa Mais Futuro do governo do estado eu já não recebia mais, devido a ter alcançado o limite de porcentagem que eles definem para custear nossa permanência na universidade.

3.13 Moradia universitária: extensão do quilombo?

Partindo agora para a questão de moradia, moro numa casa para estudantes universitários quilombolas, graças ao programa de reparação histórica que tem como objetivo e compromisso de reparar de forma justa e igualitária os povos marginalizados e excluídos socialmente, para que todos vivam de forma digna independente da origem racial. Porém para me manter nessa residência eu preciso trabalhar ou então fazer um estágio remunerado no horário oposto das aulas, pois residir longe da família e de sua terra demanda gastos que não são cobertos pelo programa de reparação, e sem o trabalho eu não teria condições de ficar na universidade e assim concluir minha graduação. Visto que todo ser humano precisa se alimentar e manter uma boa higiene pessoal, e é através do meu emprego que é possível manter tudo isso.

Esse emprego possibilitou que eu pudesse fazer duas refeições durante a noite quando tenho que ficar até tarde estudando e ter que dar conta das demandas da universidade, por não ter tempo durante o dia, coisa que não era possível anteriormente, devido ao baixo valor que recebia do programa Mais Futuro. Sem contar que tinha que escolher entre comprar lanche ou recarregar o cartão para ir para a aula na UNEB. Mesmo passando por essa situação, eu nunca abri minha boca para falar com nenhum morador da casa e nem pedir emprestado. Era por questão de vergonha? Talvez fosse, contudo eu sabia que todos na casa assim como eu não tinham uma situação financeira muito boa. No que tange ao almoço, eu não precisava me preocupar, pois minha mãe sempre fazia nos finais de semana para que eu pudesse trazer, e a partir de 2021 minha esposa quem passou a fazer isso.

A residência, por sua vez, não passa por uma manutenção/reforma desde quando foi inaugurada na gestão do então prefeito de Salvador ACM Neto. Com isso enfrentamos algumas dificuldades com aparelhos que precisam ser trocados, o filtro de água por exemplo, muitas vezes já foi solicitado por Haiala, que é representante dos estudantes na casa frente a SEMUR (Secretaria Municipal da Reparação), e por mim, que estou como apoio para ela devido a ser o último semestre dela na universidade e ter muitas demandas. Porém, até o exato momento continua sem trocar, e como não podemos passar sede temos que beber da água que muitas vezes sai com sujeira. Contudo, algumas meninas preferem comprar garrações de água mineral, pois têm medo de que aconteça alguma coisa ao beber a água.

Outra coisa são os chuveiros elétricos que queimaram as resistências e mesmo sendo solicitado a troca nada foi feito até o exato momento, com isso acabamos tomando banho frio independente do horário e questão climática. No entanto, agora estamos chegando no verão e tá calor, mas em inúmeras vezes no inverno tivemos que tomar banho frio (cinco, seis horas da manhã) para ir trabalhar ou estudar, o que contribuiu para que muitos assim como eu ficassem resfriados.

Uma certa vez estávamos dormindo e ao acordar para poder ir para a universidade, um estudante notou que a casa havia sido invadida durante a madrugada. Essa invasão resultou no furto de uma TV, dois notebooks e uma mochila. Com o susto, decidimos contatar os responsáveis pela casa, a SEMUR, que vieram, olharam e decidiram levar os donos dos notebooks para prestar queixa na polícia: porém, nada foi feito para que pudesse recuperar os itens furtados, dando prejuízo para dois estudantes que tiveram seus notebooks levados. A partir desse episódio, ficamos preocupados com nossa segurança em permanecer na casa, foi então que sugerimos que colocassem câmeras de segurança, que foi atendido devido ao ocorrido, porém as câmeras deram apenas uma falsa sensação de segurança, pois sabemos que não inibem roubos. Outra coisa que fora solicitado foi um sistema de alarme, mas o máximo que foi feito foi a troca da fechadura da porta que passou a ser através das nossas digitais. A invasão da residência foi uma situação em que corremos o risco de acordar para uma suposta ida ao banheiro e nos depararmos com o ladrão e acontecesse algo pior com um de nós, pois não sabíamos se o invasor estava armado e nem como agir nessa situação.

O ar-condicionado do meu quarto começou a infiltrar água para dentro do quarto ao invés de cair para fora, e muitas vezes ao acordar pela manhã eu tinha que colocar o pé na água devido a esse problema. Era uma rotina desgastante, pois todos os dias tinha que tirar água do quarto e limpar tudo. Por vezes solicitei o conserto, mas não era atendido. E uma vez ao acordar, ao colocar os pés no chão molhado eu acabei escorregando, quase caindo. Porém, isso não aconteceu apenas comigo, outros integrantes do quarto também relataram ter escorregado devido ao chão estar molhado e quase iriam esborrachar-se ao chão. Depois de algum tempo vieram fazer manutenção no ar-condicionado e finalmente eu pude voltar a acordar sem preocupação em ter que tirar água do quarto ou me estatelar no chão.

Em suma, a minha trajetória acadêmica foi feita de desafio e superação, e mesmo com toda dificuldade de adaptação, e manutenção na universidade devido a alguns encargos financeiros e crises existenciais e de ansiedade, insegurança, entre outras, eu tive bastante comprometimento em busca de adquirir os conhecimentos necessários para que em breve eu pudesse exercer a profissão. Confesso que algumas vezes devido a inúmeros compromissos pessoais, as coisas da universidade acabavam acumulando durante o meu percurso, mas nunca deixei de fazer, pois eu sabia que meu compromisso maior era com meu aprendizado.

3.14 Conclusão

Por ser um jovem cotista, sempre convivi com um sentimento de inadequação por estar em uma universidade pública. O sistema de cotas me incluiu na universidade, mas ainda existem lacunas que precisam ser preenchidas para que jovens como eu, que saíram de suas comunidades para estudar no espaço acadêmico, não convivam com sentimento de inadequação e exclusão. Esse sentimento perdura até esse momento de escrita do meu TCC, por já ter sido duramente criticado por alguns professores. Há também o medo da exposição da minha história, sobre o que os avaliadores irão dizer em relação a minha escrita e da minha história ser considerada inadequada ou pouco interessante para eles.

Durante essa trajetória, eu sempre me comparava com outros colegas, me achava menos inteligente, menos dedicado e que eles eram mais desenvolvidos na construção dos trabalhos do que eu.

No meu processo de escrita do TCC, tenho que conciliá-lo com carga horária da universidade, trabalhos acadêmicos de algumas disciplinas, a meu trabalho como Acompanhante Terapêutico, o que me permite permanecer na universidade, a disciplina de estágio, e isso tudo acabou gerando muito cansaço mental e físico, e um sentimento de incapacidade por achar que não darei conta de terminar no tempo hábil, além da incerteza que terei meu TCC aprovado.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como base a abordagem qualitativa das histórias de vida e da autobiografia. Foi utilizada a teoria de Análise de Conteúdo para compreender os resultados, a mesma pode ser utilizada na pesquisa social, como também na análise de textos, imagens e outras maneiras de comunicação, já que se baseia em analisar os dados.

É compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados (Souza; Santos, 2020, p. 1400).

A análise de conteúdo é um método que está em evolução constante, e se compõe por um agrupamento de dispositivos que podem ser efetuados em variedades de descrição. Conforme Santos (2020, p.383-384):

(...) a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.

Ao findar o processo de análise, foram definidas as categorias. Segundo Franco (2005), esse processo de categorização envolve a classificação individual de cada elemento da amostra, seguida pela reagrupação com base em relações semelhantes, como um confronto determinado. Esse método, ajuda a estruturar e determinar o significado preciso dos dados de forma a identificar os propósitos entre eles.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos (Franco, 2005, p. 57).

Ao interpretar os dados utilizando a análise de conteúdo, o pesquisador irá voltar ao embasamento teórico, para que haja fundamento naquilo que está sendo interpretado. (Santos, 2011, p.386).

Na fase de interpretação dos dados, o pesquisador precisa retornar ao referencial teórico, procurando embasar as análises dando sentido à interpretação. Uma vez que, as interpretações pautadas em inferências buscam o que se esconde por trás dos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados.

Os objetivos da pesquisa autobiográfica foram alcançados por meio da submissão dos dados a uma ferramenta digital de análise qualitativa, o software ATLAS.ti, versão 23 para Mac. A partir dessa análise, foram identificados sete eixos

temáticos na narrativa, os quais são apresentados na seção de resultados do estudo. Esse processo demonstra como a utilização de recursos digitais pode facilitar a análise e organização de dados em pesquisas qualitativas, permitindo a identificação de padrões e temas recorrentes na narrativa autobiográfica.

Ao final, “investigar as experiências autobiográficas vivenciadas por um estudante quilombola, negro e cotista da UNEB na trajetória educacional até a graduação” foi conduzida uma análise aprofundada dos significados dos conteúdos identificados nos eixos temáticos previamente destacados. A análise buscou compreender o significado subjacente a esses temas. Com isso foi possível uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas identificadas no fenômeno estudado, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada dos dados. Por sua vez, os resultados da análise foram discutidos à luz de referências bibliográficas relevantes, as quais oferecem abordagens abrangentes sobre os fenômenos estudados. A discussão proporcionou um elo entre materiais colhidos na pesquisa com noções teóricas, melhorando a compreensão do assunto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo realizada nesta pesquisa foram identificados 7 eixos temáticos - apresentados na tabela 1 com suas devidas definições operacionais associados à experiência de um estudante quilombola, negro e cotista da UNEB na trajetória escolar até a graduação. Estes Eixos temáticos são compostos por categorias, que serão apresentadas no transcorrer desta sessão.

Quadro 1 - Eixos Temáticos identificados a partir da análise de autorrelato.

Eixo Temático	Definição operacional
1. Eu, Pessoa	Refere-se ao autoreferenciamento, enquanto sujeito, pessoa, cidadão e membro de uma instituição educativa.
2. Minha Família	Refere-se a estrutura familiar, valores e suporte na trajetória educacional
3. Trajetória Escolar	Representa o caminho cronológico dos espaços vivenciados na trajetória educacional
4. Condições na Trajetória Educacional	Refere-se às condições de variadas ordens - Institucional, Psicológica, Econômicas, Materiais e Sociais associadas à trajetória escolar.
5. Desafios na Trajetória Educacional	Refere-se aos tipos de desafios vivenciados na trajetória escolar.
6. Experiências de Violência na Trajetória Educacional	Refere-se às vivências experienciadas associadas ao constrangimento em diferentes dimensões (racial, psicológica, moral e econômica, religiosa, institucional, de exclusão).

7. Diáspora Educativa	Refere-se às vivências, investimentos, repercussões e reveses associadas ao deslocamento territorial para a realização dos objetivos da formação educacional.
------------------------------	---

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.1 Eu, Pessoa

O eixo temático "Eu, pessoa" refere-se ao autorreferenciamento, enquanto sujeito, pessoa, cidadão e membro de uma instituição educativa. Está composto por 5 categorias, conforme apresentado na Tabela 2, com suas respectivas definições operacionais, a saber: Reações subjetivas às violências na trajetória escolar (n= 20), Posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico (n= 9), Crenças sobre si, pelo corte interseccional (n=7), Josué (n=5), e autoapresentação atual (1).

Quadro 2 - Categorias do Eixo "Eu, Pessoa".

Categoria	Definição Operacional
1.Reações subjetivas às violências na trajetória escolar (n= 20)	Representações sobre mim, na interação com os contextos escolares.
2.Posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico (n= 9)	Posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico, em relação às ações de pares e/ou da estrutura institucional.
3.Crenças sobre mim, pelo corte interseccional (n=7)	Crenças sobre mim - Negativas, positivas e/ou de superação - pautadas nos recortes sociais aos quais estou inserido, associados a adaptação a diferentes enredos sociais.
4.Josué (n=5)	Descrição relacionada a quem sou.
5.Autoapresentação atual (n=1)	Diz respeito a como me percebo e me avalio atualmente, a despeito de expectativas de olhares externos.

Fonte: Próprio Autor (2024);

5.1.1 "Reações Subjetivas às violências na trajetória escolar" (n=20)

A categoria "Reações Subjetivas às violências na trajetória escolar" refere-se às representações sobre mim, na interação com os contextos escolares. Nela são identificadas passagens, em que tornaram minha trajetória escolar mais desafiadora

e complexa. Como por exemplo o trecho: *“Em minha trajetória escolar, sempre preferi cortar meu cabelo baixinho. Quando crescia, ele ficava bem enroladinho. Alguns colegas alcunhavam-me de “cabelo cocô de maroto”. Isso me deixava extremamente constrangido, pois eu via o cabelo crespo como um problema”*, que me deixava bastante constrangido por ter meu cabelo crespo e bem enroladinho. Neste sentido, Almeida (2019) retrata esse tipo de juízo, baseado em estereótipos acerca de indivíduos caracteriza-se como preconceito racial.

Este trecho mostra que por ser de um lugar onde a base educacional não tinha me preparado o suficiente para a nova realidade, acabava gerando um sentimento de inferioridade ao ponto de não me sentir capaz de ser destaque: *“por sentir que a base educacional não era capaz de me levar ao destaque.”* Assim também como nesse trecho que traduz o motivo pelo qual eu acabava aceitando essas reações subjetivas sobre mim: *“Por ter vindo de uma realidade diferente, acabava aceitando essas coisas”*. Durante minha trajetória escolar, eu tive que conviver muitas vezes com medo, pois os estudantes de Ilha de Maré eram constantemente ameaçados de agressão por pessoas que não aceitavam o fato de estarmos no mesmo ambiente que eles, como é descrito nesse trecho: *“por medo – pois eu era constantemente ameaçado.”*

Chegando na Universidade em 2019, deparei-me com situações bastante constrangedoras que me fizeram, por diversas vezes, pensar em desistir. O primeiro momento foi este: *“Em minha primeira apresentação de um seminário, sem saber como proceder, com medo, tímido, sentindo-me nervoso e incapaz, um professor de filosofia, nas suas interferências em relação à apresentação do grupo, deixou-me extremamente inseguro ao humilhar a apresentação. Uma de minhas colegas teve uma crise de ansiedade, saiu em direção ao banheiro, onde chorou muito, sentindo-se mal pelas palavras do professor”*. Para um estudante que já havia enfrentado muitos desafios em sua trajetória, ser humilhado em sua primeira experiência com seminário em uma Universidade, me fez pensar que estava no lugar errado, que aquele lugar não pertencia à minha realidade, e que o melhor seria desistir. Os comentários acabaram gerando alguns sentimentos de inadequação em mim que me acompanharam até o fim da graduação, conforme está descrito nesta parte: *“As críticas acabaram desencadeando em mim uma fobia de apresentação. Até hoje, quando sei que tenho um seminário para apresentar, surge em mim um medo e uma*

ansiedade tão grandes, que acabam atrapalhando meu desenvolvimento na apresentação.”

5.1.2 Posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico (n= 9)

Essa categoria identifica posicionamentos críticos associados ao meio acadêmico, em relação às ações de pares e/ou da estrutura institucional. Sinaliza uma série de posicionamentos críticos que eu, enquanto estudante, tenho a respeito de melhorias no departamento que visa acolher a todos de forma empática, principalmente aqueles que sempre viveram à margem da sociedade e têm mais dificuldades de adaptação no ambiente acadêmico. Como podemos perceber nesse trecho: *“É preciso que a universidade amplie o serviço para que possa atender as demandas dos estudantes que muitas vezes procura o serviço para ser acolhido, por não ter condições financeiras para uma psicoterapia particular, mas a realidade é que para um estudante ser atendido no serviço, ele precisa está passando por um nível extremo de sofrimento psíquico onde esteja a ponto do surto ou até de um possível suicídio”*. Avalio ser de suma importância que os estudantes ao chegar numa universidade pública, tenham apoio psicológico, e que esse apoio se perpetue até a saída deste da universidade. O fato de ser tudo novo, pode acabar adoecendo esses estudantes e lhes causando afastamento muito antes de concluir sua graduação. Dito isso, é importante ressaltar que para formar um profissional saudável é preciso ter suporte enquanto o mesmo ainda é estudante, caso contrário, se formará um profissional adoecido, sem perspectiva de sucesso na profissão.

Comentários desnecessários sobre religião ou outras coisas não devem existir numa sala de aula, pois o aluno está para aprender sobre conteúdos referentes a sua formação profissional, que não tem relações diretas com a institucionalização de Deus. Ressalto a importância do combate a qualquer tipo de intolerância, seja ela qual for. Contudo, dentro da sala houveram por parte de docentes e discentes, comentários de cunho preconceituoso dirigido a uma única religião (evangélica), como está relatado neste trecho: *“Lembro que um dia após a aula, eu e mais duas colegas viemos conversando no ônibus a respeito da hipocrisia a respeito de alguns discursos feitos por professores e colegas na aula, pois pedem por respeito acerca de sua religião e escolha sexual, mas desrespeitam e criticam a religião do outro”*. Bem como neste outro: *“Nesse momento, eu também me perguntei e cheguei a comentar com*

minhas duas colegas o seguinte: ‘Se fosse eu que dissesse pra sala toda ouvir que odeio a religião A ou B, será que todos aceitariam de bom agrado como aceitaram a fala do nosso colega?’. Então elas disseram: ‘Você seria cancelado na hora, assim como já fizeram com uma outra colega nossa’.

A falta de respeito pela religião (seja ela qual for), e empatia, torna o ambiente acadêmico adoecedor, principalmente para as consideradas minorias, como quilombolas, que vivem à margem da sociedade, e deveriam encontrar nos docentes uma maneira empática e acolhedora, sendo que a maioria são formados e atuam como psicólogos. No entanto, essa realidade está longe de ser verdade, pois a maioria dos docentes não busca entender a realidade do estudante. Como foi exposto nesta parte: *“Um curso que tem em sua maioria professores formados em Psicologia, e deveriam buscar entender a realidade do aluno, ser empático e não o contrário”.*

Assim como o sistema de cotas funciona para que jovens negros, quilombolas, indígenas, entre outros considerados minorias, entrem na Universidade, a Instituição deveria funcionar para que os mesmos permaneçam saudáveis até sua formação, sem ter que enfrentar sentimentos que os façam sentir-se excluídos. Visto que, não é comum pessoas pretas como eu estarem em ambientes acadêmicos e cargos de destaque na sociedade. Neste sentido, Almeida (2019, p. 39) destaca o fato de haver poucas pessoas negras em cargos superiores e como isso se modifica quando os cargos são inferiores. Então Almeida nos leva a uma reflexão sobre como a segregação social vigora em certos espaços. Como por exemplo, de como as pessoas negras são menos aptas para o meio acadêmico e de como as pessoas negras têm menos acesso à educação devido ao processo histórico, bem como são dominadas pela supremacia branca que ocupa os espaços de prestígio social. Esse trecho mencionado por Almeida é extremamente relevante para a discussão sobre desigualdades raciais e sociais. Essa reflexão, nos leva a questionar as raízes históricas da desigualdade e a importância de combater o racismo para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

5.1.3 Crenças sobre mim, pelo corte interseccional (n=7)

Esta categoria apresenta crenças sobre mim - Negativas, positivas e/ou de superação - pautadas nos recortes sociais aos quais estou inserido, associados a adaptação a diferentes enredos sociais. É através das narrativas positivas que eu

busquei me estabelecer na Universidade, pois é tentando tirar forças das dificuldades que mostramos ser um povo forte, resiliente e conquistador, como é mostrado aqui neste trecho: *“Tudo o que passamos serve para mostrar que somos capazes, fortes e resilientes”*. Porém, por ser um jovem negro, vindo de uma comunidade quilombola e não ter tido uma educação com a base eficaz, acabei, por muitas vezes, gerando crenças negativas sobre mim, como narro no trecho a seguir: *“Eu, um jovem negro, quilombola, que não teve uma base de estudo ideal (devido a inúmeros fatores). Não me sentia pronto para ingressar numa universidade pública”*. Isto também é representado no trecho *“nós, quilombolas, marginalizados, temos de abrir mão de algumas coisas para conquistar outras, e mostrar que somos tão capazes quanto os da elite”* em que afirmo que pessoas que são oriundas de comunidades remanescentes de quilombos, precisam muitas vezes abrir mão de estar com sua família e ir para lugares longínquos em busca de melhorias para sua vida, pois sua comunidade não oferece suportes estruturais para garantir que seus conterrâneos não precisem se afastar para ter uma profissão de renome.

Essas crenças advêm muitas vezes por narrativas de pessoas brancas, que colocam o pobre preto sempre como um ser inferior. No entanto, as dificuldades servem para mostrar o quanto forte e resiliente o povo quilombola é, pois mesmo com as dificuldades, lutam para garantir seus direitos e realizar seus sonhos. A crença de exclusão, por sua vez, torna a permanência de um estudante quilombola na universidade mais árdua. Assim também, é o sentimento de inadequação que tem que lidar todos os dias por não sentir-me pertencente ao ambiente.

5.1.4 Josué (n=5)

Eu sou um jovem remanescente de quilombo, sonhador, guerreiro que saiu de sua comunidade em busca de realizar o sonho de ter uma graduação. Jovem, negro, quilombola, nascido e criado na comunidade de Ilha de Maré - Praia Grande, um quilombo. Sou o sexto filho de uma família, diante das dificuldades vivenciadas na comunidade. Sou o único dos sete filhos a ingressar numa Universidade Pública. Como está escrito neste trecho: *“Desses sete filhos, sou o sexto e o primeiro e o único a ingressar numa universidade pública”*. Sou um jovem que luta contra inúmeros fatores para poder concluir o curso de Psicologia e poder exercer a carreira com os ensinamentos adquiridos durante sua graduação.

5.1.5 Autoapresentação atual (n=1)

Esse eixo, aborda a forma como me percebo e me avalio enquanto representatividade e minha identidade pessoal atualmente, a despeito de expectativas de olhares externos. Antes eu via meu cabelo, minha cor e minha comunidade como um problema. Isso, devido ao racismo que está instalado na sociedade, e que, sempre instituiu o negro, afrobrasileiro, como um problema social. No entanto, hoje em dia, eu vejo meu cabelo, minha cor, e minha comunidade como ato de orgulho, luta e superação. Ser um jovem remanescente de quilombo numa Universidade Pública, mostra o quanto podemos conquistar, mesmo em uma sociedade escravagista, onde a escravidão encontra-se disfarçada, onde tudo o que acontece de errado foi o negro favelado. Poder afirmar que *“hoje em dia, tenho meu cabelo Black, e sinto muito orgulho dele, a despeito de escutar comentários preconceituosos e perceber olhares maldosos”* é motivo de orgulho e satisfação e me faz sentir-me bem.

5.2 Categoria - Minha Família

A categoria família refere-se a forma a qual essa instituição encontra-se organizada. A estrutura familiar é composta pelos pais e mais sete filhos. Essa categoria, encontra-se dividida por 8 (oito) subcategorias, conforme apresentado na tabela 3 abaixo, a saber: Suporte socioeconômico e emocional (n=16), Minha família (n=12), Pai (n=12), Mãe (n=6), Família vida pessoal (n=4), Frases marcantes (n=2), Estrutura familiar (n=2), Valores familiares (n=2).

Quadro 3 - Categorias do Eixo "Minha Família"

Categorias	Definições operacionais
1. Suporte socioeconômico e afetivo (n=16)	Refere-se a suporte financeiro e incentivo afetivo advindo da família para a superação de desafios materiais, econômicos e afetivos, na trajetória escolar.

2. Pai (n=12)	Refere-se a ações e presença do pai na vida do estudante.
3. Minha família (n=12)	Tronco central - Família
4. Mãe (n=6)	Refere-se a ações e presença da mãe na vida do estudante.
5. Família vida pessoal (n=4)	Registros de momentos da vida pessoal e familiar, que ocorreram durante a experiência educativa.
6. Frases Marcantes (n=2)	Frases e ensinamentos expressados por figuras significativas na trajetória do estudante.
7. Valores Familiares (n=2)	Refere-se aos valores preponderantes na família.
8. Estrutura familiar (n=2)	Refere-se a informações sobre a organização/estrutura familiar.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.2.1 Suporte socioeconômico e afetivo (n=16)

Nessa categoria, há relatos sobre questões tanto econômicas como emocionais que o estudante teve da família na educação, tanto básica, média e superior. Foi através desses apoios que foi possível o enfrentamento de desafios institucionais, de infraestrutura emocionais e socioeconômicos. Sem esses apoios, eu não teria como prosseguir nos estudos e acabaria sendo mais um jovem que desistiu da vida educacional/acadêmica por não ter um suporte de condições financeiras, estruturais e emocionais para seguir a caminhada.

O apoio em rede da minha família possibilitou minha permanência, mesmo muitas vezes meus pais tendo que suprimir as coisas dentro de casa, como está abordado neste trecho: *“Muitas vezes fazia falta dentro de casa, mesmo assim eles investiam. Ressalto que na época, éramos eu mais dois irmãos estudando. Isso aumentava o custo, pois eles tinham de pagar seis passagens por dia para que eu e meus irmãos continuássemos nossos estudos”*.

Contudo, destaca-se os momentos em que meus pais tiveram que pagar do próprio bolso para que eu pudesse atravessar o mar para estudar, contudo nem sempre era possível, como descrevo neste trecho: *“Porém havia dias em que não dava pra ir devido à falta de dinheiro, então meu pai fez um acordo com o dono da embarcação (pagar por mês), o que facilitou um pouco para irmos estudar e não perder o dia de aula”*. Isso, devido à falta de pagamento por parte da prefeitura. É importante ressaltar que se houvesse um colégio de ensino médio em Ilha de Maré, essa situação e várias outras poderiam ter sido evitadas.

Outra coisa a destacar, é que no início da graduação eu não recebia nenhuma assistência financeira da universidade e nem do governo do estado, como está relatado no trecho a seguir: *“Sem ter assistência financeira do governo e da Instituição, fiquei quase dois semestres sendo mantido pelos meus pais, que já estavam aposentados”*. Por ser um aluno quilombola, negro, cotista, deveria desde o princípio ser assistido de forma financeira pela instituição com ações afirmativas que me permitisse ter a possibilidade de romper com as desigualdades impostas pelo sistema dominante. Almeida (2019, p. 23-24), discute as políticas de ação afirmativa como uma estratégia que tem em vista corrigir desigualdades históricas e compensar grupos que foram sistematicamente discriminados.

Dito isto, olhando historicamente, percebe-se o quão discriminados foram/são os remanescentes de quilombos bem como as consideradas minorias. O apoio tanto financeiro, quanto afetivo, dos pais, contribuiu de forma positiva para minha permanência e conclusão da graduação.

5.2.2 Pai (n=12)

Ele foi um dos precursores do apoio à minha entrada na universidade, apoio emocional e financeiro, que me permitiu atingir um nível de escolaridade superior ao

dos demais familiares. Um pai que nunca abandonou a família e que sempre lutou por uma vida boa para seus filhos e esposa. Foi dele que uma certa vez ouvi a frase que mudou minha forma de pensar em relação aos estudos, como exposto a seguir: *“Dele, ouvi a sentença que mudou a minha vida: “Você vai estudar até o terceiro grau!”*. Ao ouvir essa frase despertou em mim o desejo de entrar numa universidade, porém não fazia ideia de como entraria.

O suporte recebido do meu pai, me ajudou de certa forma a continuar em busca daquilo que eu sempre almejei, a partir do incentivo dele ao falar o que relatei anteriormente.

Meu pai só concluiu o ensino básico, mas sempre apostou na educação como uma maneira de driblar as dificuldades impostas pela considerada maioria, o povo elitizado. Para ele, para conquistarmos cargos como os dos elitistas, deveríamos estudar para mostrar que somos capazes iguais. Infelizmente, ele faleceu, e não vai ter a oportunidade de ver um dos seus sete filhos concluir o “terceiro grau” como ele falava.

Meu pai, assim como minha mãe, teve um papel fundamental na minha formação como ser humano e educacional, pois se não fosse através de algumas estratégias utilizadas por ele, eu nem teria concluído o ensino médio, relato a seguir uma das estratégias utilizadas: *“meu pai fez um acordo com o dono da embarcação (pagar por mês), o que facilitou um pouco para irmos estudar e não perder o dia de aula”*. Devido a negligência governamental, os estudantes de Ilha de Maré passaram a pagar a embarcação para poder estudar, contudo, nem sempre havia condições de pagar todos os dias, com isso meu pai utilizou essas estratégias para que eu e meus irmãos continuassem os estudos.

5.2.3 Minha família (n=12)

Embora nunca tenham sido uma família falante de muito diálogo, nunca faltou carinho, amor, respeito e companheirismo um pelo outro nos momentos difíceis, principalmente o companheirismo dos pais, como está relatado neste trecho: *“Eles supriam todas as nossas necessidades”*. O apoio é sempre mútuo e, mesmo que falte alimentos, não poderia faltar princípios básicos, bem como educação e conhecimento, como descrito neste trecho: *“eles tiravam do sustento da casa para*

que eu pudesse ter um maior conhecimento. Muitas vezes fazia falta dentro de casa, mesmo assim eles investiam". Esse investimento, era procurando dar a mim e a meus irmãos, a melhor educação, bem como uma vida menos sofrida.

A família sempre foi um incentivador e uma motivação para alcançar voos mais altos e melhores condições. Embora todos na família tenham aprendido sobre a cultura dos antepassados como meio de renda (pesca, artesanato em palha e cultivo da terra), meus pais sempre viam novas áreas de conhecimento como oportunidades de crescimento em nossas vidas pessoais.

A entrada de um dos filhos em uma universidade pública, foi motivo de orgulho e comemoração para toda a família, pois todos veem a educação como porta de entrada para uma vida financeira estável, dando-me assim, apoio, como é relatado neste trecho: *"Por isso, tive apoio para buscar novos caminhos, novos desafios e a evolução"*.

Meus pais sempre foram referência em minha vida, como exemplo de família, que está ali um para o outro, exemplo de seres humanos, que não medem esforços para ajudar a quem precisa, isso não significa que eles são perfeitos, mas que assim como todos eles também falham, porém sempre dispostos a ajudar. Meus pais são como âncoras sólidas em minha vida, sempre ofereceram um exemplo inspirador de comprometimento familiar e altruísmo, como destaque neste trecho: *"Meus pais apostavam na educação; faziam de tudo para que eu e meus irmãos estudássemos; para que não largássemos a escola; para que tirássemos boas notas"*.

5.2.4 Mãe (n=6)

Esta categoria reflete a maioria das mulheres negras no Brasil, que vivem à mercê de um governo egocêntrico que só atribui valor às mulheres brancas, fazendo com que as mulheres negras tenham que trabalhar em empregos subvalorizados para que não falte o pão de cada dia. Apesar das más condições econômicas, em tempos difíceis, sempre lutou para que os filhos continuassem a estudar e deu-lhe apoio financeiro, moral e psicológico, como é registrado no trecho a seguir: *"sempre buscou dar o melhor a mim e aos meus seis irmãos, por meio de sua profissão marisqueira"*. O apoio da minha mãe foi de suma importância na minha trajetória. O envolvimento dela na minha educação e em outras áreas da minha vida, mostrou-se necessário

para que eu pudesse concluir minha trajetória escolar e universitária, como relato neste trecho: *“Após a perda do meu pai, eu pensei em trancar a matrícula, e desistir da universidade, porque não tinha mais motivação para continuar. Contudo, continuei pensando em honrar a memória dele através da minha conquista e, com a ajuda de minha mãe, continuei”*. Não é fácil para ninguém perder um ente querido, contudo, para um estudante quilombola que tinha o pai como um dos principais provedor econômico para se manter na universidade, essa perda foi ainda mais dolorosa, pois além de perder o pai, ainda ficou com o futuro na universidade incerto, por não ter certeza se se manteria. Neste momento, o apoio de minha mãe foi essencial, pois ela mostrou que mesmo na ausência do meu pai, ela iria se tornar a provedora para me manter estudando e realizar meu sonho.

O suporte advindo dela de maneira respeitosa e afetuosa, compreende cada decisão tomada por mim enquanto indivíduo na sociedade. Ressalto que suas intervenções foram feitas, por estar no seu lugar de fala, ou seja, assim como eu, ela é remanescente de quilombo, sempre esteve invisibilizada e não teve oportunidade de fazer um curso superior.

5.2.5 Família vida pessoal (n=4)

Aqui estão descritos momentos da minha vida pessoal, bem como minhas vivências na trajetória acadêmica e a perda do pai, fonte de inspiração para a vida universitária, bem no início de sua trajetória acadêmica, como eu relato neste trecho: *“Na metade do segundo semestre, recebi a notícia de que meu pai havia falecido. Perdi o chão! Foi um dos piores momentos da minha vida;”* essa perda, foi bastante dolorida, isso porque eu não consegui passar os últimos momentos de vida do meu pai ao lado dele. Meu desejo era que meu pai pudesse me ver formar, e no dia da minha formatura, juntamente com minha mãe, colocar-me o capelo, mas infelizmente isso não será possível, como registrado no trecho a seguir: *“Infelizmente não será mais possível realizar com ele em vida, mas lutarei incessantemente para que eu possa me formar e assim honrar a memória dele”*.

Durante essa jornada, minha vida mudou na medida em que se instalou a pandemia de Covid-19, pois tive que interromper os estudos devido à impossibilidade de frequentar as aulas presenciais. Durante o período da pandemia de Covid-19, eu me tornei pai de um menino, casei-me, ou seja, constitui família própria. Com o retorno

à sala de aula de forma presencial, tive que conciliar as aulas na universidade, com assistência familiar e com o tempo no trabalho.

5.2.6 Frases Marcantes (n=2)

Um filho sempre ouvirá dos pais frases ao longo da sua vida que marcarão sua história de forma positiva ou negativa. No que diz respeito a mim, as frases ficaram marcadas de forma positiva, pois foi através de uma dessas frases que o mesmo permitiu-se enxergar seu potencial e orientando-o a praticar os efeitos dessas frases no processo educativo e buscar a evolução, conforme registrado neste trecho: *“A educação há de levá-los para longe deste lugar”*.

Para um filho, ouvir frases positivas dos pais é impulsionador, levando-o a querer buscar sempre ser orgulho, mesmo sabendo de suas falhas, mas saber que seus pais acreditam em você te leva sempre a querer ser uma pessoa melhor, e a alcançar o que antes era inimaginável de acordo com a cultura instaurada no país, onde a elite é privilegiada e os pobres segregados.

Uma das frases que me impulsionou a buscar evoluir educacionalmente foi: *“Você vai estudar até o terceiro grau!”*. Atualmente, me encontro numa universidade pública, quase concluindo mais essa etapa da minha vida. Ressalto a importância de ter ouvido essas palavras para que eu visse que era sim possível, mesmo estando vivendo à margem da sociedade impostas pelos governantes do país.

5.2.7 Valores Familiares (n=2)

Os valores familiares contribuíram de forma significativa para que eu pudesse entrar e permanecer na universidade. Meus pais sempre viram com bons olhos a questão do trabalho digno e, sempre incentivaram para que buscássemos alcançar novos ares e conhecimentos diversos, como é visto neste trecho: *“Não queriam que eu ficasse na pesca, no artesanato, e no plantio, apesar de o “pão nosso de cada dia” ser fruto dessas atividades”*, embora a cultura de sustentabilidade econômica da minha comunidade fosse a prática da pesca, artesanato e plantio, meus pais queriam algo além para mim e meus irmãos. Eles sempre viam a educação e os valores familiares como prioridade, como a melhor maneira de conseguir alcançar objetivos.

Através dos valores aprendidos em casa, como honestidade, fé, fidelidade, respeito ao próximo, entre outros, é que faz de mim o que sou hoje. Desde que eu nasci sempre tive ensinamentos bíblicos dentro de casa, e um dos que mais marcou a minha vida é esse: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que façam a vocês; pois esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7;12). Esse versículo que fora ensinado pelos meus pais, me ensinou respeitar os outros como gostaria de ser respeitado, muitos até querem respeito, mas não respeitam o próximo. Dentro da universidade, houveram alguns momentos de desrespeito por pessoas que se dizem ser autoridades na sala de aula, porém não respeitaram a religião nem meus sentimentos, através de palavras muitas vezes agressivas direcionadas a uma apresentação de seminário.

Meus valores estão diretamente agregados aos valores e princípios bíblicos e do que foi me passado pelos meus pais, esses ensinamentos mudaram minha forma de ver o mundo, mudou minhas ações e atitudes. Trago comigo o respeito e admiração aos meus pais que me ensinaram tão bem, como também trago o respeito a todas as pessoas, sendo elas evangélicas ou não, cada um tem o direito de seguir aquilo que acredita.

5.2.8 Estrutura Familiar (n=2)

A estrutura familiar refere-se a informações sobre a organização/estrutura familiar, e a família a qual fora formada por meus pais, era composta por meus pais e mais sete irmãos, como trago neste trecho: *“Meus pais eram casados e, desse casamento, nasceram sete filhos: cinco homens e duas mulheres”*. No entanto, atualmente, devido ao falecimento do meu pai (in memoriam), a família formada por eles, encontra-se organizada por minha mãe, eu e mais seis irmãos, e meu filho. Meus pais, sempre nos incentivou a buscar conhecimentos através dos estudos, contudo, dos irmãos, eu fui o único que teve oportunidade e continuar na busca do conhecimento, como abordo neste trecho: *“Desses sete filhos, sou o sexto e o primeiro e o único a ingressar numa universidade pública”*.

5.3 Categoria - Trajetória Escolar

Esse eixo, se categoriza a partir da trajetória vivenciada durante o processo de aprendizado nas escolas. Dito isto, destaco que boa parte dessa trajetória se deu em

grande trânsito, onde tive que frequentar várias escolas com características e modelos de ensino diferentes, até chegar à Universidade. Este trânsito se deu a partir do ensino fundamental até minha graduação, visto que na minha comunidade não tem estrutura para comportar todos os níveis de ensino. Isso corroborou para que eu tivesse que me deslocar para outra localidade para cursar a quarta série, e ter que atravessar todos os dias para cursar a princípio da quinta até a oitava série em um colégio e o primeiro ano do ensino médio em outra instituição de ensino, voltando para concluir no antigo colégio, a saber: Trajetória escolar (n=19), Universidade (n=11), Vestibular (n=6), Colégio Estadual Marcílio Dias (n=4), Estágio (n=2), Colégio Estadual João Caribé (n=2), Sofrimento diáspora (n=2), Escola Municipal Nossa Senhora das Candeias(n=1), Escola Estadual Claudemira Santos Lima (n=1), Soluções para diáspora (n=1).

Quadro 4 - Categorias do Eixo "Trajetória Escolar".

Categorias	Definições Operacionais
1- Trajetória Escolar (n=19)	Refere-se às etapas associadas à trajetória escolar
2- Universidade (n=11)	Refere-se às experiências associadas à realização da universidade.
3- Vestibular (n=6)	Refere-se às experiências associadas à realização do vestibular.
4- Colégio Estadual Marcílio Dias (n=4)	Instituição de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.
5- Estágio (n=2)	Meu primeiro estágio
6- Colégio Estadual João Caribé (n=2)	Instituição de Ensino de Ensino Médio

7- Sofrimento diáspora (n=2)	Diz respeito aos sofrimentos subjetivos - Psicológicos, sociais e materiais vivenciado para viver no continente enquanto estuda.
8- Escola Municipal Nossa Senhora das Candeias(n=1)	Primeiro contato escolar.
9- Escola Estadual Claudemira Santos Lima (n=1)	Escola no ensino primário.
10- Soluções para diáspora (n=1)	Soluções encontradas e aplicadas para lidar com os sofrimentos da diáspora.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.3.1 Trajetória escolar (n=19)

Minha trajetória escolar foi baseada em mudanças de escola por falta de componentes curriculares que me permitiria estudar em apenas uma escola, da educação primária ao ensino médio. Como isso não foi possível, eu tive que estar sempre em deslocamento para poder estudar. Por várias vezes eu tive que mudar de escola devido a falta de uma escola que poderia facilitar abranger todos os segmentos curriculares, ou então que fosse da 5ª série ao 3º ano. Porém a localidade onde eu residuo tinha apenas a primeira, segunda, e terceira série. Como está descrito neste trecho: *“Meu primeiro contato com a escola foi em minha comunidade, onde havia apenas a pré-escola: 1ª, 2ª e 3ª séries”*. Essas mudanças podem ter contribuído de forma negativa no meu desenvolvimento intelectual. No entanto, mesmo nesse trânsito eu consegui concluir o ensino médio em 2007 e chegar na Universidade em 2019. Durante o período em que concluí o ensino médio e consegui entrar na Universidade, eu trabalhei com artesanato de palha que é uma das especialidades do povo de Ilha de Maré- Praia Grande, localidade onde nasci e fui criado e na construção civil em 2013 e 2015. Em 2017 eu voltei a estudar de fato no projeto pré-vestibular Universidade para todos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como mostra esse trecho: *“Embora concluído o ensino médio em 2007, somente em 2017, com a*

chegada do projeto Universidade Para Todos da Universidade, do Estado da Bahia, tive a oportunidade de correr atrás de um sonho, o qual estava estagnado por falta de oportunidade". A partir desse projeto, eu pude ingressar na Universidade e viver o meu sonho, que já havia tentado por duas vezes através do ENEM, porém não tinha muito conhecimento sobre o que fazer após a divulgação das notas.

Na minha primeira tentativa de ingressar na Universidade através do projeto Universidade para Todos, eu não consegui, pois descobri que não havia colocado o código da prova na folha de respostas. Porém, no ano seguinte eu consegui vaga em dois cursos, Ciências Sociais na primeira lista, e em Psicologia na segunda lista, e foi um dos dias mais felizes da minha vida. Como está escrito neste trecho: *"Na primeira lista, fui contemplado para o curso de Ciências Sociais. Colocara-o como segunda opção; na lista seguinte, meu nome constava para o curso de Psicologia".*

Em 2019, depois de estar devidamente matriculado no curso que eu almejava, tive que sair mais uma vez da comunidade quilombola ao qual pertenço para poder estudar. Diante da mudança eu passei a receber apoio financeiro dos meus pais para que eu pudesse permanecer na Universidade, pois eu ainda não recebia assistência financeira do governo. Como eu não recebia auxílio governamental e Institucional, cabia aos meus pais fazer isso. Do primeiro semestre para o segundo, eu me cadastrei no programa Mais futuro do Governo do estado, como foi citado nesse trecho: *"Durante o 2º semestre, consegui entrar no Programa Mais Futuro do Governo do Estado da Bahia, que amenizou um pouco a situação financeira"* e passei a ganhar uma bolsa de R\$300,00 (trezentos reais) mensais durante oito meses no ano, que muitas vezes não davam para suprir as necessidades, como por exemplo, colocar crédito no cartão de passagem para ir pra Universidade, comprar produtos de higiene pessoal, e para alimentação.

Mostra-se então a necessidade de haver um reajuste nos valores do auxílio, principalmente o básico. Pois, imagina uma pessoa de baixa renda, desempregada, sair de sua comunidade em busca de seu sonho acadêmico numa cidade onde o custo de vida é altíssimo e receber um auxílio de apenas R\$300,00 (trezentos reais) para todas as suas necessidades. É de suma importância também, a permanência desse auxílio até o fim do curso para que o(a) estudante possa permanecer e concluir a graduação. Pois se o auxílio é cortado durante o processo e o estudante não tiver

qualquer outro tipo renda que o permita custear sua permanência na Universidade com certeza ele não terá outra opção a não ser trancar o curso. Eu por exemplo, se não acontecesse de eu ter começado um estágio remunerado, a solução seria trancar o curso ou voltar a ter novamente o apoio financeiro da minha mãe até a conclusão.

Dito isto, é preciso ressaltar que esse auxílio não é até o final do curso, existe um período determinado para receber, como está descrito no edital art: 13. parágrafo III, que trata da suspensão e cancelamento do auxílio caso o estudante chegue a 66,66% (sessenta e seis vírgula sessenta e seis por cento). Quando eu cheguei a esse quantitativo, eu parei de receber, mas graças a Deus eu tinha acabado de conseguir um estágio numa escola, foi isso que me permitiu continuar na universidade.

Logo após eu iniciei um trabalho que meio período que me ajudou no final da minha trajetória acadêmica. No entanto, aconteceu um impasse, onde eu fui obrigado a escolher entre realizar meu primeiro estágio obrigatório e continuar no emprego que eu havia acabado de começar, que me dava todos os direitos garantidos por lei de uma pessoa que trabalha com carteira assinada e me mantinha na universidade.

Devido a isso, eu tive que abrir mão da área que eu havia escolhido para estagiar. Como foi descrito neste trecho: *“Devido a tudo isso, eu comecei meu estágio obrigatório, em uma área alheia àquela do meu interesse, já no meio do semestre”*. Meu processo acadêmico se deu por meio de bastante desafios, mas também de superação, como está relatado nesse trecho: *“a minha trajetória acadêmica foi feita de desafio e superação, e mesmo com toda dificuldade de adaptação, e manutenção na universidade devido a alguns encargos financeiros e crises existenciais e de ansiedade, insegurança, entre outras, eu tive bastante comprometimento em busca de adquirir os conhecimentos necessário para que em breve eu possa estar exercendo a profissão”*. Segundo Braun, Helga, De Oliveira (2024, p. 388), entender como os estudantes se adaptam ao ambiente educacional pode ajudar a identificar indicadores que podem ser utilizados para melhorar as instituições de ensino público no Brasil. Por se tratar de uma universidade pública, cabe a instituição buscar formas de compreender essa demanda para que os estudantes que têm dificuldades adaptativas se adequem.

5.3.2 Universidade (n=11)

Ao iniciar as aulas na Universidade, minha alegria não cabia em mim, por estar realizando um sonho e estar sendo orgulho da minha família. No entanto, nem só de alegria foi minha primeira experiência, como eu trago a seguir: *“Minha primeira experiência na Universidade foi humilhante”* isso, devido ao fato de ter tido as duas primeiras apresentações de seminários humilhadas pelos professores. Aqui está uma das experiências: *“Em uma outra apresentação, outro professor (de sociologia) também criticou de forma rude a apresentação, deixando-nos com um sentimento de incapacidade”*. O relato continua abordando meu sentimento após essa experiência que pra mim foi traumática, e que me acompanha até os dias atuais, a saber: *“Senti-me ‘burro’, pensei em desistir, pois passei a acreditar que ali não era o meu lugar”*.

Lidar com esses sentimentos não é fácil, pois além de superar suas dificuldades por estar em um ambiente desconhecido, eu tive também que superar as emoções cada vez que eu tinha um seminário para apresentar, como exposto neste trecho: *“As críticas acabaram desencadeando em mim uma fobia de apresentação. Até hoje, quando sei que tenho um seminário para apresentar, surge em mim um medo e uma ansiedade tão grandes, que acabam atrapalhando meu desenvolvimento na apresentação”*.

Minha base educacional não me preparou para a Universidade, e ao chegar me causou bastante estranhamento sobre a quantidade de conteúdos que são exigidos por alguns professores. Como está exibido nesse trecho: *“Outra coisa que gera adoecimento são exigências, em excesso, de conteúdos, os quais em certos momentos chegam a ser exorbitantes, desgastantes. Isso acaba gerando nos estudantes vários quadros de ansiedade, abalando a nossa saúde mental”*.

A saúde mental é um aspecto fundamental para que a pessoa possa desenvolver suas capacidades sendo produtivo. É importante ressaltar que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) citado pelo Ministério da Saúde (MS, 2024), *“a saúde mental pode ser considerada, um estado de bem-estar vivida pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade.”* Logo, se o indivíduo tem seu bem-estar comprometido, ele não irá contribuir de forma que possa desenvolver suas habilidades para obter resultados significativos.

5.3.3 Vestibular (n=6)

Aqui é relatado minhas experiências vivenciadas antes de depois do projeto Universidade para todos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), chegar até minha localidade, como está descrito neste trecho: *“Embora concluído o ensino médio em 2007, somente em 2017, com a chegada do projeto Universidade Para Todos da Universidade, do Estado da Bahia, tive a oportunidade de correr atrás de um sonho, o qual estava estagnado por falta de oportunidade”*.

Antes, eu havia feito a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em duas oportunidades, como relato neste trecho: *“Lembro-me de que antes desse projeto ter chegado à Comunidade, por duas vezes, tentara ingressar numa universidade através do ENEM”*, porém eu não sabia como utilizar minhas notas para entrar em uma Universidade.

Em duas oportunidades eu realizei o vestibular da UNEB, como relato neste trecho: *“em 2018, fui para minha segunda tentativa, mas dessa vez já havia a implementação de cotas para quilombolas, e devido a minha experiência anterior, me políciei para não cometer o mesmo erro”*. A experiência anterior foi de suma importância na minha vida, pois me preparou para que pudesse realizar uma prova segura, com cautela e conseqüentemente conseguir alcançar o resultado esperado que era ser aprovado para o curso de Psicologia. No entanto, quero ressaltar este trecho: *“Na primeira lista, fui contemplado para o curso de Ciências Sociais. Colocara-o como segunda opção; na lista seguinte, meu nome constava para o curso de Psicologia”*, ao saber da minha aprovação para o curso de segunda opção, eu fiquei bastante feliz por conseguir entrar na universidade. Porém, a felicidade foi completa ao saber que havia conseguido ser aprovado em Psicologia, o curso que eu almejava conquistar.

3.3.4 Colégio Estadual Marcílio Dias (n=4)

Devido ao fato de que na Ilha não tem um Colégio de ensino médio, minha mãe teve que se deslocar até a Escola Estadual Marcílio Dias para fazer minha matrícula. A intenção era me matricular na 5ª série, no entanto, na época o colégio fazia a 5ª e 6ª e passando de ano o aluno tinha que cursar a 7ª e 8ª. Nesse trecho eu trago um pouco sobre a realidade que o colégio vivia: *“Na 5ª série, fui obrigado a ter de atravessar o mar para estudar no Colégio Estadual Marcílio Dias, o qual, na época, era um colégio de ensino supletivo. Ou seja, em vez de cursar somente a 5ª série,*

cursei também a 6a, a 7a, e a 8a série. Porém, o colégio não possuía Ensino Médio”. Ou seja, a grade curricular do colégio era totalmente diferente dos demais. Por outro lado, a separação das séries pode permitir um enfoque mais individualizado no ensino, adaptando o conteúdo curricular às necessidades específicas de cada faixa etária e nível de habilidade. Isso pode facilitar uma progressão mais linear no aprendizado, garantindo que os alunos dominem conceitos fundamentais antes de avançarem para tópicos mais avançados. Enquanto a abordagem de ensino adotada pela instituição a qual eu estudei, integrando duas séries em um único ano pode ter implicações significativas no desenvolvimento do conteúdo curricular em comparação com instituições que mantêm séries separadas. aqueles que tiveram que cursar as duas séries juntas, acabam perdendo muitos conceitos que poderiam ser utilizados.

É importante considerar como cada uma influencia não apenas o desenvolvimento do conteúdo curricular, mas também o engajamento dos estudantes, suas compreensão dos conceitos e sua separação para desafios futuros, como por exemplo a universidade. Além disso, é relevante examinar como essas diferentes estratégias podem afetar a eficácia do ensino e a obtenção de resultados educacionais desejados.

Durante minha primeira passagem nessa Instituição, eu passei por situações as quais me deixaram constrangido, uma delas foi a que eu relato neste trecho: *“um colega de pele branca vivia pegando no meu pé, sem me deixar prestar atenção nas aulas. Questionei o professor. Ele, por sua vez, em vez de repreender meu colega, pediu para que eu fosse à diretoria. Ao chegar, relatei o ocorrido ao diretor. Depois da conversa, ele pediu-me que retornasse à sala e chamasse o importunador, o qual ficou suspenso por um dia*”. Mesmo com a atitude do diretor em suspender meu colega, eu não entendi o porquê eu e não ele que foi mandado para a diretoria, sendo que eu apenas relatei ao professor o que estava se passando na sala de aula. Outra situação foi essa: *“Em minha trajetória escolar, sempre preferi cortar meu cabelo baixinho. Quando crescia, ele ficava bem enroladinho. Alguns colegas alcunhavam-me de “cabelo cocô de maroto”. Isso me deixava extremamente constrangido, pois eu via o cabelo crespo como um problema*”, eu não gostava que me chamasse dessa forma, me sentia humilhado, constrangido, mas eu era apenas um adolescente assustado, que fazia de tudo pra não entrar em conflitos. Com isso, eu acabava deixando, até eles cansarem e parassem de me chamar dessa forma.

5.3.5 Escola Nossa Senhora das Candeias (n=1)

Aqui me refiro ao meu primeiro contato com a área educacional, foi na Escola Municipal Nossa Senhora das Candeias, localizada em Praia Grande - Ilha de Maré, que eu iniciei meu processo educacional da primeira até a terceira série. Como é relatado nesse trecho: *“Meu primeiro contato com a escola foi em minha comunidade, onde havia apenas a pré-escola: 1a, 2a e 3a séries”*. Contudo, a escola não possuía as demais séries e eu tive que me deslocar para uma outra comunidade da ilha, em Santana - Ilha de Maré, para poder cursar a quarta série na Escola Municipal Claudemira Santos Lima.

5.3.6 Colégio Estadual João Caribé (n=2)

Aqui me refiro às situações quando tive que mudar de colégio, devido a falta das séries subsequentes na instituição anterior. Neste colégio, eu fiquei durante dois anos, como é citado nessa parte: *“o colégio não possuía Ensino Médio e por isso, no ano seguinte, fui matriculado no Colégio Estadual João Caribé, onde fiquei por dois anos”*.

Um dia, ao sair do colégio eu sofri uma agressão, segue o relato da situação em questão: *“Outro episódio ocorreu-me quando estudava no Colégio Estadual João Caribé. Esse se deu fora dos portões escolares. Um dia, estava eu e mais dois conterrâneos saindo da escola. Havia um rapaz do lado de fora. Ele começou a me ofender com palavras injuriosas. Sem nada entender, continuei andando. Abruptamente, ele acertou-me uma pedra. Amedrontado, segui meu caminho. O rapaz continuou nos perseguindo. Depois de minutos, desistiu da empreitada. Noutra dia, fui estudar com muito medo de reencontrá-lo e ser agredido novamente”*. A partir desta situação, eu passei a ir para o colégio em questão, bastante amedrontado, com medo de ser mais uma vez agredido. Eu temia encontrar o agressor e ele fazer algo pior comigo.

5.3.7 Estágio (n=2)

Durante minha trajetória acadêmica, eu consegui uma vaga de estágio remunerado, o valor da bolsa não era bom, porém, eu consegui uma estabilidade financeira melhor. Depois de cinco meses, eu recebi uma proposta melhor, então, eu comecei a trabalhar de carteira assinada como Acompanhante Terapêutico para uma

clínica. Essa proposta de trabalho foi o divisor de água para mim e minha família, financeiramente falando. No entanto, em meio a alegria dessa conquista, eu tinha que começar o primeiro estágio obrigatório da Universidade. Minha escolha foi a maternidade Albert Saibin, em meio a esse processo eu fui na maternidade, levei a documentação necessária, fiz meu jaleco que era obrigatório, conheci a maternidade juntamente com meus colegas que também escolheram estagiar no local. Porém, havia um impasse nos horários disponibilizados pela maternidade, um de nós deveria estagiar pela manhã, horário em que todos estavam em estágios remunerados, já eu, havia iniciado um trabalho de carteira assinada e não poderia.

Esse impasse, me fez ter que ir para um estágio que eu não gostaria de ter feito em Orientação Profissional. Como está exposto nessa situação a seguir: *“Devido a tudo isso, eu comecei meu estágio obrigatório, em uma área alheia àquela do meu interesse, já no meio do semestre”*.

Entretanto, enquanto meus colegas já haviam iniciado, eu ainda estava correndo atrás de uma solução para o inconveniente que havia acontecido. Devido a isso, eu já comecei o estágio no meio do semestre, o que prejudicou muito meu desempenho no componente.

5.3.8 Sofrimento diáspora (n=2)

O fato de ter que viver longe da minha família, (principalmente meu filho), para poder concluir a graduação, me causa sofrimentos que muitas vezes cheguei a pensar que não conseguiria suportar a saudade. A saudade e a tristeza era tanta que várias vezes eu tinha que disfarçar e deixar menos visível possível, para que ninguém da residência quilombola percebesse. Como está retratado no trecho abaixo: *“E muitas vezes eu tenho que enfrentar isso e disfarçar para que ninguém perceba o quanto estou sofrendo por estar longe. É uma rotina árdua e sofredora que, às vezes, desestabiliza-nos a ponto de querer parar”*.

Esses sentimentos ficam mais aflorados quando eu tenho que voltar da ilha depois de ter passado o final de semana. Se fosse pela minha vontade eu não voltaria mais para o continente, porém, eu sei que lutei muito para chegar onde cheguei, por isso tenho que continuar. Mas eu confesso que o pior momento para mim é quando eu tenho que sair de casa às 3 horas da manhã e dou um beijo de despedida no meu

filho e falo no seu ouvido que o amo. Assim está o relato referente a isso: *“O pior momento é quando tenho de sair às 3h, toda segunda-feira. Dou um beijo na minha esposa e no meu filho (ambos ainda dormindo) para poder vir ao continente trabalhar pela manhã e estudar pela tarde”*.

5.3.9 Escola Municipal Claudemira Santos Lima (n=1)

Na Escola Claudemira Santos Lima, eu pude cursar a quarta série. Como podemos ver nesse trecho: *“A partir da antiga 4a série, tive de me deslocar para outra comunidade da Ilha, a fim de poder estudar. Foi na comunidade de Santana em Ilha de Maré que eu iniciei a 4a série”*. O percurso que eu tinha que fazer para chegar até a escola era bastante desgastante. No caminho existiam alguns obstáculos, como por exemplo quando a maré estava alta, tinha que tirar o sapato e suspender a calça, ainda assim, muitas vezes acabava me molhando. Outro obstáculo era a chuva, como a escola ficava em outra localidade e tinha que ir andando, quando chovia, chegava na escola todo molhado.

Em uma certa feita, eu e alguns colegas queríamos ir ao banheiro, mas a professora não permitiu, eu estava bastante apertado, então eu decidi desobedecê-la, pois caso eu assim não fizesse, faria xixi nas calças, e seria motivo de piada para todos. Ao voltar do banheiro ela me questionou e eu falei que fui porque não queria fazer xixi nas calças, então ele me suspender dizendo que eu só entraria na aula no dia seguinte se minha mãe fosse na escola. Como na minha concepção eu não havia feito nada errado, eu não avisei a minha mãe e fiquei do lado de fora no dia seguinte.

5.3.10 Soluções para diáspora (n=1)

Diante da saudade durante a semana em que eu tenho que estar longe de minha família, o que me resta é tentar matá-la através de ligações. Meu filho ainda não fala desenvoltamente, mas consegue se expressar de modo que dá pra entender e matar a saudade.

“A saudade aperta no peito e muitas vezes o único recurso para matar um pouco é através da tecnologia”. É utilizando a tecnologia que eu consigo amenizar um pouco dessa saudade que a cada dia pressiona o meu peito causando uma dor por não poder acompanhar o desenvolvimento do meu amado filho.

5.4 - Categoria - Condições na Trajetória Educacional

A categoria condições na trajetória educacional, envolve as circunstâncias a qual eu enfrentei devido a regras que foram determinadas nos contextos educacionais dirigidas pelas instituições de ensino. A tabela abaixo, destaca as condições referidas acima bem como alguns mediadores que me acompanharam durante minha trajetória: Condições materiais (n=21), Condições econômicas (n=13), Condição institucional (n=10), Condições para embarque (n=7), Condição psicológica (n=2), Condições sociais (n=2), Mediador econômico - emprego (n=2).

Quadro 5 - Definições do eixo associadas a “Condições na Trajetória Educacional”.

Categorias	Definições Operacionais
1. Condições materiais (n=21)	<p>Refere-se a condições de materialidade dos recursos para soluções (a ex: de livros, ar-condicionado, alarme).</p> <p>Condição refere-se às circunstâncias estruturais na trajetória escolar.</p> <p>Lembrete: A “condição” diz respeito à circunstância e o “desafio” está associado com o que precisaria ser superado.</p>
2. Condições econômicas (n=13)	<p>Refere-se a condições de ordem financeira - associada à propriedade de dinheiro - para realização.</p>
3. Condição institucional (n=10)	<p>Refere-se às condições associadas às regras definidas por agentes em espaços institucionais.</p>

4. Condições para embarque (n=7)	Refere-se às condições de transporte náutico que levava estudantes ao continente, associados com horários, condições e dinâmicas de acesso ou desembarque.
5. Condição psicológica (n=2)	Refere-se à condição/estado de ordem psicológica, biológica e social do estudante durante sua trajetória acadêmica, geralmente associada a um conjunto de circunstâncias a que deve se adaptar.
6. Condições sociais (n=2)	Refere-se a condições simbólicas, associadas à realidade aprendida a partir das relações com o entorno.
7. Mediador econômico - emprego (n=2)	Mediador de recursos pela via do trabalho. Mediador de recursos pela via do suporte família.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.4.1 Condições materiais (n=21)

Esse eixo temático põe em foco, as questões relacionadas às condições materiais que por diversas vezes acabavam sendo estragadas devido a fatores que não estavam relativamente sobre o meu domínio. Como por exemplo quando o caiaque virou e meus materiais escolares foram danificados, como está exposto nesse trecho: *“Houve episódios em que o caiaque –embarcação menor que servia para levar os estudantes à lancha escolar – acabava virando”*. Como não tinha condições para comprar outros, o jeito era colocar ao sol para secar.

A prefeitura por sua vez, muitas vezes deixou de cumprir com o que era acordado com o dono da lancha e meus pais tinham que arcar com o custo para eu e meus irmãos poder estudar, como é relatado neste trecho: *“Por inúmeras vezes, devido ao não pagamento aos donos das embarcações pela prefeitura de Salvador, meus pais eram obrigados a pagar todos os dias para que eu pudesse continuar estudando”*. Ou seja, estávamos sendo privados do direito à educação que nos é garantido pela Constituição de 1988, onde está escrito no “Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (Brasil, 1998, [s.p.]). O descumprimento do pagamento por parte da prefeitura de Salvador, fazia com que os custos dos meus pais aumentassem, pois além de ter que nos dar dinheiro para o lanche, ainda passaram a pagar nossa ida para a escola.

Na ausência de um colégio de ensino médio na ilha, nós, os estudantes, éramos confrontados com uma série de perigos iminentes diariamente. Um dos maiores desafios era o próprio mar, que muitas vezes se tornava revoltoso, agitado pelas forças da natureza que cercavam nossa ilha isolada. Sem um atracadouro adequado para facilitar o embarque e desembarque de passageiros, estávamos à mercê das ondas impiedosas, confiando apenas em pequenos caiaques para nos levar até a lancha e a terra firme quando voltávamos do colégio.

Lembro-me vividamente de uma ocasião em que uma tempestade feroz se abateu sobre nós enquanto estávamos no meio do mar, a caminho da comunidade de Praia Grande. As ondas tumultuadas sacudiam a frágil embarcação, desafiando nossa coragem e resistência. Mesmo após enfrentarmos bravamente os elementos, quando finalmente chegamos à costa, fomos confrontados com uma cena desoladora: as ondas furiosas impediam qualquer possibilidade de desembarque seguro.

Desesperadamente, os marinheiros tentaram encontrar uma maneira de chegar à terra, mas a violência das ondas era implacável. Não havia atracadouro para nos acolher, apenas água agitada e ameaçadora. Foi um momento de profunda angústia e incerteza, pois percebemos que a natureza estava além de nosso controle e que estávamos à mercê de suas forças.

Com corações pesados, os comandantes da embarcação foram forçados a dar meia volta, enfrentando mais uma vez as águas traiçoeiras em nossa jornada de volta

à ilha. Foi um lembrete doloroso da vulnerabilidade de nossa situação e da necessidade urgente de um sistema de transporte mais seguro e confiável para os estudantes que dependiam dos barcos como sua única ligação com a educação fora da ilha, como está destacado neste trecho: *“era difícil atracar na localidade de Praia Grande; não havia atracadouro”*. Atualmente existe um atracadouro, porém, os mesmos problemas de falta de pagamento da prefeitura para que os estudantes tenham acesso à educação que lhe é de direito, a falta de um colégio de ensino médio na comunidade ainda persiste.

Mesmo após meu ingresso na universidade, eu continuei tendo problemas em relação às condições materiais. A princípio eu não estava sendo assistido financeiramente por nenhum programa governamental, com isso, meus pais mais uma vez foram os provedores para que eu me estabilizasse na universidade e pudesse ter a passagem e o pão para me alimentar.

Um ponto a destacar, é que mesmo depois de ser contemplado no Programa Mais Futuro, eu continuei a receber auxílio dos meus pais, pois o montante recebido pelo governo não era suficiente para arcar com todas despesas, como destacado no trecho a seguir: *“continuei recebendo auxílio dos meus pais, pois o que recebia do Governo não dava para me manter, porque eram grandes as despesas com passagens, comidas, produtos higiênicos, etc.”*. A partir do 7º (sétimo) semestre, eu consegui uma vaga de estágio remunerado, que possibilitou tirar um pouco da “responsabilidade” da minha mãe de me ajudar financeiramente para que eu pudesse seguir minha vida acadêmica (nesse momento da história, meu pai já não estava mais presente). Contudo, sempre que precisei de apoio financeiro, sempre tive onde recorrer, pois sabia que mesmo com as dificuldades eu encontraria amparo. Depois de alguns meses estagiando em um colégio perto da universidade, o que permitia gastar a mesma quantidade de passagens para ir e voltar, pois não havia necessidade de pegar outra condução, eu conquistei um emprego que me proporcionou ter os direitos trabalhistas.

Ao conseguir me firmar, surgiu a demanda do estágio curricular obrigatório que envolveu algumas questões já citadas anteriormente, me pressionou a ter que escolher entre estagiar na maternidade a qual eu escolhi e deixar o emprego que me dava sustentabilidade financeira ou procurar uma nova Instituição. Visto que, se eu

largasse o emprego, automaticamente eu teria que trancar o curso, pois nesse momento eu já não recebia mais o auxílio do governo e nem havia sido convocado para o programa Partiu estágio. Com isso eu tive que seguir, pois caso contrário eu não teria condições de concluir a graduação.

Durante todo meu processo de graduação, eu convivi numa residência estudantil, com estudantes de algumas comunidades quilombolas de Ilha de Maré. Nessa residência passamos por situações e uma delas foi o furto que aconteceu enquanto todos estavam dormindo, como podemos ver em: *“Uma certa vez estávamos dormindo e ao acordar para poder ir para a universidade, um estudante notou que a casa havia sido invadida durante a madrugada. Essa invasão resultou no furto de uma TV, dois notebooks e uma mochila”*. Isso provocou em nós estudantes que saímos de comunidades tranquilas, com um certo pavor, por nos sentirmos inseguros, então, propomos aos responsáveis pela casa que instalasse um sistema de segurança, porém o que foi feito, foi colocar fechadura digital e instalação de câmeras de segurança que dá uma falsa sensação de segurança, como descrito aqui: *“fora solicitado foi um sistema de alarme, mas o máximo que foi feito foi a troca da fechadura da porta que passou a ser através das nossas digitais”*.

As condições dos materiais da casa, com o tempo acabaram danificando e nós sempre tivemos que estar informando aos responsáveis (SEMUR) para que mandassem técnicos para reparar. Contudo, sempre havia uma burocracia para que os mesmos resolvessem as demandas. O ar-condicionado do meu quarto, no decurso, passou a infiltrar água para dentro do quarto, fazendo com que todas as manhãs eu e os demais integrantes do quarto tivesse que enxugar o chão, como podemos observar a partir desse trecho: *“O ar-condicionado do meu quarto começou a infiltrar água para dentro do quarto ao invés de cair para fora, e muitas vezes ao acordar pela manhã eu tinha que colocar o pé na água devido a esse problema”*, por diversas vezes isso aconteceu, mesmo quando eles enviavam o técnico o problema era resolvido por alguns dias ou meses, porém sempre volta acontecer novamente. Esse é um fator bastante problemático e perigoso, pois com o chão molhado pode acabar ocasionando situações de acidentes.

Outro ponto importante a destacar, é que durante o inverno, por diversas vezes tinha que tomar banho frio devido ao fato da resistência do chuveiro queimar, como

eu trago neste trecho: *“no inverno tivemos que tomar banho frio (cinco, seis horas da manhã) para ir trabalhar ou estudar, o que contribuiu para que muitos assim como eu ficassem resfriados”* e mesmo solicitando a resolução do problema, não acontecia. Cansados de tomar banho frio todos os dias no inverno, resolvemos nos juntar e comprar a resistência que não durou muito tempo. Acredito que por ter sido instalada por um dos estudantes sem muita experiência, ela acabou superaquecendo e queimou. Depois de passar o inverno de 2024 todo tomando banho frio, no início de março finalmente foi feita a troca da resistência.

Outro aspecto, é que durante minha trajetória escolar, enfrentei bastante desafios para poder continuar no percurso escolar. A princípio, quero relatar acerca do horário que tinha que me levantar para poder ir garantir uma melhor educação. Nesta trajetória, tinha que acordar às 5 horas da manhã, fazer a higiene pessoal e estar no local de embarque às 6 horas, caso contrário perderia a lancha e não teria como ir para o colégio que se localiza em São Tomé de Paripe. Esse embarque era feito por caiaques, onde era preciso molhar os pés devido à falta de atracadouro na comunidade, e algumas vezes o caiaque terminava naufragando, molhando a todos que estavam a bordo, culminando na volta para casa não podendo atravessar. Durante a travessia, muitas vezes era necessário enfrentar situações de mar revolto e falta de segurança na embarcação.

O acesso ao colégio para garantir uma educação melhor, se deu por meio de muitas situações, que leva muitos da comunidade pensar que o fato de concluir o ensino médio é o suficiente. Contudo, existiam e existem alguns como eu que pensam em ir além e chegar a uma universidade e ter uma carreira para ter uma profissão a seguir que lhe permita ter uma estabilidade econômica.

5.4.2 Condições econômicas (n=13)

O apoio da minha família foi de suma importância durante minha trajetória escolar e acadêmica. Diversas vezes meus pais tiveram que dar dinheiro a mim e meus irmãos para o lanche depois das aulas e ainda pagar ao dono da embarcação para que eu pudesse estudar, como exposto nesta parte: *“Por inúmeras vezes, devido ao não pagamento aos donos das embarcações pela prefeitura de Salvador, meus pais eram obrigados a pagar todos os dias para que eu pudesse continuar estudando”* sendo que o direito de estudar é garantido pela constituição. Porém esse direito

sempre foi negligenciado pelas autoridades governamentais responsáveis, que deixaram diversas vezes de pagar o que era acordado com o dono da embarcação, visto que, sem o pagamento não era possível conduzir os estudantes até o colégio.

A construção de um colégio de ensino médio na comunidade, seria a solução para que encargos como esses acontecesse. No entanto, não existe nem projeto para que isso se torne realidade. Poderia ter feito isso quando construiu uma escola municipal quando já existiam duas na comunidade. Dito isso, ressalto que as duas antigas escolas foram desativadas, e no de uma foi construída uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a outra continua desativada.

Assim como na minha trajetória entre a 1a à 4a série, na minha caminhada universitária, meus pais ajudaram-me financeiramente para que permanecesse na Universidade, principalmente nos primeiros semestres, pois não recebia ajuda de custo da instituição e nem governamental, como está relatado neste trecho: *“Sem ter assistência financeira do governo e da Instituição, fiquei quase dois semestres sendo mantido pelos meus pais, que já estavam aposentados”*. E mesmo depois de ter conseguido a bolsa do Mais Futuro de R\$300,00 (trezentos reais), meus pais mantiveram me ajudando, visto que o quantitativo recebido não era suficiente para arcar com todas as despesas. Esse apoio em rede me ajudou bastante na minha trajetória, onde passei por momentos de vivência em um lugar longe de minha comunidade e minha família.

Esse trecho deixa notória minhas condições econômicas e dificuldades para permanecer tanto na universidade quanto na residência a qual resídeo *“para me manter nessa residência eu preciso trabalhar ou então fazer um estágio remunerado no horário oposto das aulas, pois residir longe da família e de sua terra demandam gastos que não são cobertos pelo programa de reparação, e sem o trabalho eu não teria condições de ficar na universidade e assim concluir minha graduação. Visto que todo ser humano precisa se alimentar e manter uma boa higiene pessoal, e é através do meu emprego que é possível manter tudo isso”*.

Ao considerar a importância de uma política de reparação histórica, é fundamental reconhecer que muitos grupos foram historicamente marginalizados e privados de oportunidades educacionais de qualidade, como por exemplo os quilombolas. Nesse contexto, a criação de uma bolsa como ajuda de custo pela

SEMUR se torna uma medida essencial para conter as desigualdades e promover a inclusão no ensino superior.

Ao garantir um quantitativo adequado que cubra os gastos dos estudantes, essa bolsa não apenas alivia o fardo financeiro que muitos enfrentam, mas também possibilita que eles permaneçam na universidade sem comprometer sua qualidade de vida. Isso é crucial, pois muitos estudantes enfrentam dificuldades para conciliar os custos de alimentação, transporte e materiais acadêmicos com suas responsabilidades acadêmicas.

A vida fora do convívio parental é desgastante, e incerta, pois envolve várias questões que podem levar o indivíduo a desistir e uma delas é a condição econômica, que varia de acordo com o local onde a pessoa vive. Sem um emprego ou ajuda governamental, torna-se a vida de quem precisa sair de sua terra para estudar um caminho bastante árduo e difícil de concluir. Por este motivo, é importante que haja uma ajuda financeira para que esse estudante consiga alcançar seu objetivo de forma segura, e que lhe possibilite obter formas de ter como custear as refeições, passagens para ir para as aulas. É necessário que haja um reajuste considerável nas bolsas dos programas do estado, como já foi citado anteriormente, o valor atual do Mais futuro, não tem como cobrir tantas demandas que são exigidas do estudante quando ele tem que deixar sua comunidade para estudar em uma cidade longínqua. Muitas vezes, era necessário escolher sobre o que fazer com o dinheiro que tinha em mãos, pois o quantitativo não permitia obter todas as coisas as quais tinha necessidade e a única solução era me submeter a escolhas que muitas vezes permitia com que eu não faltasse aula, mas ficava desde às 13:15 horário que iniciavam as aulas até às 18:25 só tomando água. Essa questão da escolha, está descrito neste trecho: *“tinha que escolher entre comprar lanche ou recarregar o cartão para ir para a aula na UNEB”*, foi a partir do meu emprego, como já citei outras vezes, que pude obter uma condição econômica um pouco mais confortável e não precisar mais ter que escolher entre carregar o cartão ou comprar lanche ou coisas que são necessárias para o ser humano.

5.4.3 Condição institucional (n=10)

Durante minha trajetória escolar e acadêmica, houve bastante contratempo condicionantes que me fizeram pensar em parar. As condições que as instituições

impuseram como regras sem pensar na realidade em que cada indivíduo vive, é um fator problemático, pois existem situações em que o estudante pode ser prejudicado de forma que venha impedi-lo de alcançar os objetivos.

A vida acadêmica é cheia de desafios e inúmeras dificuldades a serem enfrentadas. Existem pessoas de vários lugares e culturas diferentes. Por este motivo, é importante que a instituição esteja preparada para lidar com o público geral, de maneira que os estudantes sintam-se acolhidos e não precisem passar por situações desagradáveis e constrangedoras como foi meu caso. Ser coagido a largar um emprego que custeava minha permanência na Universidade para poder cumprir um componente curricular devido a um impasse, foi bastante constrangedor para mim. Pois se assim eu fizesse não poderia continuar na Universidade, visto que era minha forma de manter-me já que não estava recebendo assistência financeira da instituição e governamental. Nesse processo, eu acabei tendo que me desligar de minha primeira opção de estágio do componente obrigatório por não ter mais espaço para mais um estagiário na Maternidade Albert Saibin, como exposto a seguir: *“Ao iniciarmos, descobrimos que a maternidade não poderia dar suporte aos quatro estagiários no horário da tarde e alguém deveria ir para o turno da manhã, porém todos não poderiam, pois alguns estagiavam e eu havia começado o emprego como Acompanhante Terapêutico há pouco tempo e não poderia, pois é a fonte de renda com a qual me mantenho na universidade”*. Mesmo depois de diversas tentativas em seguir com foco na maternidade, eu acabei tendo que cumprir esse componente curricular em outra ênfase a qual eu não me identificava, com isso eu acabei sendo prejudicado tanto na minha formação como profissional, como pela mediadora do estágio.

5.4.4 Condições para embarque (n=7)

As condições para embarque, aconteciam de maneira precária, isso pela falta de um atracadouro, como já foi citado anteriormente. Era muito dificultoso o fato de ter que acordar muito cedo para não perder a embarcação e ainda ter que embarcar descalço, pois caso contrário molhar-se-ia o sapato e a calça, como foi citado neste pequeno trecho: *“tinha-se de embarcar descalço, porque era na praia”* e *“alguns alunos se molhavam”*. Da mesma forma que era feito o embarque, também acontecia no desembarque, e em tempo tempestuoso era muito difícil, pois as ondas estavam

bastante agitadas o que fazia com que o desembarque demorasse mais que o normal. No entanto, houve uma vez que o desembarque foi impossível, pois à medida que os tripulantes colocavam a lancha para terra, as ondas a levava para o fundo, tendo então que deslocar a embarcação para uma outra comunidade da ilha que tinha atracadouro. Durante esse episódio os pais e parentes de cada estudante foram acompanhando a embarcação por terra sentindo tamanha aflição por nunca terem presenciado algo semelhante anteriormente. *“os tripulantes eram obrigados a deslocar o barco para outra comunidade, onde havia um lugar ideal para o desembarque.”* *“Os pais iam acompanhando a embarcação por terra até o local”*.

5.4.5 Condição psicológica (n=2)

Na minha caminhada acadêmica enfrentei situações que mexeram com meu psicológico, umas dessas situações se deu com a perda do meu pai quando eu estava no segundo semestre, como foi exposto neste trecho: *“Após a perda do meu pai, eu pensei em trancar a matrícula, e desistir da universidade, porque não tinha mais motivação para continuar. Contudo, continuei pensando em honrar a memória dele através da minha conquista e, com a ajuda de minha mãe, continuei”*. Nesse momento, eu pensei em largar tudo, mas fui apoiado por minha mãe para que eu continuasse minha trajetória e por esta razão eu não parei.

O processo de escrita do meu TCC, acontece em um momento onde eu estou tendo que conciliá-lo com várias outras atividades, acadêmicas e pessoais. Contudo, isto gera um desgaste psicológico, pois preciso me virar para dar conta de tudo que tenho que fazer. O desgaste psicológico, acaba influenciando negativamente no desempenho das atividades durante o dia - dia. A pressão que é exercida para desenvolver tais atividades, acabam gerando uma sobrecarga mental que pode ocasionar estresse, devido às várias funções que precisa executar.

5.4.6 Condições sociais (n=2)

A falta de informações sociais vivenciadas pelo povo quilombola da comunidade de Praia Grande em Ilha de Maré, é a causa de muitos estarem estagnados. Por duas vezes eu fiz o ENEM, no entanto sem ter as informações necessárias sobre o que fazer com as notas alcançadas, eu estagnei. Não sei se com a nota poderia alcançar alguma coisa, mas se houvesse dentro da minha família quem

me instrísse sobre o que fazer, talvez poderia ter me graduado e hoje estaria na segunda graduação. Mas o certo é que não ter conhecimento para ir além a pessoa fica perdida e acaba paralisada.

Em relação a meu processo de escrita do TCC, é bastante conturbado pelo fato de ter que conciliá-lo com várias outras atividades, como os estágios obrigatórios, o emprego que é meu provedor para continuar na universidade, além do medo e do cansaço mental que acaba atrapalhando bastante em todos os sentidos. Para ilustrar melhor eu vou citar esse trecho: *“No meu processo de escrita do TCC, tenho que conciliá-lo com carga horária da universidade, trabalhos acadêmicos de algumas disciplinas, a meu trabalho como Acompanhante Terapêutico, que me permite permanecer na universidade, a disciplina de estágio, e isso tudo acaba gerando muito cansaço mental, e um sentimento de incapacidade por achar que não darei conta de terminar no tempo hábil, além da incerteza que terei meu TCC aprovado”*.

5.4.7 Mediador econômico - emprego (n=2)

Com o limite da bolsa do Mais Futuro alcançado, o emprego foi a forma que possibilitou minha permanência na Universidade. Através do emprego eu pude ter o dinheiro do cartão de passagem, comprar lanche para levar para a Universidade, o que antes era bem difícil e eu tinha que me manter lá a base de água, e quando estudar até tarde ter como fazer uma segunda refeição à noite, trago um trecho narrando essa conjuntura: *“Esse emprego possibilitou que eu pudesse fazer duas refeições durante a noite quando tenho que ficar até tarde estudando e ter que dar conta das demandas da universidade, por não ter tempo durante o dia, coisa que não era possível anteriormente, devido ao baixo valor que recebia do programa Mais Futuro”*. Anteriormente isso não era possível devido ao baixo valor que ganhava, sendo que esse quantitativo deveria ser utilizado para custear muitas coisas. O emprego, me deu a possibilidade de conseguir um plano de saúde coparticipativo, cartão alimentação que me permite comprar as coisas de higiene pessoal, bem como alimentos e cartão de passagem que utilizo tanto para ir trabalhar quanto para ir para a universidade.

Ainda falando sobre mediador econômico, minha família sempre teve um papel fundamental na minha caminhada, tanto financeiramente, quanto emocional. É graças a Deus e a minha família que eu vou conseguir me graduar. O apoio econômico de

minha família, se fez muito necessário desde a minha trajetória escolar até agora na vida universitária. Pois, quando eu cheguei na Universidade, um lugar distante de minha comunidade, onde tudo era novo para mim, não tinha condições para permanecer, sem a ajuda deles com certeza eu não estaria escrevendo meu TCC. Meus pais foram meus provedores econômicos e proporcionou apoio constante no decorrer da minha graduação. O fato de estudar em uma universidade pública pode ter diminuído o custo de não ter que pagar mensalidades, porém, estudar longe de casa requer apoio financeiro para poder dar sequência.

5.5 Categoria - Desafios na trajetória escolar

Essa é uma categoria que relata todos os tipos de desafios enfrentados na minha trajetória escolar. Entre esses desafios está o processo vivenciado no deslocamento até chegar aos locais onde as escolas estavam situadas. Para um estudante advindo de um quilombo, esse tipo de mudança pode ocasionar em um déficit na aprendizagem.

Em seguida será apresentada uma tabela que demonstra de forma detalhada os tipos de desafios enfrentados no decorrer da minha trajetória educacional, com os seguintes eixos: Desafio Institucional (n=26), Desafio material (n=22), Desafio Psicológico (n=13), Desafio Econômico (n=10), Situações de perigo (n=8), Soluções institucionais (n=5), Enfrentamento (n=4), Desinformação (n=2), Desafio Social (n=1).

Quadro 6 - Categorias do Eixo "Desafios na Trajetória Escolar".

Categorias	Definições operacionais
1. Desafio Institucional (n=26)	Refere-se a desafios relacionados às necessidades do estudante e as regras/limitações estabelecidas
2. Desafio material (n=22)	Refere-se aos desafios vivenciados em ordem material-coisa, sejam aqueles vinculados às condições climáticas (água, vento, chuva), ou benefícios vinculados a direitos advindos do governo. Como também se refere às características dos desafios que precisavam ser superados para se conseguir estudar: A "condição" diz respeito à circunstância e o "desafio"

	está associado com o que precisaria ser superado.
3. Desafio Psicológico (n=13)	Refere-se aos desafios de ordem psicológica, biológica e social do estudante durante sua trajetória acadêmica.
4. Desafio Econômico (n=10)	Refere-se aos desafios associados à gestão de recursos financeiros para sustentar a manutenção da vida pessoal, na universidade, a assistência à minha família.
5. Situações de perigo (n=8)	Compete aos momentos de ameaça de naufrágio vivenciados durante a travessia para estudar no continente, e conseqüentemente das ameaças sofridas por pessoas alheias.
6. Soluções institucionais (n=5)	Refere-se a suportes e soluções em apoio à continuação da trajetória institucional advinda de pares institucionais, como colegas, professores e pares hierárquicos.
7. Enfrentamento (n=4)	Posicionamento diante de desafios
8. Desinformação (n=2)	Refere-se à falta de informação sobre o modo de funcionamento dos processos associados à academia
9. Desafio Social (n=1)	Refere-se aos desafios associados às expectativas dos pares sociais.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.5.1 Desafio Institucional (n=26)

A categoria desafio institucional se fez significativa, pois reporta às necessidades e limitações das Instituições de ensino, vivenciadas por mim no processo de construção do saber. Percebe-se o despreparo e empatia por parte de algumas instituições de ensino, tanto do nível básico, quanto de nível superior, em acolher um aluno que vem de realidade totalmente contrária daqueles que as dirigem. E pessoas como eu tem que lidar com desafios que muitas vezes adoecem psicologicamente. Para que haja um acolhimento de forma que o estudante se sinta à vontade no ambiente, é necessário todo um planejamento, e o melhor planejamento a ser feito, primeiramente deveria ser feita uma consulta ao próprio estudante para

saber quais são suas necessidades. Os desafios enfrentados por mim, muitas vezes me deixaram de mãos atadas, pois não sabia a quem recorrer para ajustar ou resolver a situação que havia se instalado. Mesmo muitas vezes indo ao responsável, ele não apresentava uma solução coerente e que realmente solucionaria a questão, como por exemplo quando estava sendo perturbado na sala de aula e me dirigi para um professor e ele me pediu que fosse na diretoria, como está retratada neste ponto: *“um colega de pele branca vivia pegando no meu pé, sem me deixar prestar atenção nas aulas. Questionei o professor. Ele, por sua vez, em vez de repreender meu colega, pediu para que eu fosse à diretoria. Ao chegar, relatei o ocorrido ao diretor. Depois da conversa, ele pediu-me que retornasse à sala e chamasse o importunador, o qual ficou suspenso por um dia”*, é importante ressaltar que esse episódio aconteceu em um dos colégios de ensino médio que eu estudei. No entanto, isso não está restrito para acontecer apenas em colégio, houve uma situação na Universidade a qual a docente sugeriu que eu fosse conversar com o coordenador do curso para discutir sobre uma questão da disciplina que ela estava lecionando, a saber: *“No entanto, isso foi em vão, pois a docente chegou a me sugerir que fossemos conversar com o coordenador do curso de Psicologia, professor Paulo, para uma possível possibilidade de eu refazer esse estágio em uma outra oportunidade, chegando a dizer que não teria como me avaliar. Eu não aceitei, pois mesmo não tendo os conteúdos que ela achava necessário para me avaliar, eu estava fazendo as sessões de acordo com o que ela estava me orientando nas supervisões e não seria justo eu ter perdido meu tempo e não ser avaliado com aquilo que tinha, pois eu acredito que havia sim material para uma possível avaliação, ainda que não fosse para uma nota máxima”*. Mesmo com meu esforço, a docente decidiu por me avaliar de forma que veio a me reprovar, fazendo com que eu repetisse o componente curricular, mesmo eu provando a ela que meu paciente não se expressava de forma que eu pudesse ter conteúdo para uma avaliação mais detalhada. O componente curricular exige que aconteça no mínimo 6 (seis) sessões, só que o analisando faltava muito e quando ia não conseguia retornar com as atividades que eram passadas para casa, o que tornou mais difícil uma análise mais detalhada.

Ressalto que fazer estágio Orientação Profissional nunca fez parte dos meus planos, como retrato neste trecho: *“Devido a tudo isso, eu comecei meu estágio obrigatório, em uma área alheia àquela do meu interesse, já no meio do semestre.*

Isso prejudicou bastante meu desempenho na matéria”, até porque, eu não me identifico com a área. O fato de eu ter feito, foi por falta de opção, já que todas as demais áreas já estavam preenchidas e ter sido literalmente jogado, pois quando a maternidade não deu certo, minha escolha era outra, porém mesmo depois do professor ter aceitado me supervisionar, a coordenadora responsável pelos estágios disse que ele não poderia, pois iria supervisionar outra estudante porque era aproveitamento de estágio em ABA e ele era o único na universidade, como é relatado neste trecho: “Então eu passei a procurar contatos de alguém que pudesse me supervisionar no Serviço de Psicologia da UNEB, e consegui o do professor Diogo. Ao falar com ele, ele demonstrou interesse, porém me orientou a procurar a supervisora dos estágios. E ao entrar em contato novamente com ela para informar que o professor havia demonstrado interesse em me supervisionar, ela disse: ‘Diogo vai pegar uma aluna que é aproveitamento de estágio em ABA e não tem mais professor desta área disponível, você ficará com outra professora no Serviço, com Orientação Profissional. Vou passar seu contato para ela’”.

5.5.2 Desafio material (n=22)

Durante minha trajetória escolar, enfrentei diversos desafios, um deles é o desafio material. Algumas vezes tive meu material escolar danificado e as roupas molhadas no trajeto entre minha casa até chegar na escola, assim também no caminho da escola para casa. Em sua maioria, acontecia em tempos chuvosos ou quando o caiaque que levava os estudantes até o barco virava, como exposto nesse pequeno trecho: *“Todo o material escolar acabou danificado pela água”.*

A falta de uma escola de ensino médio na comunidade colaborou para que eu tivesse algumas perdas materiais na trajetória escolar. Pois se houvesse, não haveria a necessidade de pegar embarcação e acabar molhando os materiais escolar, como os livros e cadernos.

Já cursando a universidade, eu tive que lidar com algumas situações de desafios materiais, como por exemplo o ar-condicionado que muitas vezes jorrava água para dentro do quarto, isso acabava causando um cansaço físico pois todos os dias tinha que limpar o chão, como é reportado neste trecho: *“Era uma rotina desgastante, pois todos os dias tinha que tirar água do quarto e limpar tudo”,* bem como alguns outros utensílios da casa que precisam de manutenção e não são feitas.

O furto ocorrido na residência enquanto estávamos dormindo, nos despertou sobre a questão da segurança da casa, coisa que não nos preocupava anteriormente. Porém, após o ocorrido era de suma importância que houvesse um sistema de alarme, porém só foi instalada câmeras e fechadura digital, como registrado neste trecho: *“fora solicitado foi um sistema de alarme, mas o máximo que foi feito foi a troca da fechadura da porta que passou a ser através das nossas digitais”*, o que para mim não garante segurança. Durante o furto, não levaram nada meu, mas o fato de ter levado coisa de uso comum me afetou. Mesmo depois desse episódio, solicitamos junto a SEMUR que instalasse um sistema de alarme de segurança na casa, porém não fomos atendidos.

Alguns materiais necessitam de reparos devido ao tempo de uso, como o filtro do bebedouro que acaba não filtrando a sujeira da água, como é exposto no trecho a seguir: *“enfrentamos algumas dificuldades com aparelhos que precisam ser trocados, o filtro de água por exemplo”*, há muito tempo estamos solicitando que seja feita a troca, porém nada foi feito, como está exposto neste trecho: *“até o exato momento continua sem trocar, e como não podemos passar sede temos que beber da água que muitas vezes sai com sujeira”*. Durante meu processo educacional, tive que superar diversas situações para não desistir dos estudos. É preciso ressaltar que esses desafios me acompanharam até a minha graduação e que se fez mais notório por não estar vivendo na minha comunidade, com as pessoas que sempre me apoiaram e acreditaram na minha capacidade. Visto que, não é fácil passar por situações e não ter por perto aqueles que te dão apoio moral, econômico e principalmente psicológico.

5.5.3 Desafio Psicológico(n=13)

O desafio psicológico que me atravessaram na trajetória escolar, partiram de sentimentos de não pertencer àquele ambiente e por outros diversos fatores. Um desses fatores partiram de ameaças que sofria constantemente por parte de pessoas que se achavam superiores por eu estar vindo de uma ilha, como está exposto neste trecho: *“eu era constantemente ameaçado”*. As ameaças nos amedrontavam, pois não era fácil ter que conviver em um local onde a qualquer momento as ameaças poderiam deixar de ser meras ameaças e se tornarem reais. Esse e outros fatores, muitas vezes me fizeram pensar em desistir da vida escolar. Em toda minha trajetória escolar, houveram momentos em que eu tive que driblar minhas emoções para não parar pelo

caminho. No ensino médio as questões de estar em um colégio fora da minha comunidade onde era constantemente ameaçado e xingado, isso tudo mexia com minhas emoções.

Chegando à universidade, eu me deparei com professores que não se importavam com a história de vida do outro, se estava bem ou não, só queriam que aquilo que fora exigido por eles fossem feito. Vários textos para ler em uma semana, sem se importar que o estudante tinha outra matéria, se trabalhava ou não, e se esse trabalho era a maneira de permanecer na universidade ou não. Isso torna o ambiente acadêmico em um ambiente adoecedor, não formador de profissionais. A perda do meu pai no meu segundo semestre na universidade mexeu bastante com meu psicológico, a ponto de eu pensar em desistir como exposto aqui: *“Após a perda do meu pai, eu pensei em trancar a matrícula, e desistir da universidade, porque não tinha mais motivação para continuar. Contudo, continuei pensando em honrar a memória dele através da minha conquista e, com a ajuda de minha mãe, continuei”*. O apoio de minha mãe foi de suma importância para eu continuar, visto que para mim não fazia mais sentido, sendo que meu pai foi um grande incentivador para que eu entrasse numa universidade. Apesar disso, ele não estaria mais conosco para celebrar minha formatura, e isso mexia bastante com meu estado psíquico.

Ao saber que a universidade tinha um serviço psicológico em 2019, eu e mais duas colegas fomos lá na esperança de fazer psicoterapia, pois estávamos precisando devido a pressão psicológica que sofremos na apresentação do seminário e afins. Entretanto, até o exato momento não consegui realizar essa psicoterapia, como trago nesta fala: *“Em 2019, fui ao serviço de Psicologia com uma colega procurar ajuda. Queria fazer terapia. Fui adicionado a uma lista de espera... Estamos já em 2023, e ainda não fui chamado para fazer a anamnese, nem a terapia”*. Concluo esse autorrelato em 2024 e até então nada mudou. A universidade precisa disponibilizar mais oportunidade para que os estudantes possam fazer psicoterapia no próprio serviço.

Meu primeiro estágio obrigatório mexeu muito com meu estado emocional, quando me vi obrigado a estagiar em uma ênfase que não foi escolhida por mim, visto que se eu não aceitasse o estágio em Orientação Profissional, ficaria sem, como exposto aqui: *“Eu estava desesperado pois eu corri o risco de ficar sem o primeiro*

estágio curricular obrigatório”, eu pensei ter feito a escolha correta, porém, ter aceitado fazer esse estágio, me levou a um nível de estresse muito alto, pois a docente responsável não tinha empatia para se colocar no lugar do outro e levar em consideração a falta de conteúdo que o analisando ofereceu durante as sessões, bem como a falta de compromisso de entregar as atividades que foram propostas. Essa questão mexeu tanto com meu psicológico, que mesmo sabendo que faltava pouco pra me formar, eu pensei muito em desistir, devido ao fato de que os responsáveis pelo estágio no momento em que foi procurado(a) por mim, em momento algum se colocaram no meu lugar.

Isso não aconteceu, nem quando estava no procedimento de desligamento do que eu havia escolhido, nem quando eu iniciei em uma ênfase que fui pressionado em virtude de não haver mais nenhuma outra vaga disponível. Todo esse processo, trouxe um desafio emocional bastante desgastante que eu ainda não havia passado, isso tudo causou em mim um sentimento de inadequação, impotência, por achar que não sou capaz de conseguir concluir o processo de estágio.

Em meio a isso tudo, eu me vejo em ter que escrever meu TCC, o que já é muito estressante e desgastante, uma pressão mental absurda que acaba gerando um medo de que nada dê certo e eu acabe sendo reprovado, como está exposto nesta parte: *“No meu processo de escrita do TCC, tenho que conciliá-lo com carga horária da universidade, trabalhos acadêmicos de algumas disciplinas, a meu trabalho como Acompanhante Terapêutico, que me permite permanecer na universidade, a disciplina de estágio, e isso tudo acaba gerando muito cansaço mental e fico, e um sentimento de incapacidade por achar que não darei conta de terminar no tempo hábil, além da incerteza que terei meu TCC aprovado”*.

Mais uma vez eu trago a questão da insegurança na resistência quilombola, mas dessa vez para constatar que esse fato também favoreceu e muito para se criar uma instabilidade emocional. Esse acontecimento gerou em mim insegurança, medo e angústia, me levando a cogitar que eu ou outro estudante poderia ter sido assassinado caso tivesse levantado para ir ao banheiro naquela noite, como citado neste trecho: *“A invasão da residência foi uma situação em que corremos o risco de acordar para uma suposta ida ao banheiro e nos depararmos com o ladrão e*

acontecesse algo pior com um de nós, pois não sabíamos se o invasor estava armado e nem como agir nessa situação”.

5.5.4 Desafio Econômico n=10

Os desafios econômicos enfrentados por mim, vem desde o momento em que meus pais foram obrigados a pagar a embarcação para que eu tivesse o direito de ter acesso a embarcação para poder estudar. Pois a prefeitura que era responsável não cumpria seu papel, como relato nesse ponto: *“Por inúmeras vezes, devido ao não pagamento aos donos das embarcações pela prefeitura de Salvador, meus pais eram obrigados a pagar todos os dias para que eu pudesse continuar estudando”.* Meus pais foram de suma importância para eu estudar, especialmente nesse processo econômico, tanto durante o período escolar quanto universidade.

O apoio financeiro dos meus pais, me proporcionou frequentar as salas de aula e também para que não faltasse o alimento. Os dois primeiros semestres da universidade foram muito custosos para meus pais que tiveram que arcar com minhas despesas, tanto nas passagens para ir para a universidade, quanto nas outras áreas, como alimentação e higiene. O apoio financeiro dos meus pais mostrou o quão envolvidos eles estavam no meu processo de formação acadêmica, pois mesmo após conseguir o auxílio do Mais Futuro pago pelo Governo do Estado de R\$300,00 (trezentos reais), como eu abordo neste trecho: *“continuei recebendo auxílio dos meus pais, pois o que recebia do Governo não dava para me manter, porque eram grandes as despesas com passagens, comidas, produtos higiênicos, etc”.*

Em meio ao meu processo, surgiu mais uma despesa, eu teria que sustentar meu filho, no entanto, agora eu já estava recebendo uma bolsa no valor de R\$300, 00 (trezentos reais), porém, não era suficiente nem para me manter na universidade, tanto que eu ainda continuava recebendo ajuda da minha mãe. Então, eu pensei em trancar o curso para procurar um emprego, como podemos ver neste trecho: *“Pensei em trancar o curso, para procurar arcar com as despesas da criança”*, contudo, minha mãe e minha esposa, por sua vez, me aconselharam a continuar, pois tudo iria se resolver. Outro desafio econômico que eu enfrentei que precisa ser ressaltado, se deu quase no final da graduação, quando eu tinha que escolher entre largar o emprego e continuar em um estágio da minha escolha ou estagiar em uma outra Instituição. Porém, era através do emprego que eu conseguia arcar com as despesas, como é

exposto neste trecho: *“Era algo de que precisava, para me manter na universidade, custear passagens, suprir necessidades básicas e dar a minha esposa e meu filho algo melhor”*. Nesse momento eu já não recebia mais o auxílio do governo e estava começando um trabalho que me daria uma estabilidade financeira. Com isso, eu tive que desistir do estágio, pois assim eu poderia continuar frequentando a universidade e poderia concluir a graduação, caso contrário eu não teria como manter-me e acabaria tendo que desistir do meu curso. Ao optar a seguir no emprego, pude continuar a graduação e proporcionar melhores condições de vida numa cidade longínqua, bem como dar assistência financeira para meu filho. Caso contrário, eu estaria negligenciando beneficiar meu filho e meu estudo, pois não teria possibilidade de continuar na Universidade.

5.5.5 Situações de perigo(n=8)

Em minha trajetória educacional, passei por momentos bastante angustiantes e situações de perigo, cujo medo acabava sendo constante. Por diversas vezes, não tinha como evitar que isso acontecesse, pois em algumas situações em que o temporal ocorria já estava no colégio e para voltar para casa tinha que enfrentar a tempestade, como são exibidos nos trechos abaixo: *“Durante a travessia, enfrentei mar revolto e naufrágios. Momentos de terror!”*, *“Com o “tempo ruim” (como chamamos), os pais ficavam aflitos”, “Lembro-me bem dos momentos em que a tempestade fazia-nos perder a esperança de chegar em casa”*. Em alguns momentos, a tempestade me fazia pensar que eu não iria conseguir mais ver as pessoas que eu amo, de tão intensas que era, como está relatado neste trecho: *“Num desses momentos, o mar estava muito agitado e, no porão do barco, havia um clima de medo e desespero”* e também neste: *“Lembro-me bem dos momentos em que a tempestade fazia-nos perder a esperança de chegar em casa”*. O clima ficou tão caótico dentro da embarcação que a única coisa que dava pra ouvir eram os gritos de desespero.

Diante de todo esse transtorno, ainda tinha que enfrentar algumas pessoas que moravam no bairro e achavam que tinham o direito de amedrontar os estudantes advindos da ilha com ameaças, como mostra este trecho: *“sendo rebaixado por pessoas que se achavam superiores por viverem no Continente, ou por serem de pele clara, ou por terem uma condição financeira mais estável que a minha, ou por se acharem mais inteligentes”* e neste outro: *“eu era constantemente ameaçado”*. De

certa forma, essas situações de perigo, acabam contribuindo para que o estudante tenha seu desenvolvimento escolar prejudicado.

5.5.6 Soluções institucionais(n=5)

Antes de ingressar na universidade, contei com o apoio do gestor responsável pelo polo do projeto Universidade para Todos em Ilha de Maré - Praia Grande. Sua presença, dedicação e compromisso foram essenciais para que todos os participantes do projeto no polo pudessem alcançar o espaço universitário. Graças a ele, eu e outros não desistimos e encontramos o suporte necessário para seguir em frente. Como assim está exposto neste trecho: *“Devo muito ao gestor do projeto Universidade para Todos do polo de Praia Grande/Ilha de Maré, que foi de grande ajuda para que eu e outros não desistíssemos”*.

Em um dos momentos mais desafiadores da minha vida pessoal, quando enfrentei o falecimento do meu pai durante o segundo semestre da minha trajetória acadêmica, recebi apoio e carinho de uma professora. Esse gesto de humanidade e compreensão marcou de forma profundamente positiva a minha jornada e me fez perceber que, sim, existem professores que se importam genuinamente com a dor e as dificuldades dos estudantes.

Alguns professores foram fundamentais nessa trajetória, por sempre me incentivar a continuar, a não desistir diante de algumas dificuldades, por terem empatia e compreender que cada indivíduo tem suas particularidades e demandas. Abordo um pouco sobre essa questão nestes trechos: *“No entanto, também há aqueles docentes que te incentivam a ir mais longe, a não desistirmos. Esses são aqueles que se propõem a entender a realidade de quem vive marginalizado e excluído pela sociedade, daqueles que não tiveram privilégios em nenhuma área da vida, que não tiveram um ensino base consistente e de qualidade”*. Pensei ser importante relatar sobre esses apoios para que os demais universitários que advirão da ilha possam ler e saber que há professores com quem eles poderão contar, ainda que não sejam esses mesmos que me apoiaram, acredito existir mais como eles. Principalmente os professores negros, que são poucos, mas que entendem um pouco da realidade sobre o que é ser negro numa universidade. Por este motivo, fiz questão de ressaltar neste trecho: *“Ressalto a importância de alguns professores negros, em especial o professor Valdélío, que sempre me deram palavras de incentivo para que*

eu continuasse minha trajetória me dizendo que eu chegaria longe, que eu conquistaria não só a graduação, mas também doutorado, que me impulsiona a querer sempre mais”.

5.5.7 Enfrentamento(n=4)

Diante de algumas situações vivenciadas, eu tive que me posicionar para poder seguir em frente no meu processo. Ser muitas vezes invisibilizado por parte da turma e de alguns professores, me levou a ter que tomar algumas decisões que permitiriam meu desenvolvimento pessoal dentro da universidade, como essa por exemplo: *“Eu estava decidido a apresentar sozinho, sempre dizendo para mim mesmo (VOCÊ É CAPAZ, VOCÊ VAI CONSEGUIR)”* essa situação ocorreu, quando eu fiquei sem grupo para apresentar seminário, e mesmo com todo meu medo e ansiedade eu me coloquei como forte e corajoso. A apresentação não aconteceu, mas o fato de eu ter me disposto a fazer isso sozinho, foi uma forma de enfrentamento para mostrar que sou capaz de enfrentar qualquer coisa. Esses trechos refletem meu sentimento no momento em que eu decidi mesmo sozinho enfrentar a suposta apresentação: *“eu confesso que o medo era grande, mas estava disposto a enfrentá-lo, pois eu precisava encarar mais esse desafio em busca da conquista do meu sonho”.* *“Entretanto, mesmo sentindo isso tudo eu tinha que apresentar, pois caso eu não apresentasse eu ficaria sem nota e poderia acabar perdendo na matéria”.*

Outra situação de enfrentamento a qual eu tive que me posicionar, foi durante meu primeiro estágio curricular obrigatório, onde a professora por cogitar que eu estava me dedicando mais ao meu trabalho, (que possibilitou minha permanência na universidade), do que a disciplina curricular, pelo fato do paciente não dispor de informações que ela achava necessárias que fazer uma avaliação. É preciso ressaltar que, sempre levei tudo pronto para as supervisões com ela em Orientação Profissional, discutia sobre aquilo que o paciente dispôs como conteúdo, passei para o paciente as atividades que a docente me orientou. Contudo, nem sempre era possível dar a devolutiva para ela, visto que o paciente faltou algumas vezes e não retornou com as a maioria das atividade indicadas para ele fazer em casa.

Por medo de perder na disciplina e atrasar minha formatura, (o que acabou acontecendo), eu tentei de várias maneiras deixar claro para essa docente que embora eu tentasse de todas as formas fazer o máximo, seguindo suas orientações,

o paciente não se demonstrava muito comprometido com o processo, como exposto aqui: *“Minha reação foi tentar justificar esse meu ‘mal’ desempenho de forma que ela viesse a entender que a culpa não era exclusivamente minha”*. Mesmo assim, não foi levado em consideração, contudo, eu fiquei orgulhoso de mim por saber que tinha dado meu máximo, mesmo não tendo o reconhecimento por parte da docente em questão.

5.5.8 Desinformação(n=2)

Embora eu experienciasse a realização do exame nacional do ensino médio (ENEM) em duas oportunidades, eu não tinha a informação necessária sobre o que fazer após as divulgações das notas, como eu destaco neste trecho: *“eu não sabia quais passos dar depois da divulgação das notas”* de certo modo, o que eu tinha em mente, era que eu só precisaria realizar o exame e após a divulgação seria chamado por alguma instituição de ensino caso obtivesse uma boa nota.

No meu processo educacional de ensino fundamental e médio, minhas experiências com apresentações eram voltadas a construir um cartaz e apresentá-lo para a turma aquilo que estava ali exposto. Nunca tinha tido a experiência de ter que estudar o assunto para apresentá-lo de forma oral como se eu tivesse que dar aula, como ilustro neste trecho: *“eu não tinha experiência com apresentação de seminário. Na educação básica, as apresentações eram feitas com cartazes, e eu apenas lia o que havia escrito”*, a universidade exige outra dinâmica. Dinâmica essa, que acabou acarretando questões que marcaram minha trajetória acadêmica de forma negativa e originando ansiedade só em pensar no fato de ter que apresentar um seminário, devido ao ocorrido nos dois primeiros que já expus anteriormente.

5.5.9 Desafio Social (n=1)

Os desafios sociais que tive que enfrentar durante minha caminhada educacional, muitas vezes me deram a possibilidade de desistir, de largar tudo e procurar algo que não fosse tão desgastante, opressor e que não me deixasse psicologicamente abalado. No entanto, minha vontade de vencer, realizar meu sonho e alcançar coisas grandes para mim e minha família era maior que qualquer desafio ao qual fui submetido nessa trajetória árdua.

Mesmo diante de muitas muitas situações adversas que não dependia somente da minha força de vontade para não desistir, continuei minha trajetória, ainda que pensando em parar, como exposto neste trecho: *“A vontade de largar tudo e ficar com minha família é recorrente, mas sei da responsabilidade que tenho de me formar, de ser orgulho para mim, para meu pai, para minha mãe e para minha esposa”*, ao mesmo tempo que as adversidades enfrentadas e a saudade da família me faziam pensar na desistência, vinha como fator motivacional para continuar minha jornada e ser orgulho na vida de cada um deles.

5.6 Categoria - Experiências de Violências na Trajetória Educacional

A categoria experiência de violências na trajetória educacional, aborda os tipos de violências que eu sofri em toda minha trajetória, desde o ensino médio até a universidade. E, logo abaixo, será representada em uma tabela as categorias com suas definições, durante a análise foi possível identificar 8 (oito) subcategorias, a saber: violência institucional (n=6), exclusão - religiosa (n=4), exclusão - atividades acadêmicas (n=3), intolerância religiosa (n=3), violência psicológica (n=3), violência moral/econômica (n=1), violência física (n=1), violência racial (n=1).

Quadro 7 - Categorias do Eixo "Experiências de Vivências na Trajetória Educacional".

Categorias	Definições
1. Violência institucional(n=6)	Experiência de constrangimento gerado a partir da relação com docentes, colegas, ou pares de diferentes graus hierárquicos.
2. Exclusão - religiosidade(n=4)	Sensação de inviabilização diante do constrangimento gerado devido a narrativas negativas sobre a sua religiosidade, mesmo diante da ciência dos pares - professores e estudantes sobre a suas crenças.
3. Exclusão - atividades acadêmicas (n=3)	Sensação de exclusão em momentos de formação de grupo, seja por invisibilização ou por não engajamento de outros pares às suas escolhas. Experiências de invisibilização, desengajamento ou discriminação.

4. Intolerância religiosa(n=3)	Experiências de invisibilização, desengajamento ou discriminação. Refere-se a situações de expressão negativa a respeito da religião do estudante. Situações de constrangimento, havendo a religiosidade como pano de fundo.
5. Violência psicológica(n=3)	Ações de constrangimentos geradoras de desconforto psicológico, associados com afetos negativos como medo e ansiedade.
6. Violência moral/econômica(n=1)	Sujeições ou Constrangimentos associados a avaliações de ordem social financeiro.
7. Violência física(n=1)	Experiência de risco à integridade física imputada por um ator, neste caso, de um ator alheio ao círculo, alguém que não era um par.
8. Violência racial(1)	Constrangimentos vinculados a características fenotípicas vinculadas à etnia de pertença.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.6.1 Violência institucional(n=6)

No ambiente acadêmico, frequentemente nos deparamos com algumas formas de violência institucional que nem sempre são reconhecidas como tais: a forma rude como alguns docentes se referem a apresentações de seminários, o excesso de textos e materiais passados pelos docentes sem se importar com as demais disciplinas e com a vida pessoal dos estudantes.

Dito isto, vou começar expondo este trecho que aconteceu logo na minha primeira experiência em apresentação de seminário: *“Em minha primeira apresentação de um seminário, sem saber como proceder, com medo, tímido, sentindo-me nervoso e incapaz, um professor de filosofia, nas suas interferências em relação à apresentação do grupo, deixou-me extremamente inseguro ao humilhar a apresentação. Uma de minhas colegas teve uma crise de ansiedade, saiu em direção*

ao banheiro, onde chorou muito, sentindo-se mal pelas palavras do professor". Por vir de um docente, eu me senti violado, visto que, o mesmo está ali para ensinar e avaliar, não para agredir com palavras duras. Outro fator considerável, é que era o primeiro semestre, a primeira equipe a apresentar sem experiências relacionadas ao convívio acadêmico.

Devido a essa experiência, eu trato meu início no meio acadêmico como uma situação humilhante. Pois, nem eu, nem meus colegas esperávamos que aquele que está ali para nos ensinar, iria agir de forma tão rude quanto agiu. Por este motivo, eu defini minha primeira experiência universitária como humilhante, como exponho neste trecho: *"Minha primeira experiência na Universidade foi humilhante"*.

Em uma outra apresentação, outro professor voltou a criticar a forma que a equipe apresentou o seminário, isso fez com que gerasse um sentimento de incapacidade. Depois de ouvir tais palavras duras, vindas de quem deveria ensinar, desencadeou em mim uma certa fobia de apresentação. Toda vez que eu sei que tenho seminário para apresentar, eu lembro do episódio e começo a suar, a voz embarga e o medo de ser novamente humilhado se aflora dentro de mim.

Outra forma geracionista de violência institucional, são os excessos de textos passados pelos docentes para que possamos ler e discutir na aula seguinte. Os estudantes frequentemente enfrentam dificuldades para conciliar a quantidade de leituras exigidas com outras disciplinas e responsabilidades. Isso pode resultar em estresse, falta de tempo para aprofundar o conteúdo e até mesmo prejudicar o desempenho acadêmico. Essa prática não é exclusiva de um único professor, mas sim uma tendência em muitos componentes curriculares da instituição. Essa falta de sensibilidade pode perpetuar a violência institucional.

É importante ressaltar que algumas violências aconteceram até o final da minha graduação. A exemplo disso, foi a forma que a coordenadora dos estágios curriculares obrigatórios me tratou, devido a um impasse da instituição que eu havia escolhido para fazer o estágio curricular I. Ao solicitar que ela visse outra vaga em uma outra instituição, pois os horários da instituição escolhida por mim e os meus não estavam em concordância devido a ter que trabalhar no turno da manhã para me manter na universidade. A forma como ela estava conduzindo a situação me fez pensar que estava faltando um pouco de empatia, como eu relato aqui neste trecho: *"Ressalto*

que essa professora é formada em Psicologia, profissão que acolhe, mas nesse momento eu me senti desamparado, não esperava que ela agisse dessa forma estando na coordenação dos estágios. Senti que ela foi um pouco rude e não demonstrou muita empatia com a minha situação”.

Cursando devidamente o estágio curricular I, praticamente no meio do semestre, passei por mais violência advinda da supervisora, que agiu de forma rude tanto comigo como com outra colega, como eu abordei neste trecho: *“Em uma supervisão, a professora criticou duramente meu desempenho e de outra colega”.* Devido ao fato do paciente que eu estava atendendo não ser extrovertido, mesmo eu tentando de todas as formas colher o máximo de informações, ele não cedia, pois estava certo que a área de atuação profissional que ele queria era a Geografia. Dito isto, eu ressalto que as atividades que eram enviadas para casa, para colher mais informações, o mesmo não retornava, e ao ser questionado, ele sempre relatava ter esquecido.

5.6.2 Exclusão - religiosidade(n=4)

Desde a primeira semana na universidade, quando ocorrem os trotes feitos pelos veteranos, eu falei para todos os presentes que eu era evangélico. No entanto, o que se presenciou em algumas aulas, foram discussões em a todo momento o evangelho era atacado sem nem se importarem se eu estava na sala ou como eu estava me sentindo com a discussão. Neste trecho eu abordo sobre essa questão: *“Outro relato muito importante sobre exclusão e falta de empatia é em questão da religião. Desde o primeiro semestre todos os meus colegas sabem que mesmo eu vindo de quilombo, não faço parte da religião de matriz africana, e sim evangélica (mas respeito a todos sendo evangélicos, de matriz africana, ateu, budista, entre outras, pois entendo que todos são livres para fazer suas escolhas e ver o que é melhor para si próprio)”.*

Em algumas discussões em sala, o que se ouvia eram discursos de ódio e deboche voltado ao povo evangélico, por parte de discentes e também de docentes, como relato neste trecho: *“o que mais se viu em algumas aulas por parte de alguns colegas e até professores, foram discursos de ódio direcionados aos evangélicos”.*

5.6.3 Exclusão - atividades acadêmicas (n=3)

A sensação de exclusão nas atividades acadêmicas, se deram em diversas oportunidades durante minha trajetória acadêmica, principalmente quando eu tinha que pedir a um determinado grupo que já estava formado, cujo, o quantitativo de pessoas exigidos pelo(a) docente não estava completo e eu sentia uma certa resistência por parte de alguns para deixar.

Um outro ponto a se destacar, foi quando eu coloquei meu nome em um determinado tema, assim como os demais, e ninguém optou em pôr no mesmo tema que eu. Foi por não se identificar com o tema? Não sei. Mas o sentimento de exclusão foi mais uma vez presente em mim. A seguir um trecho do relato: *“em uma formação, fizeram um esquema de divisão no grupo de WhatsApp da sala, cada um foi colocando seu nome em um tema e os demais iam adicionando também. Eu coloquei meu nome em um certo tema e ninguém mais colocou”* neste momento, eu passei a acreditar que eu não era visto como uma prioridade para ninguém da sala quando se tratava em formar equipe para fazer trabalho junto. Essa situação, só comprovou o que eu já desconfiava quando eu trago este relato: *“Isso só provou o meu sentimento de ser excluído, não por todos, mas pela maioria. Sentimento esse que eu tenho até os dias de hoje”*.

É horrível fazer parte de uma turma onde o discurso é totalmente contrário das ações, e você não se sente acolhido em suas dificuldades.

Considerando o que já foi relatado anteriormente, durante minha trajetória universitária, me deparei com algumas experiências que me fizeram sentir-me excluído. Como já citado acima, essas experiências foram bastante dolorosas, por se tratar de uma universidade que se denomina como inclusiva. Tenho ciência que a instituição não tem inibir tais práticas, porém, é importante haver uma conscientização que busque de fato a inclusão de todos sem que haja essas exclusões.

5.6.4. Intolerância religiosa(n=3)

A intolerância religiosa leva um indivíduo a discriminar de forma odiosa a religião do outro, e durante meu processo acadêmico eu pude de certa forma ser vítima de intolerância quando um dos meus colegas falou em voz alta na sala que odeia os evangélicos com todas as forças, onde eu relato neste ponto: *“Em uma das aulas, lembro de um colega dizer que odiava os evangélicos com todas as forças”*.

Marinho (2022), se refere a intolerância religiosa como uma forma de relatar ações negativas referidas aos valores religiosos discrepantes ao que crê, e se dirige de maneira ofensiva, desmoralizando suas crenças de forma que as persiga.

A intolerância, bem como a violência religiosa, associa-se com relatos maldosos de colegas e professores sobre minha religião, sem nem se importarem como eu me senti durante os ataques referidos a minha religião. Por inúmeras vezes em sala de aula, o assunto ou os ataques direcionados à religião evangélica ganharam destaque, o que acabava sempre me deixando constrangido.

5.6.5 Violência psicológica(n=3)

No tempo em que estava cursando o ensino médio, passei por várias situações de ameaças, observamos isso neste trecho: “eu era constantemente ameaçado”. Isso, devido ao fato de que algumas pessoas não aceitavam que os estudantes da ilha estudassem no colégio. Por este motivo, vivia quase sempre amedrontado, chegando muitas vezes não ir para o colégio, pois surgiam boatos de ataques caso fôssemos ao colégio, o que causava medo.

A violência psicológica muitas vezes aconteciam dentro da sala de aula, e os professores não faziam nada para impedir, como eu discorro neste trecho: “*um colega de pele branca vivia pegando no meu pé, sem me deixar prestar atenção nas aulas. Questionei o professor. Ele, por sua vez, em vez de repreender meu colega, pediu para que eu fosse à diretoria. Ao chegar, relatei o ocorrido ao diretor. Depois da conversa, ele pediu-me que retornasse à sala e chamasse o importunador, o qual ficou suspenso por um dia*”, eram situações desgastantes, que chegava a quase me paralisar.

Em suma, esse tipo de situação não está apenas restrito a lugares como colégios. Mesmo num ambiente acadêmico pode surgir pessoas que acabam lhe causando tamanha violência psicológica que se a pessoa não tiver com seus objetivos traçados acabam desistindo. Como por exemplo, a situação que ocorreu no primeiro estágio curricular obrigatório, quando a supervisora critica de maneira desumana meu esforço e empenho em desenvolver um atendimento que gerasse engajamento, sem nem se importar que eu era apenas um estudante em formação.

5.6.6 Violência moral/econômica(n=1)

Aqui está relatado o caso de violência moral/econômica que eu enfrentei quando fui estudar nos Colégios Estaduais em São Tomé de Paripe, por não ter um em Ilha de Maré que comportasse o ensino médio.

Nos colégios de ensino médio era constantemente rebaixado por pessoas que por serem do bairro onde o colégio está situado ou dos bairros adjacentes, não sei se era por terem uma situação financeira melhor ou por serem em sua maioria de pele brancas ou por se acharem mais inteligentes, como retrato neste trecho: *“sendo rebaixado por pessoas que se achavam superiores por viverem no Continente, ou por serem de pele clara, ou por terem uma condição financeira mais estável que a minha, ou por se acharem mais inteligentes”*.

5.6.7 Violência física(n=1)

A violência física aqui relatada trata-se de um episódio isolado, que ocorreu durante o trânsito que foi minha trajetória escolar. Contudo, eu acho válido por se tratar de um acontecimento que poderia ter ocasionado um trauma, ou até algo mais grave, como por exemplo, situação de morte, e eu ter virado estatística de mais um jovem negro que teve que sair de sua comunidade para poder estudar e não retornou. Esse episódio ocorreu quando eu estava saindo do Colégio Estadual João Caribé, que fica localizado no bairro de São Tomé de Paripe, para retornar para minha comunidade. O trajeto feito de ida e volta, eram feitos a pé, onde era necessário caminhar por um bom tempo até chegar no meu destino, tanto para ir, quanto para voltar. Porém, é preciso ressaltar que, embora fosse preciso fazer esse trajeto, o episódio de violência física ocorreu em frente ao colégio, como trago no trecho a seguir: *“Outro episódio ocorreu-me quando estudava no Colégio Estadual João Caribé. Esse se deu fora dos portões escolares. Um dia, estava eu e mais dois conterrâneos saindo da escola. Havia um rapaz do lado de fora. Ele começou a me ofender com palavras injuriosas. Sem nada entender, continuei andando. Abruptamente, ele acertou-me uma pedra. Amedrontado, segui meu caminho. O rapaz continuou nos perseguindo. Depois de minutos, desistiu da empreitada. Noutro dia, fui estudar com muito medo de reencontrá-lo e ser agredido novamente”*.

5.6.8 Violência racial (1)

Na minha trajetória educacional, sofri violência racial devido a forma do meu cabelo. Meu cabelo enrolado é uma característica que faz parte da estruturação da minha identidade negra e da designação da minha classe étnico racial. Contudo, muitas vezes me levou a sentir vergonha devido a estereótipos maldosos, como se ter cabelo enrolado fosse uma coisa ruim, como relato neste trecho: *“Alguns colegas alcunhavam-me de ‘cabelo cocô de maroto’”*, era devido a esse tipo de comentários que eu acabava tendo vergonha e me fazia sentir o desejo de ter cabelo liso. Nos dias atuais tenho muito orgulho do meu cabelo e sei que ele faz parte da minha história que começou bem antes de eu nascer.

5.7 Categoria - Diáspora Educativa

A categoria diáspora educativa, revela o preço que eu tenho que pagar para poder estudar. Não é uma tarefa fácil ter que deixar na ilha pessoas que eu amo para poder estudar e construir um futuro de oportunidades para mim. Durante a análise foi possível descobrir 3 (três) subcategorias que serão expostas no quadro a seguir, a saber: preço da diáspora (n=5), sofrimento da diáspora (n=2), solução para diáspora (n=1).

Quadro 8 - Categorias do Eixo "Diáspora Educativa"

Categorias	Definições
1. Preço da Diáspora(n=5)	Refere-se ao “preço” que se paga para estudar.
2. Sofrimento da Diáspora(n=2)	Diz respeito aos sofrimentos subjetivos - Psicológicos, sociais e materiais - vivenciado para viver no continente enquanto estuda.
3. Solução para Diáspora(n=1)	Soluções encontradas e aplicadas para lidar com os sofrimentos da diáspora.

Fonte: Próprio Autor (2024).

5.7.1 Preço da Diáspora(n=5)

Devido aos estudos, eu passo a maior parte do tempo na cidade de Salvador, isso faz com que eu sinta muita falta do meu filho, minha esposa, minha mãe, entre outros, que precisam estar em Ilha de Maré, pois é o lugar em que residem. Diante disso, eu não consigo acompanhar da forma que gostaria o desenvolvimento do meu filho que atualmente encontra-se com 2 (dois) anos de idade, e eu só consigo vê-lo nos finais de semana. Dói passar muito tempo longe dele e saber que não posso acompanhá-lo no processo de seu desenvolvimento, *“Meu filho está crescendo, e eu participo pouco desse processo”*, esse trecho reflete um pouco sobre meu sentimento em relação a distância e a pouca participação no desenvolvimento do meu filho.

O final de semana passa muito rápido, e muitas vezes eu tenho que dividir minha atenção com trabalhos acadêmicos, o que acaba me tirando o tempo que seria para estar com aqueles que eu amo e me fazem falta. Isso torna ainda mais doloroso o fato de só ver minha família nos finais de semana e ainda ter que dividir a atenção com outros assuntos, como trago neste trecho: *“Ver as pessoas que eu amo apenas aos finais de semana é algo doloroso”*.

Enquanto me mantenho estudando eu tento contornar a saudade através das ligações via vídeo, no entanto eu sinto que isso não é suficiente, pois o que eu queria era estar perto, e abraçar, como relatei neste trecho: *“Mesmo assim, não é o suficiente, pois o que eu queria era abraçar, beijar, estar perto”*.

Para minha família, eu estou longe deles para poder proporcionar para meu filho oportunidades melhores nessa vida. O fato de eu sentir saudade é natural, mostra que eu me importo com eles. Contudo, é preciso abrir mão para conquistar coisas grandes na vida. Vislumbrar coisas futuras, e de grande valia para mim, que sou um homem preto, quilombola, nesse país, é ter que enfrentar a saudade de frente e seguir na caminhada até que o objetivo seja alcançado.

5.7.2 Sofrimento da Diáspora(n=2)

Ao longo da minha jornada universitária, muitas vezes eu me deparei com um sentimento de tristeza e vazio dentro do peito. Isso por estar longe daqueles que amo, principalmente do meu filho, tendo que fingir estar tudo bem, quando na verdade o que eu queria era chorar de tanta saudade. Uma das piores sensações é fingir uma coisa, quando na verdade o desejo é outra coisa, é vivenciar o desenvolvimento do

seu filho, é estar perto de sua esposa, e de sua mãe. Trago este trecho que retrata meu sentimento devido à distância entre aqueles que amo: *“E muitas vezes eu tenho que enfrentar isso e disfarçar para que ninguém perceba o quanto estou sofrendo por estar longe. É uma rotina árdua e sofredora que, às vezes, desestabiliza-nos a ponto de querer parar”*. Enquanto isso, eu passo toda semana desejando que chegue o sábado para que eu possa ir para minha comunidade e ser recebido com amor e alegria. No entanto, nem sempre é possível ir, por alguns fatores climáticos e também por demandas da universidade. Isso faz com que muitas vezes eu só consiga estar com eles de quinze em quinze dias. Findando o final de semana que eu consigo ir, tenho que me despedir do meu filho e minha esposa ainda dormindo, ou seja, eles nem me veem sair, pois preciso acordar às 3:00 (três horas) da madrugada para poder atravessar, com o coração cheio de saudade e angústia. Partindo da primícia que eu não sabia se teria mais uma oportunidade de estar com eles, acabava se tornando um dos piores momentos. O trecho a seguir reflete esse sentimento: *“O pior momento é quando tenho de sair às 3h, toda segunda-feira. Dou um beijo na minha esposa e no meu filho (ambos ainda dormindo) para poder vir ao continente trabalhar pela manhã e estudar pela tarde”*. O fato de sair para ir trabalhar e estudar sem ver minha mãe, fazia com que a situação se tornasse mais angustiante, visto que, quando eu saía, ela ainda estava dormindo.

5.7.3 Solução para Diáspora(n=1)

Pensando em aliviar o fato de estar longe dos que amo, eu utilizo a tecnologia, com eu relato neste trecho: *“A saudade aperta no peito e muitas vezes o único recurso para matar um pouco é através da tecnologia”*, para que possa de alguma forma estar presente no desenvolvimento do meu filho e no cotidiano de minha esposa. Em relação a minha mãe, é mais complexa, ela não sabe usar tecnologia, daí só consigo falar com ela através da minha esposa. Devido a distância, não existia outra solução a não ser a tecnologia, que hoje nos permite ver e conversar com quem amamos em tempo real.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo que foi dito, penso que poderia ter dito mais. Não o fiz, porque o trabalho não teve a intenção de ser exaustivo, mas, sim, de comunicar parte de minha experiência como estudante quilombola, além de evidenciar informações relevantes acerca das dificuldades vividas por mim - morador de uma comunidade quilombola. Considerei dizer coisas cujo impacto pudesse levar colegas a se identificarem com minha história, minha vivência, minha jornada universitária.

Na primeira parte da pesquisa, concentrei-me nas questões teóricas sobre o surgimento das comunidades quilombolas, pois compreendo que não há como falar delas sem mencionar as histórias de luta e de resistência que favoreceram o estabelecimento dessas comunidades. Por isso, dediquei um tempo significativo na leitura de obras que trazem considerações importantes sobre o que esteve por trás do surgimento das primeiras comunidades de escravizados fugitivos. Autores (as) como, Sucupira, Pedroza, Alves (2014); Santos (2020); Marques, Soares (2013 *apud* Santos, 2015); Souza (2023), Fonseca (2021), por exemplo, abordam essas questões. Ademais, minha pesquisa intencionou trazer visibilidade à minha comunidade, e aos desafios enfrentados por ela. Escancarar essa realidade é uma maneira de mostrar a resistência, a força e a resiliência de um povo que sofre há anos na busca por sua identidade cultural. Portanto, ter dedicado um espaço para falar das vivências quilombolas foi gratificante, porquanto me reconectou com meus ancestrais, que deram a vida a fim de que pudéssemos ter um lugar, um espaço, um lar e me levou ao profundo significado do que é ser quilombola. Isso só foi possível através das leituras de Santos (2015); Santos e Chaves (2007), que abrangeu de forma significativa essas questões.

Na segunda parte, dei destaque a minha história: um jovem negro, quilombola, cotista, estudante de psicologia na Uneb. Quis deixar claro que as duas primeiras partes da pesquisa estão intimamente ligadas: uma falando do surgimento das comunidades quilombolas; a outra, da minha experiência numa dessas comunidades. Ou seja, há um passeio pela história antiga até a história recente, com a finalidade de mostrar o elo entre o passado e o presente; entre o que nos deixaram como herança e o que temos colhido disso tudo.

Usei minha experiência porque acredito no poder transformador da educação. Meus pais também viam dessa forma. Por isso, lutaram tanto para que eu pudesse estudar. Ter trazido essa experiência para o meu TCC foi uma jornada emocionante de descobertas, de memórias, de aprendizado. Além disso, estou convencido de que as descrições realizadas neste trabalho de conclusão servirão de inspiração para futuros universitários quilombolas. Isso compensará todo o esforço empregado.

A fim de dar robustez ao texto, utilizei uma abordagem qualitativa, a qual se materializou por meio de pesquisa documental, anotações, etc. Destaco que autores (as) como Souza; Santos (2020); Franco (2005); Santos (2011), discutem sobre a utilização do método da análise de conteúdos, ou seja, abordagem qualitativa.

Minha autobiografia, na verdade, não diz respeito apenas a mim; faz também alusão àqueles cujas vivências são similares às minhas, aos moradores de comunidades quilombolas, pois todos nós temos histórias em comum: vivências que caracterizam o nosso cotidiano; dificuldades para estudar; complexo de inferioridade; luta por identidade cultural. Destarte, posso afirmar que o meu texto ecoa outras vozes as vozes do meu povo, do meu quilombo.

Por fim, deixo registrado minha gratidão por ter produzido este trabalho cujo processo de pesquisa e de escrita levou-me, em vários momentos, à exaustão, ao desânimo, à vontade de desistir. Entretanto, não me permiti parar, porque acredito que a minha pesquisa pode motivar os meus colegas, os quais sentir-se-ão encorajados a falar, a dizer, a narrar, a contar suas histórias e, através delas, impactar o ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BRAUN, H. *et al.* Estudantes Quilombolas e adaptação à cultura acadêmica, Campus Universitário de Bragança/UFPA, Nordeste do Pará. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, Humaitá, v. 17, n. 1, p. 369-392, jan./jun. 2024.
- BELANDI, C. CENSO 2022: População quilombola é mais jovem do que população total do país. **Agência de Notícias do IBGE**, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39933-censo-2022-populacao-quilombola-e-mais-jovem-do-que-populacao-total-do-pais>. Acesso em: 20 maio 2024.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 maio 2024.
- FARIA, K. “SER QUILOMBOLA É MUITO INCRÍVEL”: IDENTIDADES QUILOMBOLAS DAS CRIANÇAS KALUNGA. 2020. Tese (Pós-graduação em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- FURTADO, M. *et al.* Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & sociedade**, [s. l.], v. 26, n.1, p.106-115, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/7m7spDq5Xm6vNYFqmh89X7g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jul 2024.
- FRANCO, M. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 2021. 96 p.
- LEAL, F. **Considerações sobre as Possibilidades de uma Educação Escolar Quilombola em Minas Gerais**. 2021. Tese (Pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- MARINHO, P. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social. **Revista Sociedade e Estado**, [s. l.], v.37, n.2, p. 489-510, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/7nwNP6t5HpR4YhyWL64hbFp/>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Saúde Mental. **Ministério da Saúde**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 22 maio 2024.
- OLIVEIRA, G.; FERREIRA, H. Quilombos contemporâneos: diálogos entre passado e presente em uma perspectiva educacional de resistência. In: Colóquio Internacional: "Educação e contemporaneidade", 5., 2011, São Cristóvão. **Anais [...]** São Cristóvão: UFS, 2011. p.1-9. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10511/30/193.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- PAJOLLA, M. Estudo inédito mostra que 98% de áreas quilombolas estão ameaçadas no Brasil: Principais vetores de impacto são obras de infraestrutura, pedidos de mineração e sobreposição por fazendas. **Brasil de Fato**, 16 maio de 2024. Disponível

em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/16/estudo-inedito-mostra-que-98-de-dereas-q-uilombolas-estao-ameacadas-no-brasil>. Acesso em: 22 maio 2024.

SANTOS, A. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. **Argumentos**, Minas Gerais, v.15, n.2, p.250-258, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/269/302>. Acesso em: 20 maio 2024.

SANTOS, F. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo, v.6, n.1, maio, 2012. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/94356837/analise-de-conteudo-a-visao-de-laur-ence-bardin>. Acesso em: 14 maio 2024.

SANTOS, G.; CHAVES, A. Ser quilombola: representações sociais de habitantes de uma comunidade negra. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.3, p. 353-361, jul./set. 2007.

SANTOS, S. **Comunidades quilombolas: as lutas por reconhecimento de direitos na esfera pública brasileira**. 2012. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANTOS, L. **Condições de nascimento de crianças em comunidade quilombola**. 2015. Tese (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Salvador, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20110/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o_%20Enf_%20Lorena%20Fernanda%20Nascimento%20Santos.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANTOS, M. **Tecendo africanidades como parâmetros para educação quilombola e do campo**. 2020. Tese (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SILVA, M. **Educação quilombola: revisão sistemática de dissertações e teses no período 2010-2020**. 2022. Tese (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2022.

SOUSA, J.; SANTOS, S. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v.10, n.2, p.1396-1416, jul./dez.2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.